

As Três Verdades por Pierre Charron (1620)

Aviso: Essa tradução foi feita usando inteligência artificial de forma gratuita e privada. Por isso esse livro não deve ser comercializado, mas apenas lido e compartilhado.



Carta - Monsenhor, no ano passado publiquei o meu livro das Três Verdades, sem nele me identificar, mantendo-me secreto e escondido, como o bom Apeles atrás da sua tempestade, para ouvir o que diriam os transeuntes. Meio ano após a conclusão da impressão, Sieur Millages me informou que queria reimprimi-lo, tanto mais que não lhe restava nenhum, e vários outros lhe foram solicitados, pedindo-me para esses fins que o recebesse de volta, pois achei que precisava. Tendo começado esta segunda edição em julho, eis que (e todos prestes a chegar à sua cidade) a resposta à minha terceira verdade, impressa em La Rochelle, chegou às minhas mãos: essa foi a causa de eu ter pedido ao impressor que fizesse alteração, para substituir um pouco o curso de sua impressão, até que eu fizesse a Resposta, para inseri-la em meu livro. O que ele me concedeu de boa vontade, pelo carinho que sempre dedica ao bom serviço da Religião Católica. Mas fiz toda esta Replicação na vossa cidade e casa episcopal, tendo-a iniciado desde o primeiro dia em que nela entrei, e terminei-a em menos de três meses, trazendo-me toda a diligência que me foi possível: sem no entanto fazer qualquer intervalo no cargo e função que você teve o prazer de me dar em sua Igreja, que é pregar lá aos domingos e festas. Tendo agora deliberado, monsenhor, nomear-me nesta segunda edição (pois vários dos meus bons senhores e amigos me reclamaram, que eu não o tinha feito na primeira, não pagando por motivos que eu lhes alego) pensando que endereços eu poderia dar a ele, que lhe eram próprios e dignos do assunto, que ali é tratado, e que foi com razão e justiça, duas coisas me levaram a apresentá-lo a vocês e dedicar: um, foi você quem mais celebrou este meu livro (mais digo, do que chegou ao meu conhecimento, e que realmente me foi testemunhado) porque sem ter me visto ou conhecido, apenas pelo gosto do meu livro, você me faz, é uma honra me desejar e querer que eu me aproxime de você: você nunca parou até que eu chegue ao bem, (ou os tempos presentes parecem ser intencionados e bem usados para aqueles que tome nota disso) o outro é o grande zelo e o grande carinho que você sempre trouxe para o bem e adaptação da Religião Católica, Apostólica, Romana, para o esplendor

e crescimento do estado de ordem Eclesiástica, e para a extirpação de heresias. É muito justo que exista um grande sacerdote, que entre tantos outros brilha na piedade; devoção, amor à verdade, impugnação do erro, como você, que livros de tal substância, que são dedicados à honra e ao apoio da verdade, ao serviço da verdadeira religião, como estes, devem ser dedicados e consagrados. Na verdade é uma virtude, a qualidade como hereditária em ti (monsenhor) sendo desta grande, tão antiga, desta ilustre casa de Santa Súplica: que, além de tantas belas e honrosas marcas de grandeza mundana, tem esta prerrogativa (neste tempo bastante raro e singular) de ter permanecido virgem e livre de todas as manchas que a nova religião, a agitação civil e o contágio quase universal deste estado doentio trouxeram a várias famílias grandes e notáveis. Porque sempre lutou lealmente pela Religião, pelos Reis, pelas leis do Reino, sem se ver infectada por heresia, facção ou inteligência de qualquer forma contrária ao dever ou à razão, e mais, forjou gente suficiente, muito próprio e útil no serviço de Deus e da sua Igreja, como vários grandes Prelados fora e dentro do Reino, este é o estado nos seus maiores e mais importantes assuntos: entre outros, Monsieur Lean d'Ebrard, Sieur de Saint Suplice seu pai, um dos primeiros, que recebeu as duas ordens, ocupado nos mais belos e honrosos cargos, dentro e fora deste Reino, enviado a todos os maiores Príncipes e Monarcas do Cristianismo como Embaixador ou Visitante residente. Depois dele dois de seus filhos, seus irmãos, o mais velho sacrificaram suas vidas, e foram mortos pela causa de Deus, e pelo serviço do rei contra os hereges. Agora todo esse grande homem com sua piedade, virtude, fidelidade, agora está reunido em você e preservado em sua pessoa. Portanto, todos os dias você se esforça para dar frutos nesta santa semente através do cuidado e diligência, que você emprega em suas responsabilidades, sem esquecer nada do dever de um bom Prelado, (como você bem sabe saber e testemunhar por escrito a este grande Prelado O Cardeal Borromeus felicita a Igreja de Deus, e especialmente a sua Igreja de Caors, por ter sido abençoada com um Pastor tão bom e vigilante, a quem tão grande testemunho, e de tal lado nada se pode fazer) e um estadista suficientemente bom. Razão por que, monsenhor, tendo-lhe dedicado com muita insistência este meu trabalho, conclui ainda que seria muito apropriado; então você está prestes a ir encontrar Sua Majestade, de acordo com o desafio que ela tem, e que ela lhe fez saber, tanto por suas cartas, quanto pelo orgulhoso Marechal de Biron, e de Themes, seus primos, meu cunhado, pedir-lhe muito humildemente, como eu, que queira apresentar ao Rei a terceira Verdade, que lhe é justamente devida, especialmente porque combate um livro pernicioso, que outras vezes lhe teria sido dedicado, tanto como foi Rei muito cristão, assegurando que só poderá ser muito bem recebido por sua Majestade, sendo apresentado por sua mão: e implorarei ao Criador, monsenhor, que o mantenha por muito tempo em sua Igreja, com saúde e prosperidade.

Ao leitor - Meu leitor, você tem aqui três livros de Religião, contendo três princípios e graus de uma verdade inteira, e três fundamentos do edifício da Religião, todos completos. O primeiro (princípio) mostra que existe um Deus, que deve ser reconhecido, adorado e servido, que nada mais é do que Religião. A

segunda, que de todas as religiões, o Cristianismo é a única verdadeira. A terceira, de tantas crenças e opiniões, que se autodenominam cristãs, a católica romana é a única verdadeira. Daqui resulta esta conclusão final, está grande e universal verdade, que tem um Deus, que se manifestou aos homens através da Religião Cristã e Católica, que deve ser reconhecido, adorado, servido, para alcançar a salvação, e que à parte desta verdade há nada mais do que mentira, impostura e vaidade. Ora, destas três verdades que se baseiam na verdade, as duas primeiras são tratadas muito brevemente, sem arte, sem discurso ou extensão de propósito, como resumos ou memórias resumidas (em vez de apresentar tudo de uma só vez e na mesma linha, este grande proposição de verdade completa, apenas para tratá-los separadamente com seriedade), especialmente quando são tratados por outros muito amplamente. A terceira é mais extensa e completa, tanto para abordar o mal mais premente que mais nos pressiona, como para responder a um livro de Sieur du Plessis Mornay, intitulado Traicté de l'Eglise, que pela reputação do seu Autor, também encontrou muito crédito no mundo: por ser um falcão de belo estilo, é cheio de falsidades e de um número muito grande de grandes falhas, que são em sua maior parte descobertas neste terceiro livro. E não é só pelo que ouço que outros empreenderam este trabalho, que o farão melhor (embora eu ajude os simples), mas principalmente porque o dito du Plessis o mistura com o estado de outras disputas, em quase todos pontos de controvérsias doutrinárias e religiosas: o que só serve para confundir o assunto, tanto que por força do incidente perdemos o ponto principal. O que fiz muito bem, porque nunca seria feito (e é o que pedem) e o meu desígnio é apenas procurar marcas verdadeiras, claras e visíveis da verdadeira Igreja: porque assim cortamos do pé todas as outras disputas, que são infinitas e intermináveis. Pois os hereges, apesar de si mesmos, são obrigados a confessar que devemos permanecer na Igreja: que fora dela não há salvação: que é ela quem deve ser obedecida. Portanto, uma vez encontrado, não há mais nada a fazer senão esperar: é preciso parar aí sem discutir ou duvidar, caso contrário, acreditar e simplesmente obedecer. Mas quero avisar brevemente o leitor de duas coisas, que desejo que sejam notadas ao ler o livro de du Plessis, e geralmente todos os de seu partido: uma (que praticam como agressores) é que são milagrosos na calúnia, na taxaço e na censura, isto o que é sempre muito fácil, até cortar como um ovo, como dizem. Ora, esta é uma inferência sutil, útil para quem tem uma má causa e habitual entre os hereges, como bem observou Santo Agostinho. Por terem pela força da calúnia, como uma bateria forte e furiosa, abalado e tornado odiosa a verdade, é então mais fácil para eles substituírem na crença daqueles a quem surpreenderam ou abusaram, o que eles terão, por falta de algo melhor. Mas quando examinamos de perto as suas declarações, eles fingem, impertinentemente, que são merecedores. Eles não entendem nada de fundar, estabelecer, afetar (isso é de Deus), mas são artificiais e engenhosos para abalar e colidir (essa é a parte do Diabo), ignorantes para construir e aprender, maravilhosos para destruir e recuperar: aptos para caluniar, denegrir, e condenar, inepto para fazer melhor. A outra (que mantêm como réus) é nunca vir para a luz ou para um local de comércio, como dizem, mas como pessoas que se dedicam pelo direito da sua força a permanecerem cobertos dentro do forte, a terem sempre uma porta por trás do

comando, mostremos ou desfilemos apenas palavras bonitas e fingidas, e com muita arte, aquilo que não for muito firme, irá atingi-los, ou menos, fazer-lhes cócegas. Isso é vazio em nosso assunto. Trata-se de encontrar uma certa regra que nos guie com fervor na Religião, as marcas para conhecer a verdadeira Igreja, tão claras e fáceis de compreender, que os mais simples podem encontrar em necessidade: aqui dão outras mais obscuras e mil vezes difíceis de conhecer, do que aquilo mesmo que queremos fazer, que é a Igreja. Pois eles dão a doutrina pura, para a qual conhecer, então eles dão a escrita, ou então como foi dito anteriormente de Beze, que é a verdadeira Igreja, que tem a verdadeira fé de Jesus Cristo como é declarada nos escritos proféticos e apostólicos: o que na verdade é disputar se devemos conhecer a doutrina, bem como saber qual é a Igreja, o que devemos conhecer. Quem não vê que isto é zombar das pessoas, fazê-las sofrer e duvidar delas mais do que nunca? É com o poder plausível das belas palavras que diverte o mundo. Não existe dúvida ou questionamento se a Igreja tiver uma doutrina pura e consistente com as Escrituras e se tiver o verdadeiro Jesus Cristo. Seria uma impiedade muito grande negá-lo ou dúvida-lo: mas procuramos marcas adequadas para reconhecer a Igreja, que tem o verdadeiro Jesus Cristo e a verdadeira doutrina. Agora neste terceiro livro, estabelecemos marcas tão claras e tão fáceis, que qualquer pessoa é capaz de ouvi-las e utilizá-las, e que quem as possui, não pode mais deixar de ter o verdadeiro Jesus Cristo e a verdadeira doutrina. E estes dois não são marcados, mas sim a verdadeira e interna essência da Igreja, não são fáceis nem notórios, porque todos os partidos, mesmo os mais renomados, os atribuem com muita firmeza. Bem sabemos que além dos aqui elencados, ainda podemos alegar outros: mas contentamo-nos com aqueles aqui, como mais certos e visíveis, menos sujeitos a disputas e dúvidas, e que não podem ser rejeitados ou duvidados por eles: porque são tirados do Símbolo da fé, que recebem. Tanto é que depois de terem passado muito tempo procurando outros, ainda devem aceitar os que estão aqui, para então receberem o Símbolo da fé. Caso contrário, será visto neste livro como essas pessoas aqui argumentam, agem e defendem inteiramente com as mesmas armas e meios, os mesmos argumentos, palavras e todos os mesmos procedimentos, como os antigos hereges: e nós também, passo a passo, seguimos o rastro ali à maneira da Igreja antiga, protestando com sinceridade que fui conduzido nesta vida sem paixão, guardei-me cuidadosamente de toda amargura, embora os adversários estejam todos cheios disso, mas apenas por a glória de Deus, para a salvação dos que estão no erro. Somente eu usei estas palavras comuns de herege e cismático segundo as quais as leis, as ordenanças e o costume universal e perpétuo chamam todos aqueles que são fortalecidos pela Igreja Católica Romana.

Livro 1 - Primeira verdade: onde desde o primeiro livro de religião existe uma religião aceitável para todos, contra todos os ateus e pessoas irreligiosas. Quão prejudicial é a dúvida sobre a divisão na religião: com o desígnio do Autor.

Quanto aquela religião, que é o reconhecimento, o dever e o serviço do homem para com Deus, é o maior, o mais rico e importante dom de Deus aos humanos, do qual

deveriam ser mais cuidadosos, mais seguros e resolutos em si mesmos, e mais concordância entre eles: se é a coisa mais monótona ou friamente preocupada, até mesmo desacreditada por alguns, e por outros é a mais perturbada com dúvidas, suspeitas e disputas, a mais agitada e dispersa com divisões e parcialidade: que em o fim traz um ao outro, um desprezo, indiferença, pois a experiência nos ensina que a apostasia, o ateísmo e a irreligião são os elos das heresias, a escória de longas e enfadonhas disputas e agitações religiosas: tanto que se pode dizer que equivalem à esposa, de quem fala Plutarco, de quem vários perseguidores rasgou-a e rasgou-a tanto, que sem que cada um quisesse torná-la sua, todos perderam o uso e a posse dela em comum. Considerando isso, e para ajudar, de acordo com meu pouco poder a tais males, resolvi tentar provar, uma após a outra, três proposições, como três grandes verdades, em três níveis de construção e estabelecimento da religião da certeza contra todos os inimigos. A primeira, que deve existir, é uma religião admissível por obrigação de todos ou de cada homem: e é contra os ateus e as pessoas irreligiosas. A segunda, a de tantas religiões que existem no mundo, que existiram ou podem existir, o Cristianismo é a única verdadeira, é contra todas as outras religiões bastardas dos infiéis e descrentes, idólatras, judeus, maometanos. Estas duas primeiras propostas serão processadas por meios humanos, que estão nas mãos de cada indivíduo: porque nenhum outro indivíduo seria incluído entre os seus licitantes. A terceira, que de todas as crenças e religiões que existem no Cristianismo, a Católica Romana é a melhor: e é contra todas as seitas de Hereges e Cismáticos. Este será tratado por muito mais tempo, com mais seriedade e popularidade do que os outros dois. Pois não temos tanta pressa, nem lidamos tão abertamente com os inimigos das duas primeiras verdades, como com os desta terceira. Na verdade, a minha primeira intenção foi tratar apenas do terceiro, não pensando que havia muita necessidade de estabelecer os dois primeiros. Mas com o passar do tempo, a experiência me fez perceber que existem vários monstros no mundo, que interagem entre si entre os homens, têm rosto, formato e jeito de ser humano, e até têm semblante de cristãos, concordam com o que fazem, que descreem da primeira verdade, e zombam da segunda, como se fosse uma impostura ou uma mentira. O que declaram muito abertamente, quando em oração com alguém que os considera, que consideram ser de julgamento, querem mostrar que não são do comum e da imprensa, de modo a terem descoberto alguma luz acima dos outros homens. E destas pessoas aqui parece-me ter notado dois tipos. Alguns nunca foram outros: outros são religiosos há alguns anos, tendo dito as três verdades: mas escandalizam e incomodam tantas discussões tão vis, obstinadas, sangrentas e disputas intermináveis, que vêm durar tanto tempo, e gostam de nutrir e multiplicar o tempo todo no cristão, em ocasiões, que Deus sabe, voltam-se para a primeira verdade que até eles questionam sua susceptibilidade: ou então ficam pior no corpo. Acredita-se que seja um serviço muito útil para resgatar esses espíritos perturbados, trazendo alguma luz suave, para ajudar a encontrar algum caminho fácil, que leve à verdade e que os guie para encontrar o expediente mais seguro. Mas sinceramente me reconheci como muito insuficiente para manejar adequadamente esse assunto, não estando mobiliado, nem abastecido com o que é necessário para tal uso. Se fosse por piedade ou caridade, eu me esforçaria para

dizer o que penso que poderia ser útil às pessoas pequenas, simples e equitativas pelas quais me coloco neste trabalho, querendo me edificar.

Descrição do fundamento da religião, específico do homem - Religião é conhecer a Deus e servi-lo: embora o conhecimento de Deus possa ser propriamente chamado de conhecimento, que diz respeito perfeitamente ao entendimento; e serviço, religião, que está na vontade. Assim procede a sabedoria, é o caminho para a religião, pois o conhecimento deve amar para servir: e o entendimento, como o guia que caminha diante dele, ilumina e mostra o caminho para a vontade. Eles são o casal sagrado, a aliança sagrada e perfeita de sabedoria e religião, que nunca deveria ser separada. Entre todos os antigos, foram os mesmos professores de ambos, Filósofos e Sacerdotes: as coisas não podem ir bem quando há diferença entre eles: quando um se esforça despreza o outro. É um monstro ver sacerdotes ignorantes e estudiosos irreligiosos: que o conhecimento seja tratado pelos profanos, as coisas sagradas pelas bestas. No entanto, comumente por esta palavra religião, entendemos e queremos dizer ambos. Porque o serviço pressupõe e inclui o conhecimento, ele necessariamente o segue, Deum colit qui nuit [Ele adora a Deus que destrói]. Ora, a religião é própria do homem, pertencente a todos os homens e a todos os tempos: não há nada tão natural e universal que toque uma diferença, a tintura da religião: nada tão unânime e perpetuamente recebido e aderido por todos os homens, que a crença, a apreensão da divindade, de uma causa primeira, soberana e muito poderosa: pertence apenas ao homem: porque é o que o separa adequada e exclusivamente do resto do mundo. Em todas as outras coisas, o riso, a fala, a virtude, a razão, o julgamento, a prudência, os animais são mais propensos a serem considerados inferiores ao homem do que a não ter nenhuma participação nele. E mesmo entre os homens há alguns tão fracos, e tão mal em todas essas coisas, que dificilmente passam pelos animais. Sobre o que foi dito por um antigo, que o homem difere mais do homem do que o homem da besta. Mas só o homem é capaz de conhecimento e de religião: e é aqui que ele tira a sua verdadeira excelência acima de todas as outras, sobretudo porque através dela se aproxima de um aliado de Deus e das coisas divinas, das quais só pode enobrecer-se. Por outro lado, o homem sem religião não só não é melhor que uma besta, mas é um monstro na sua espécie, na qual a afirmação da religião é universal. Assim como todas as estrelas e tochas celestiais podem iluminar, se o sol não estiver presente, é sempre uma jornada noturna: também os sentidos e faculdades naturais da alma podem estar em sua força, desempenhar suas funções e ser dotados de belas qualidades, o homem não será removido da categoria de besta, se a religião com luz divina não brilhar em sua oração. Isto é o que é abordado neste pequeno primeiro livro. Porque embora seja uma coisa notória, gravada pela natureza até em nossos corações com tanta força, que é quase impossível livrar-se dela: e duvidar disso é como despojar-se da humanidade, você não é mais um homem: porém (uma coisa monstruosa, mas verdadeira) há vários que duvidam: vários que o elogiam fraco ou friamente: vários que não se importam, até que contestam e alegam o contrário. Aqui está então a questão, se existe de verdade uma religião que os homens são obrigados a aceitar: o que é o mesmo que dizer, se existe uma Divindade (uma

palavra que parece melhor do que Divindade, que também é atribuída a criaturas dotadas de alguns rara alta excelência, que tem seu adjetivo divino) projetando-se sobre todas as coisas, nas quais os homens devem acreditar, honrar e servir. Da simples existência da Divindade, a causa soberana e senhora de todas as coisas, não se segue que exista religião (caso contrário, haveria uma para animais e pedras), mas de uma Divindade criada e reconhecida, que é propriedade do único homem capaz de sabedoria: isso é suficiente? Porque se acreditarmos, imaginamos que ele não se importa de forma alguma conosco, com o que nos toca? Se não houver nenhuma ação em relação à Deidade conosco, porque haverá alguma ação nossa? Que lugar haverá para adorá-la, servi-la, invocá-la, confiar nela, agradecer-lhe (primeiros elementos e principais ações de toda religião) se ela não nos olha, não se importa e não nos toca de forma alguma? isso seria uma coisa inútil. A religião, portanto, pressupõe que segue necessariamente uma crença na Deidade orgulhosa de todas as coisas.

Dos ateus e três espécies irreligiosas, e cinco causas deles - Isto é o que acontece contra todos os ateus e pessoas sem religião, dos quais parece haver três tipos. Alguns negam categoricamente a Deidade, e através do discurso querem resolver não ter Deus algum: eles são propriamente chamados de Ateus, pessoas sem Deus. Esta espécie de ateísmo, primeiro, distinto, formado e universal, só pode residir numa alma extremamente forte e ousada, frenética e maníaca. Certamente parece claro que é preciso tanta, ou talvez mais, força e rigidez de alma para despojar-se resolutamente da apreensão e da crença em Deus, como tem sido bem feito. Quais são os dois extremos opostos, muito raros e difíceis. Mas o primeiro ainda mais. Tudo o que está no meio tem uma força e uma virtude medíocres, que é não ser capaz de se livrar de Deus, mas apegar-se a ele covarde e indiferentemente. Em que quase todos estão alojados mais ou menos em grau infinito, como aqueles que, por não terem a suficiência para se manterem em situação regular e a coragem de lutar, pela honra de suas honras, são livres, e suas vidas, deixem-se capturar: então aqueles que são capturados não têm nem a mente nem o coração para privar seus inimigos dos meios de triunfar sobre eles, e para se livrarem dos problemas de uma vez e longe de todo o mal. Apegar-se firme e inviolavelmente a Deus exige uma força muito grande e a atenção de uma alma sempre vinculada e tensa, um dom muito excelente e especial da graça divina, uma assistência contínua do Espírito Santo. Pelo contrário, para se libertar e ter de ensaiar o sentimento de apreensão da Divindade, uma coisa ligada à medula dos nossos ossos, é necessária uma força de alma tremenda e enfurecida, tal que é difícil encontrá-la. Estudemos e esforcemo-nos com estes grandes ateus: que com uma audácia muito elevada e furiosa quisessem abalar a Divindade acima deles, e desesperar-se de toda superioridade. Mas os mais habilidosos, que lutaram contra isso, tiveram pouco sucesso. Porque quantos, poucos conseguiram lidar com isso. Pois por mais que estejam à vontade, mestres em seus discursos, eles parecem ganhar esse ponto desafiando toda imaginação de Deus e religião: porém, admitindo que estavam com muita pressa, renderam-se como crianças. Se aparecia algum grande prodígio repentino, um monstro da ira de Deus, eles ficavam mais assustados e mais pálidos

que os outros, escondendo-se de um trovão, de uma tempestade. E assim, quando queriam confessar uma Divindade, para não temê-la, o medo das menores coisas os fazia confessá-lo. A segunda espécie é daquelas, que assim como não estão resolvidos à negatividade da Divindade, como a primeira, também não estão resolvidos à afirmação. Mas onde, como os Acadêmicos e Pirrônicos, que professam duvidar perpetuamente de todas as coisas, não se apegam a nenhum partido, porque, dizem eles, a verdade não pode ser encontrada, porque o homem não está nela capaz, que há razões aparentes de todos os lados: Ou por estúpida indiferença, nem pensem nisso, nem se importem com isso, como algo que não importa ou os afeta: deixe o mundo seguir seu curso normal, sem apreensão de qualquer outra coisa oculta, nem de qualquer outro poder superior, do que aquilo que tocam com os olhos e os dedos. E se às vezes em suas vidas, ao encontrarem uma oportunidade de negócio, ou por algum remorso pungente na alma, isso os induz a levantar um pouco os olhos e pensar sobre isso, é como um raio de luz para eles, como aqueles que caminham da noite para o dia. Por um momento, enquanto durar esse clarão, eles veem longe deles: mas no mesmo momento voltam a ver menos. Essas pessoas que não acreditam em Deus são verdadeiramente ateus. A terceira espécie, que não é tanto ateísmo formado, mas irreligião, é uma daquelas que parece ter alguma Deidade primeira e causa soberana: mas os crentes têm razão, sem cuidado, nenhuma prova de nós e deste mundo, com sua Divindade imaginária, explodem e destroem todas as religiões. Estes são os epicuristas, libertinos, camadas de ateus irreligiosos, e não menos perversos e ímpios do que os anteriores e os ateus da forma. Pois dificilmente é melhor, e talvez pior, acreditar num Deus que é impotente, indiferente, sem cuidado e prova das suas obras, imperfeito e cruel, do que não acreditar nele de forma alguma. E num certo sentido podem ser chamados de ateus, tal como São Paulo chama os efésios de gentios. Ora, por mais fantasiosas que sejam essas opiniões, forjadas por amantes doentes e desamarrados, se pudermos notar diversas causas, ou ocasiões, decorrentes da sagrada escritura, que nos toca o estado e as fontes: ela nos retrata as qualidades dessas almas forjando tais monstros: nos dizendo que a alma louca e insana pensava que Deus não existia, isto é, bestiais e brutais, porque os animais não conhecem a Deus: ou, pelo contrário, enlouquecidos pela presunção da ciência humana e fartos de opiniões muito absurdas, adquiridas na maioria das vezes pela sutileza e obstinação, sofistas e hereges, que caminham para o ateísmo. Porque todas essas pessoas têm esse artifício maligno, que é negar e rejeitar com temeridade atrevida tudo o que não é colocado em suas mãos por uma demonstração clara: chocam todas as coisas, sem nunca reconhecer de boa fé ou se render à razão: pensam que são e mostram-se muito espertos ao acreditar que receberão apenas o mínimo que puderem. Também a alma mal nascida, ou então distorcida, afogada e constituída na malícia e na crueldade, que busca a impunidade, porque assim como não quer ser submetida ao castigo ou responder por ele, mesmo a um poder tão elevado e tão absoluto, também acredita que não tem sentido: pois é fácil acreditar no que se deseja. Ela também que não consegue ouvir os conselhos empresariais de Deus, que encontra no seu sentido vários absurdos na forma de governo deste mundo, diversas dificuldades, que ela não consegue resolver, tomar uma resolução, que não

há solução alguma, não existe governador mestre: mas deixe tudo correr como pode. Também ela, que é impaciente e apesar de, tendo batido tantas vezes à porta, solicitar a Deus com desejos e orações, não percebe os frutos e efeitos que deseja, diz que não há ninguém que ouve. Também aquela que, para ver as coisas naturais andando o tempo todo, e por tanto tempo no mesmo trem (de onde deve tirar o argumento de um autor muito sábio), pensa que não tem outro mestre ou superintendente, exceto aquele eles próprios sempre caminham assim.

Razões políticas para a prova da religião - Agora é hora de protestar com eles sobre seus saltos e entrar na prova de nossa primeira verdade. Para isso, não há necessidade de desencorajar o quanto a religião serve, e até mesmo é necessária, para o estabelecimento, conservação e manutenção da vida comum dos homens, seja ela qual for, econômica ou política. Porque isso não causaria muito dano a essas pessoas, que francamente e corajosamente, tanto quanto todos os outros, ensinam que o verdadeiro meio, o primeiro e o mais forte, para manter as repúblicas, e qualquer outra espécie de sociedade humana, é regular os homens em si mesmos e nos outros, para restringi-los na obediência às leis e aos magistrados, para encorajá-los para os perigos da guerra, para torná-los modestos na paz, em suma, para torná-los flexíveis e manejáveis em todas as coisas, e para torná-los superiores, é a persuasão religiosa, sem a qual todos os outros meios são fracos e insustentáveis. Pois, além do fato de que todas as leis e punições humanas não prevaleceram, elas nada podem fazer sobre a maior parte da vida humana, porque não apenas os pensamentos, os ditados e os fatos secretos, mas todos aqueles, onde não são encontrados, estão fora de sua jurisdição: ainda assim, será fácil para muitos, por fins e sutileza, fraudar e contornar as leis, ou pelo poder abalar seu poder, cruzar suas barreiras: e na pior das hipóteses, se forem pegos, enganar, divertir ou ganhar os ministros que executam. E assim, se não há medo dentro da alma, que vem do alto, que restringe os que estão de luto, não há leis, regulamentos, nenhum rigor de punição, que dê crédito a esta força do tempo. O mais forte e mais sutil fará o que sabe fazer às custas de quem quer que seja, nenhum respeito, nenhuma obediência, nenhuma modéstia resistirá. Em suma, chegaríamos a uma vida bestial, cruel e selvagem. Dos quais disseram que a religião foi muito sabiamente influenciada e persuadida ao povo pelos primeiros e mais sábios políticos e fundadores das repúblicas: que era a base, a alma, o nervo para a manutenção da polícia: que a religião era a união das repúblicas no bem e no mal: que uma não pode receber alteração, novidade ou dano, sem que a outra o sinta, assim como a prosperidade e o aumento de uma são a vantagem da outra. Portanto, os Príncipes devem sempre promover a religião, nutrir o seu povo no respeito e no medo dela. É assim que os ateus falam sobre isso, e concedem o quanto se quiser desta forma: mas acrescentam a tudo isso, que não é por qualquer verdade, que está na religião, mas por utilidade, e que os príncipes sábios, eles não acreditam nisso em suas almas, mas eles usam isso para se gabar e é melhor perderem suas vidas: que a imagem da persuasão da religião é um erro, uma invenção artificial muito útil aos adultos: e que em público, para não desperdiçar nada, deve ser mantido e observado com reverência, e manter uma cara boa: que os

perturbadores disso são muito puníveis: mas que os homens vestidos em suas almas pensam bem o que é, e sabem que é apenas um erro, uma diversão agradável de o povo e a ocupação dos simples, para extorquir deles todo o respeito e obediência que desejamos. Como se conta sobre Minos e sua caverna, onde ele fingiu ter comunicação com Júpiter, e Cipião no Capitólio, num Pompílio com seu Aegerie, Sertório com sua Corça Branca, Mário com sua Marta Síria. Veja os maiores tiranos, aqueles que menos acreditam, embora enfrentem mais de fingimento, souberam usá-lo bem, para melhor facilitar a passagem de suas usurpações, atos iníquos e decretos cruéis. É assim que essas pessoas de bem estão longe de se render, de se tornarem religiosas, para dizer, que a religião traz grandes benefícios para estas vidas, e para a consolidação de estados e de políticas. Não a todos estes discursos políticos: devemos encontrar outros mais prementes e baseados mais na verdade do que na utilidade.

Diálogo do conhecimento de Deus - Antes de entrar neste discurso de dez raios, há um ponto importante e de considerável importância para todos, relativo ao conhecimento de Deus, que serve para reduzir as orgulhosas objeções dos ateus e das pessoas irreligiosas, que por isso se vêem impedidas de poder provar por nenhuma razão demonstrável, que não existe Deus ou prova, também queremos argumentar da mesma maneira, dizendo que não pode haver nenhuma razão necessária e suficiente para mostrar-lhes que existe um Deus e uma prova, na verdade, é muito difícil forçar um ateu e um sofista obstinados: mas a autoridade da natureza, que dita a cada um dos homens que existe um Deus, o exame das suas opiniões, é um monstro embora não seja uma questão problemática e onde a evidência é duvidosa para uma ou outra. Nós lhes garantimos que não há demonstração suficiente para explicar que é Deus: vem da grandeza de Deus. Mas não é seguido, não se pode dizer que é que Deus, pelo qual não se pode monitorar que existe um Deus, o monstro dos efeitos que há uma causa, dobrando que eles não ensinam o suficiente qual é a causa. Portanto, os negativos não podem se provar dessa maneira. No momento, queremos falar sobre a cognição de Deus e de seus meios. É dizer de um antigo grande médico de Sainct, que é perigoso falar muito de Deus, mesmo as coisas dissidentes verdadeiras. E outros sábios ditaram, que devemos falar tão, sobriamente de Deus: Aristos disse excelentemente no relato de Sêneca, que nunca devemos ser tão vergonhosos, como quando falamos de Deus. Todos devemos ser tomados de medo e modéstia somente em nome de Deus. A razão é que não sabemos de forma alguma que é, como devemos falar sobre isso, o que devemos acreditar para pensar: sobre o qual é de temer que falemos sobre isso de forma precipitada e inadequada, ou afirmando ignorantemente, ou mentindo conscientemente. Deus é incognoscível, a Divindade é o que não conhecemos nem podemos conhecer: e não pode ser ouvida por ninguém além dela mesma. A impossibilidade de conhecer a Deus vem da parte dele e da nossa: pois para conhecer uma coisa são necessários estes dois, que ela possa ser conhecida e apreendida pela mente: e que a mente seja de tal disposição, que possa ser conhecedor. Mas Deus, por sua vez, é incognoscível, porque é infinito: O infinito é, obviamente, incognoscível: e se pudesse ser conhecido, não seria mais infinito.

Tudo o que se conhece é finito, não poderia ser conhecido se não fosse finito. Conhecer uma coisa é defini-la, limitá-la, conhecer seus confrontos, sua extensão, suas causas, seus fins, seus começos, seu meio, seu pecado, seu fundamento, seu limite: Agora não há nada mais contrário ao infinito do que essas coisas. Não há, portanto, nada mais contrário ao infinito do que ser conhecido. Você teria que ser infinito, ser Deus, para conhecer Deus. É portanto, por um lado, uma presunção muito grande e enfurecida decidir determinar, assim como os ateus, que em todas as suas opiniões argumentam sobre isso como algo bastante definido, circunscrito, necessário para ser tal, dizendo que se houvesse um Deus, ele teria que ser tal e tal: Sendo tal ele faria, deveria, poderia isso e aquilo, o que não é. Por outro lado, é um abuso tentar encontrar razão suficientemente demonstrável para provar ou estabelecer clara ou necessariamente que se trata de uma Deidade. Se houvesse razão humana suficiente para provar uma Deidade, não haveria nenhuma: ou então, toda Deidade, que é produzida e estabelecida pela razão, e que pode alcançar ou aproximar-se da suficiência humana, é uma Deidade falsa e não verdadeira: Deidade é aquela que não pode ser conhecido, nem mesmo percebido: Do fantasma ao infinito não há proporção, não há passagem: O infinito é de todo inacessível, até mesmo imperceptível: Deus é o mesmo, sozinho, verdadeiramente infinito, o espírito mais elevado e o maior esforço da imaginação não se aproxima dele mais do que a concepção mais baixa e ínfima. O maior Filósofo e o Teólogo mais culto não conhecem a Deus mais nem melhor do que o menor artesão. Onde não há caminho, antes de tudo, não pode haver longe nem perto. Consideremos a desproporção que existe entre uma gota de água e todo o mar, não só na sua grandeza; a mais alta, difícil, uma ação que pode ser, como a criação do mundo, ou algo maior, se pode dizer, não é nada, não há nada para representar o infinito da onipotência, sabedoria Divina. Então Deus, eterno, todo poder, infinito, são apenas palavras que dizem no ar, nada mais para nós: não são úteis para a compreensão humana. Por nossa parte, por várias razões, uma é a fraqueza de nossas mentes, que é, que não seria infinita e que ele era reconhecível, se pudéssemos reconhecê-lo. Especialmente porque o espírito humano não pode chegar ao fim de coisas naturais cognitivas, ele pode conhecer este, que os criou, o autêntico da natureza? Agora que o homem pode conhecer todas as coisas naturais, não digo o amoroso e altamente alto; mas o que ele toca nos olhos com os dedos, ele se levanta aos pés, quem duvida disso? A natureza humana ainda não encontrou ou compreendeu a razão ou a causa, embora tenha tentado muito. E quem pode conhecer a força, as fontes, os movimentos de sua alma? O que sabemos é a menor parte do que não sabemos. O mundo seria muito pequeno se soubéssemos tudo: e se nem sempre encontrássemos formas de conhecer e aprender. Se então existem vários mundos, como nenhum grande sábio quer, estamos muito longe de conhecer todas as coisas, pois de um só, que está diante dos nossos olhos, do qual somos pedaços, sabemos tão pouco. Mas sem afirmar que foram vários, para não ofender quem rejeita esta opinião, podemos dizer (o que reduz tudo a um aos olhos de Deus) que pode haver vários, que houve e está no poder de Deus (já que é infinito, e ele nunca o faz até poder fazer mais) para fazer muitos. Certamente este mundo é apenas um ponto (diante de Deus) num vasto campo, no meio de uma

circunferência infinita. Como compreenderá o homem este campo, está circunferência, se não consegue compreender este ponto? E como poderia o homem conhecer coisas criadas e naturais, obras de um grande mestre, que tantas são artificiais, que ele mesmo fez, que não pode ouvir e permanece completamente confuso e paralisado por seu trabalho? Aquele que não conseguiu pintar a pele e a espuma de um cavalo, apesar da esponja, fez o que não conseguia compreender. Às vezes falimos e lançamos sentimentos, este entusiasmo santo, que nos surpreende e fascina, quase não podemos acreditar que nos tenha deixado: reconhecemos que mesmo que os tivéssemos estudado e procurado mil vezes, nunca os teríamos encontrado. O mundo vai e vem, aumenta e diminui, muda de conhecimento, aprende e desaprende todos os dias. Sabemos coisas que os nossos antepassados nunca souberam, e os nossos sucessores farão o mesmo conosco: e por outro lado não sabemos e não podemos assumir várias coisas que os antigos sabiam e fizeram, testemunham as invenções de Arquimedes, como recitou Plutarco em a vida de Marcelo e vários dispositivos antigos, que não podemos agora imitar ou representar. Se as coisas são criadas, finitas, naturais, artificiais, como ele conhecerá o criador, o infinito, o autor e mestre da natureza, aquele que está acima e mais que tudo, e a cujo preço tudo o que existe, é como nada? Oh coisinha lamentável, esse homem tem todo o seu conhecimento! Oh presunção louca e enfurecida de pensar em conhecer a Deus! Outra razão da nossa parte para não podermos conhecer a Deus é o meio pelo qual queremos conhecer e compreender as coisas, que é através da relação delas com o nosso próprio ser e com as nossas próprias qualidades, nas quais pela imaginação podemos entrar, enriquecer, e valorizar, mas sempre sob uma imagem humana. Qualquer pessoa que conhece ou ouve, seja Deus, Anjo, Homem, Demônio ou besta (se for) não pode saber nada. O pé e a base de todo conhecimento é o ser do conhecedor. A razão é que para cada coisa não há nada mais nobre e melhor do que o seu ser: a primeira coisa que todo conhecedor sente e ouve é a própria fé. E conhecendo tudo o mais ele usa a si mesmo, sempre se deixa levar, e relaciona as qualidades das coisas com as suas, que ele pode ampliar e encurtar, elevar ou abaixar, ampliar ou esculpir: mas fora isso sem esse pé, essa relação de acordo com este princípio, a mente não pode ouvir, adivinhar, inovar ou imaginar nada. Sobre o que Xenófanes disse que, se os animais fizessem deuses para si mesmos, eles os forjariam por conta própria. Também os homens não podem conceber ou imaginar a Divindade, exceto sob uma imagem humana, que eles selecionam, roubam e realçam tanto quanto podem, mas sempre como a ideia humana. Quem quiser tentar saltar no ar deve ceder com força, bater o pé no chão: e com isso ganha força e voa alto. Quem quiser elevar-se à consideração da bondade, da sabedoria, do poder, da grandeza divina, que tome o pé, comece o seu vôo na sua raça do humano, que ao ascender sempre refinará mais, mas neste primeiro ponto do humano será colorido por ele ao longo de seu curso. Como então o homem conhecerá a Deus, que não é nada de homem ou ser humano? É desse relacionamento, quando acreditamos demais em Deus, que vêm toda superstição, erro e toda religião falsa, tantos tipos, imaginações vis e indignas de Deus, tantas ridículas e supersticiosas. É a partir daqui também que damos a Deus mais e menos, e que lhe atribuímos mais especialmente e mais expressamente

certas coisas e ações, como quanto mais dele, mais o toca e agrada, ou mais ele usa o orgulho e a atenção: porque mais os estimamos e admiramos, mais nos tocam e nos pesam, como se o dilúvio universal fosse para nós mais do que uma gota de água, o sol do que uma folha de árvore, um império do que uma mosca, todo mundo é uma formiga. Agora sim, há mais e menos, não há infinito da Divindade. Isso deve ser feito para que as criaturas e as coisas finitas sejam afetadas de maneira diferente e desigual, não para Deus, não para o infinito. Mas pensamos e julgamos Deus de acordo com nós. Nós o fortalecemos e absorvemos nossas qualidades e humores: nunca conseguiremos nos livrar de nós mesmos. Em vez de ir até ele, nós o trazemos de volta para nós. Devemos ir a Deus para orar, espiritualizar e divinizar nossas melhores, mais elevadas e mais heróicas qualidades, e não atrair Deus para dentro de nós, incorporando-o, humanizando-o e combinando-o com nossas afeições grosseiras e carnis, como fazem os supersticiosos e falsos religiosos. Devemos traçar as linhas não do ponto onde são quase insensíveis, ampliando-as, em direção à base: ou do centro à circunferência: mas da base ao ponto, e da circunferência ao centro: para Deus também existe o pico e o centro de todas as coisas. Estamos, portanto, muito longe de conhecer a Deus. Além disso, na verdade, se tudo o que dizemos é sobre Deus, a rigor, seria apenas vaidade e ignorância, para não nos ofendermos. Bem sei que se dirá ao arqueiro que não há nada mais inteligível do que Deus: tanto mais que tudo se compreende pelo seu ser, tanto quanto deve ser compreendido: pois o que não é não pode ser compreendido. E como a cor é o objeto do olho, o som do ouvido, também o ser do entendimento. Agora Deus tem tanto ser que já não sabe como tê-lo e, melhor dizendo, é o verdadeiro ser essencial e perfeito. Parece que até então dificilmente poderemos deixar de falar de Deus: além disso, Deus é muito único, muito puro e simples. Agora todo conhecimento (digamos os sábios) é unidade, pureza, simplicidade, e só é perturbado pela pluralidade, composição, diversidade. E então Deus está tão presente em tudo, preenchendo tudo. Nos toca por dentro, por fora e a todo custo. Mas a tudo isto foi preciso acrescentar (e esta é a solução) que é preciso ser, unidade, pureza, simplicidade na presença (causas do conhecimento) da mediocridade, da medida temperada, adaptado aos princípios e dentro do alcance da nossa mente: Para um ser muito grande, a unidade, a simplicidade, a presença, surpreende a mente, impede o conhecimento, e cai no mesmo inconveniente do não-ser, da ausência, da diversidade e da confusão: que é a ignorância. A mente humana só é capaz de coisas mediocres, temperada com o seu modelo: as extremidades o surpreendem e deslumbram. Assim como a matéria bruta é incognoscível por falta de ser, Deus é incognoscível por falta de ser. A beleza, a pureza, a clareza são meios de se fazer ver com clareza: mas o brilho excessivo do sol impede-o de vê-lo com clareza. É isso que ensinam esses grandes personagens, dizendo que Deus habita, é mesmo uma luz inacessível, um ser infinito, uma unidade e uma simplicidade incompreensíveis, uma presença imperceptível. Sempre damos vários meios de conhecer a Deus: Mas todos eles são muito imperfeitos: compreendem claramente a condição atual, que é cheia de trevas e fraqueza. Cabe sempre ao sábio exercê-los e fazê-los valer o máximo que puder, para se consolar, para encontrar neles satisfação: pois é a ação mais nobre, a

ocupação mais digna do espírito, ir sobre sua obra, o conhecimento de Deus, causa primeira, autor, mestre-de-obras e governador soberano de todas as coisas. É um desejo natural do homem saber de quem ele se importa, de quem deve, de quem pode melhorar e esperar o bem. Filósofos e Teólogos apresentam três meios de conhecer a Deus, através do endereço da Natureza: Da qual existem também três tipos de nomes: epítetos de Deus e de Teologia. A primeira é através dos efeitos, que são suas criaturas: sua estrutura; a segunda, multidão e variedade; a terceira, disposição, situação e arranjo; a quarta, conexão, vicissitude e harmonia; o quinto, suas propriedades, virtudes e operações; o sexto, suas conveniências e prazeres; o sétimo, seus medos e espantos: dos quais sabemos que ele é uma causa muito grande e poderosa, criador, consagrador, governador, orgulhoso. Mas este conhecimento é muito simples, geral, vago e inconsistente. Os efeitos nunca representam inteiramente as suas causas, mesmo coisas finitas. Pois pelos efeitos do espírito humano e do sol, quem pode saber que é o espírito e o sol? Como então, através de efeitos finitos, podemos reconhecer a causa infinita? A segunda é pela negativa de toda imperfeição (que pode ser relacionada a quatro cabeças: condição natural e corporal: mutação: vazio e escassez do bem real: semelhança com as coisas criadas) o consciente imóvel, imutável, imortal, incriado, inefável, eterno, imaterial, infinito, incompreensível. E os platônicos diziam que tínhamos que conhecer a Deus, assim como conhecemos o sono através da oração da vigília. Neste caso dificilmente se poderia falhar: mas também não aprende que é Deus, mas apenas que ele não é, o que é como um pré-requisito para saber o que ele é. A terceira, ao contrário, é por afirmação, a atribuição de todas as perfeições, não apenas as que se encontram nas coisas, nas quais estão dispersas em pedaços e em medida, e em Deus reunidas, unidas e sem medida (como as costelas e linhas de uma pirâmide, que estão em muito grande número com base no corpo de gelo, mas todos unidos no ponto: e os vários valores das paridades cunhadas com a gente, estão todos unidos em um grande de ouro) do qual se chama bondade, sabedoria, poder, Deus, verdade, justiça: Mas ainda de todos aqueles que podem cair na natureza. E por isso não é nesse sentido que dizem que Deus é infinito. Este caminho é mais perigoso que os outros: porque afirma, define e determina a autoridade de Deus. E além do fato de que todas as qualidades subsistem em alguma substância, em Deus não há qualidade, é toda substância em todo ser: no entanto, cada uma delas não pode ser finita em Deus, sendo Deus todo infinito, o mesmo de toda finitude: no infinito, porque haveria vários infinitos que interfeririam entre si em Deus, que é um único infinito. Por que o mais conveniente (mas foi possível) para o homem que deseja parar de pensar em conceber a Divindade, é que a alma, após uma abstração, unifique a sela de todas as coisas, abrangendo acima de tudo, como numa unidade vaga e infinita, com um silêncio profundo de uma coisa, um espanto completo, uma admissão completamente cheia de medo e humildade, imagine um abismo luminoso, sem profundidade, sem ascensão, sem morada, sem cima, sem baixo, sem tomar-se ou agarre-se a algo que lhe venha à mente, caso contrário, perca-se ou afogue-se, deixe-se engolir pelo infinito: ao que correspondem, mais ou menos, estas antigas frases dos santos. O verdadeiro conhecimento de Deus é uma ignorância parcial,

pois o último e mais alto grau, onde cada um pode subir para chegar pelo esforço extremo de sua concepção, é o seu Deus, serve-lhe como imagem da Divindade: uma imagem sempre falsa, isto é, faltante e imperfeita. Pois ser a Deidade, como foi dito, é inimaginável, infinita, da qual a mente não pode, por qualquer concepção, nem perto nem longe, aproximar-se, não pode fazer qualquer imagem verdadeira, assim como de uma coisa, da qual ela não sabe de forma alguma que essa, isto é, basta-lhe encará-lo da forma menos falsa, menos cruel, mais elevada e mais pura possível. E assim apareceram todas essas imagens diferentes, como se fossem diferentes. As almas que os pintam no seu âmbito e capacidade, mesmo a mesma alma, muitas vezes mudarão a sua imagem, à medida que cresce, luta e se torna mais ou menos mais clara, seja pelas suas próprias forças naturais, ou então sob pressão e guiada pela disciplina e instrução tirado de outro lugar. Do que aqui haverá cada vez menos: quanto mais bela, elevada e rica for a alma, mais nobre será Deus, mais bela e digna será a imagem. Mais, digo, não para o olhar da Divindade, que não pode ser representada de forma alguma, nem recebe nem mais nem menos: mas para o olhar de outra imagem concebida por uma alma fraca e vil. Agora, como a nossa alma formará a imagem, também tentaremos expressá-la em palavras e nomeá-la, como sabedoria, bondade, poder, eternidade, perfeição. Quais palavras, como dizem os teólogos, em seu significado substancial de forma alguma compreendida por nós, não são de forma alguma próprios, pelo menos de forma alguma contrários: pois eles apenas soam toda grandeza, toda suficiência, toda boa: mas no modo de significar, que só pode ser humano e proporcional ao modelo do nosso sentido, e de acordo com o escopo de nossa inteligência, muito inadequado e indigno da Divindade. Agora, a base certa e o padrão sobre o qual devemos conceber e imaginar a imagem da Divindade, a fim de não vacilarmos em direção ao incerto e duvidoso, ou então descrermos, é aquele que foi recebido pelos antigos Padres dos Judeus, os primeiros adoradores que conhecemos, do Deus verdadeiro, e como ele é representado em palavras em suas escrituras mais antigas, e o primeiro no mundo: onde ele é retratado pelo nome, aquele que é, de quem tudo é o que eu sou, à luz de quem tudo é nada, um infinito em conjunto, criador e autor de todas as coisas, vendo, penetrando e perseguindo tudo, eterno, todo-poderoso, onisciente, perfeição, amando toda a santidade e bondade. Quem conceber e imaginar de forma mais elevada, digna e pura essas qualidades honrosas, mais bela e menos falsa imagem fará de Deus.

Razões Naturais Comprovadas da Divindade contra o Ateísmo - Agora eu estava muito ansioso para falar sobre o conhecimento de Deus: vamos nos encontrar ao nosso próprio preço, que é mostrar aos ateus por um grande número de razões, em primeiro lugar ter Deidade: visto que é proeminente sobre todas as coisas em geral e em particular. Agora, mesmo que não haja ninguém tão necessário que possa forçar o sofista e o ateu obstinado, se os persuadirem, de fato preferirão todas as mentes razoáveis: haverá, apenas o destino da malícia, uma obstinação requintada (ou tais pessoas devem se desesperar não falar) o que poderia impedi-los de acreditar. Eu os proporia completamente secos, simplesmente sem qualquer extensão de discurso, sem qualquer ornamento ou artifício. Porque nem eles, nem

aqueles a quem se dirigem, são muito populares. Podemos extrair de todas as artes e ciências argumentos específicos e demonstrativos da Divindade, bem como da razão: pois todas as coisas se relacionam com ela, derivam dela, tendem para ela: ela é a causa eficiente e final do universo. Mas todas as razões podem estar relacionadas a três classes. Porque são naturais, ou sobrenaturais e teológicos, ou voluntários e morais. Os naturais são extraídos da consideração deste grande todo, seja de forma ampla ou detalhada. Em primeiro lugar, grosso modo, da natureza, do ser e da ordem do mundo: onde somos obrigados a saber que existe um autor, e uma causa eficiente e soberana, que é Deus. Se o mundo foi feito, teve um começo (ao qual consentiu quase toda a Filosofia, e a verdade o disse), há portanto um autor e uma causa eficiente. Porque ele não acreditou em si mesmo. É impossível que uma coisa seja uma causa eficiente de si mesmo: caso contrário, seria em vez de ser: porque o eficiente é e não o efeito. Além disso, o mundo tem sido sagrado em termos de matéria, ou sem ela. Se fosse matéria, era necessário ter uma causa eficiente, que tivesse formado esta matéria, e dada a sua existência, eam redução e potentia in actum: quod nequit fieri, nisi per aliquem actum: se sem matéria, ainda mais forte tem uma causa poderosa era necessário, que o fizesse do nada, o que é muito mais do que fazê-lo da matéria: na verdade, é necessário um poder infinito. Mas quer tenha sido feito no tempo, quer tenha tido um começo ou não, deve haver uma causa eficiente, porque é infinito: Ora, toda coisa finita tem uma causa proveniente de outra coisa. O que é o eu por si só é infinito, tem tanta existência que não poderia existir mais. O modo é da natureza de uma essência finita: isto é demonstrado por todas as suas partes que são finitas: das quais o todo composto deve ser assim. E então aquilo que é infinito, não tem partes, não tem nada para dividir, para ser unido e para ser reunido na fé, como é o mundo: assim é tudo um, inteiro, completo. Ora, não pode entrar na crença nem na compreensão de que uma coisa é finita, não tem causa, não importa em outro lugar: mas é necessário distinguir o que é, do que é por si mesmo, e do que é por outros. Aquele que é por si mesmo é infinito, não foi feito, não tem causa. Aquele que é de outro está acabado, foi feito e tem uma causa. Este é Deus, este é todo mundo. Mas quem poderia ser a causa da sua finitude e de que já não é grande, senão o prazer do seu autor e uma causa eficiente? Não é por falta de espaço e lugar, que fora do mundo, é infinito: nem de sua forma, que sendo redonda pode se estender ao infinito. Se dissermos que é porque não havia mais matéria, haverá portanto um fator, conforme a diferença, já que existe matéria. Ou então que o fim para o qual foi feito não exige que seja maior: e assim terá uma causa eficiente. As causas eficientes e finais se olham e respondem sempre de forma igual. Mas a verdade é que seu pai não queria que ele fosse maior ou menor. O mundo é um corpo composto por diversas peças, todas contrárias. Este mundo é todo de contradições encadeadas quentes, frias, secas, úmidas, doces, amargas, unidas, duras, poli, ásperas, fortes, suaves, que não podem existir sem um componente primeiro, simples e descomposto de tudo. O que é composto é composto por outros, e coisas contrárias não podem ser montadas, menos concordam em manter-se unidas: porque por sua natureza procuram destruir-se: é necessária uma pessoa mais sábia e mais poderosa, que tenha colocado a mão, que como se à força os reuniu e depois os manteve nesta

assembléia. Item, aquilo que é composto e tem partes, é imperfeito: e aquilo que é imperfeito não é por si mesmo, não se pode saber que foi feito: mas deve ter sido feito por alguma perfeição e mais antigamente: para perfeição, simplicidade, caminhe diante de toda imperfeição, pluralidade, composição, como a unidade antes de todo número, da qual ele é o começo: e é Deus. O movimento, tão bem regulado, tão justo, tão igual, tão constante e imutável, depende necessariamente de um primeiro motor muito sábio e de um movimento inútil. Tudo o que é movido ou empurrado é feito por outros. Pois nada se move ou tem um movimento de si mesmo: caso contrário a mesma coisa não seria repentinamente: estaria se movendo e agindo: não estaria sendo movida, progredindo, indo ser e tendendo para aquilo, para aquilo que é movido e empurrado. Agora todos giram, são movidos tanto no grosso quanto nos detalhes: todas as coisas estão em movimento: é necessário, portanto, que sejam movidas por algum poder superior, que movendo tudo não é movido por mais ninguém, nem está sujeito a qualquer movimento. Pois se não estivesse de modo algum sujeito a ela, ainda teria que haver outra coisa, superior e mais forte, que a movesse. E assim eu iria sempre ao infinito, o que é um absurdo. Devemos, portanto, parar num último, que move tudo e não move nada. A partir do movimento, portanto, argumentamos no final um primeiro e último movimento. Agora devemos lembrar que este movimento é perpétuo e uniforme. Os Céus sempre se movem de acordo com o regulamento, que declara que este primeiro motor é muito poderoso e muito sábio: é a Divindade, que não se vê, move todas as coisas, mas por grau, o mais fraco pelo mais forte: os corpos são movidos pelos espíritos e virtudes escondidos dentro: todas as coisas inferiores pelo Céu: no final devemos chegar a um primeiro, que sendo imóvel, imutável, em eterno descanso, move tudo. O que é possível aprender através de coisas artificiais que imitam a natureza. Do martelo do relógio chegamos a uma roda, e daí a outra, depois ao peso, finalmente ao espírito do relojoeiro, que pelo seu artifício sabe movimentar todas: e ainda assim não se move. É certo que todas as coisas tendem naturalmente para algum fim, para o qual em particular para si mesmas: mas todas juntas, como um acorde ou um movimento, tendem para um fim comum e geral, que não pode ser feito sem o saber. Pois porque uma coisa incitará o agente a agir, a menos que seja conhecida, se não se sabe o que é? Ora, é verdade que quase todas as coisas não conhecem o fim, ou tendem, para o que as faz agir, até porque não têm inteligência para o fazer. É necessário, portanto, que haja uma causa primeira, eficiente e inteligente, que conheça e compreenda o fim de todas as coisas: ouça-o e vise-o para todas as coisas, que as enfrente e empurre todas para o seu fim geral. Esta razão é tão forte que forçou, mesmo aqueles que duvidaram da Divindade, a dizer que existe uma natureza natural, isto é, eficiente, agente, que leva todas as coisas naturais ao seu fim, e assim concordar com Deus de uma forma feminina da natureza. E Aristóteles diz que o coração da natureza é o coração de uma inteligência, opus nasura opus esse intelligentia, e naturam ron posse facere qua facit, nisi regatur aliqua mente sumime sapience e inteligente, qua Deus est. Consideremos mais particularmente. A multidão tão grande, parece infinita de coisas, nela, a variedade tão dura e multiplicada, tanto na disposição, o arranjo tão belo, a ordem tão harmoniosa, a concórdia tão firme, isso é

necessariamente reduzido a um primeiro infinito, muito unidade fértil, muito poderosa e muito sábia. Pois todas estas são máximas, que a multidão vem da unidade: grande e abundante variedade, vem da fertilidade abundante: ordem e harmonia onde há uma pluralidade diferente, são mantidas por uma sabedoria muito poderosa. Depois, o acabamento e a estrutura, a perfeição e a beleza, tanto do mundo inteiro como de cada peça separadamente, não podem existir sem um trabalhador muito grande e muito sábio. A visão de um retrato faz conceber um pintor, que está muito acima do seu coração, como sempre o autor da causa, o fazer e o dar são mais do que o efeito e o receber. Agora que contemplamos o edifício, a estrutura destas abóbadas celestes, onde estão alojadas tantas tochas iluminadoras, e que rolam constantemente sobre nossas cabeças: que consideramos o trabalho do homem em seu rosto, nas partes internas e no artifício do gelo, então a alma que não se vê, sua beleza, suas pesagens, suas falas e ações, que não podem ser compreendidas: tudo isso mostra claramente aos olhos, que tudo foi feito com algum propósito e que existe uma inteligibilidade muito grande. A distinção, gradação, partilha de todas as coisas, das suas qualidades naturais e essenciais, que se reduz a quatro graus principais, ser, viver, sentir e ouvir, obriga a imaginar um autor e mestre livre e maravilhoso. Os maiores corpos deste mundo, que são os Céus e os Elementos, como grandes vasos ou pisos tendo apenas existência, contêm e sustentam todas as outras coisas. Nesta primeira e mais baixa ordem de ser também estão incluídas todas as coisas que são geradas dentro do ventre da terra, metais, minerais, pedras preciosas e outros, até mesmo todas as coisas artificiais. Depois, em segundo lugar, mais altas e mais ricas estão as plantas, as árvores e as ervas, que não são quase nada em corpulência ao preço dos Céus e dos Elementos: tendo estado sempre vivos, certamente morrerão por causa delas, tomando a vida como alimento. Em terceiro lugar estão os animais, ainda menores que as plantas, porém mais ricos que todos os Elementos e as plantas, como tendo sido, vividas e sentidas, contam com estes dois outros, alimentando-se dos Elementos e das plantas pela boca. O homem é menor e mais frágil que tudo isso, mas possui em si todos os bens, para ser, para viver, para sentir, para ouvir, para usar, para comandar todos os precedentes. É assim que as coisas grandes e fortes são as menos partilhadas e ficam sujeitas às pequenas e fracas. É um argumento, que eles próprios não foram assim divididos ou partilhados, porque teriam tomado uma parte melhor, e não se teriam subjugado voluntariamente aos fracos e pequenos: mas que há um mestre acima de tudo, que assim, enquanto chovia, fez subsídio para cada um: e tendo perseguido eles, fez com que vivessem em paz e harmonia. E esta é mais uma maravilha da conexão das coisas, das vicissitudes, da inteligência e do serviço mútuo de uns para com os outros. O céu brilha, aquece, umedece e faz a terra produzir, não para si mesma. A terra carregada e nutre as ervas, então não importa. As ervas alimentam os animais. Os animais e tudo mais ficarão em casa. E assim as coisas fluem umas para as outras e todas se unem. Como todos estão assim encadeados e todos tendem para um só, deve haver alguém que tenha costurado tudo, arranjado, desenhado e direcionado a um fim. As virtudes, propriedades e excelências admiráveis e infinitas, que estão nas coisas, sendo sabiamente divididas entre elas, os efeitos minuciosos e a singularidade de cada

uma, testemunham e predizem claramente um doador muito grande e infinito, um Senhor soberano e muito poderoso. Pois como não possuem todos esses elementos dos mesmos elementos, nem os deram uns aos outros: assim como não tinham o poder de dá-los uns aos outros, também não tinham o direito de recusá-los ou não recebê-los. Mesmo as mesmas pessoas não sabem, se as possuem, não obtêm nenhum benefício, honra ou prazer delas. Que lucro ou prazer o amante obtém pela posse de pedras preciosas e suas singularidades? Eles devem tê-los recebido de outro lugar: que algum Senhor muito grande, rico, bom e liberal os tivesse assim dado a eles na medida que queria: não por amor nem por causa deles, já que eles não sabem disso. Nada, ele desenha nenhum benefício disso para si mesmo, mas para algum outro, a quem ele os faz servir. Encontramos verdade e bondade nas coisas: de grande diversidade e de vários graus: cada coisa tem sua verdade e bondade particulares: o que as diferencia umas das outras. Não é necessário que exista uma verdade e uma bondade primeira, soberana e universal, fonte primária de todas essas verdades e bondades singulares e particulares, dispersas desigualmente por todas as coisas? Porque não são pessoas verdadeiras e boas, devem sê-lo de outro lugar. Uma rosa é uma verdadeira coisa boa, uma verdadeira rosa de osso, não é verdade nem bondade, caso contrário não seria mais uma rosa: mas é verdadeiro osso: isto é, há verdade e bondade nela. Então isso vem para ele de algum outro lugar. Devemos, portanto, acreditar que temos um mar e uma infinidade de verdade e de bondade essencial que se expande, flui e se comunica através de todas as coisas, tornando-as diante de si particularmente verdadeiras e ósseas: e isto é Deus. Vejamos que na bondade e no valor das coisas existem diferentes graus do mais e do mais, de modo que no final deve haver um e perfeitamente osso: do qual quanto mais próxima uma coisa está, mais osso: quanto mais distante, também menos. Afinal, paremos em casa, por quem tudo o mais foi feito, por quem também iniciamos este discurso de razões contra o ateu, sem dar muita atenção ao corpo: seja dentro, fora, na palavra, nos sentidos naturais há força. Sabemos que o homem não é o autor do homem, visto que a sua geração acontece, sem que o pai ou a mãe pensem, sintam ou queiram: mesmo contra a vontade deles acontece: e pelo contrário, bem, quer o tenham muito grande, isso não se faz questão, ou então age de maneira bem diferente, sendo filho quando querem que seja filha, ou pelo contrário. Se de fato não está em seu poder, ser levado embora depois de uma hora, ou mesmo que só possam vê-lo morto: e antigamente a criança viva só via seus pais mortos. Se o homem é herdeiro do homem, por que nem sempre o torna bonito, alto e saudável? Por que ele faz isso de maneira coxo, falsificada, feia? Se o homem é o herdeiro do homem, ele fortalece suas veias, artérias, nervos, entrelaça-os e assim os organiza todos. É portanto ele quem desenha tão grande arte, o cérebro, a cabeça: quem faz o coração, o pulmão e todo o resto, quem está escondido dentro. Mas ele mesmo não sabe o que é, nem como tudo isso é em si, ele os ignora de todo, se não os viu na abertura de sua semelhança: e assim o primeiro homem ainda mais honrado que todos, não tendo qualquer um nunca viu. Isso é portanto, algum grande autor, que lidera tudo isso, que não está em casa, mas acima de tudo está em casa para todas as coisas. Se você disser que tal é o curso da natureza desde o início em todas as coisas, como uma

noz, que cai do chão para o chão em um campo, uma árvore cresce dela, sem que a árvore sinta, veja ou pense qualquer coisa: sendo tal a força e o trem das coisas naturais. Mas quem é a natureza que lhe deu esse rumo? essa força? quem fez a primeira noqueira? quem estabeleceu esse rumo para as coisas e as conduz para que não falhe? quem fez este começo, senão o que dizemos, um autor soberano, que age por sua vontade, conhece as coisas por seu poder e sabedoria infinita? Depois do corpo, onde o homem tem tão pouco, como se diz, venenos para a mente, que é um abismo, que nunca poderemos compreender: como então isso poderia fazer com que esse espírito existisse mil maravilhas, que todos aqueles, que tem, não ouço. O entendimento está acima de todas as coisas sensíveis, porque as compreende todas, ainda que as mesmas coisas não sejam compreendidas, e ainda mais discursando, concebendo muitas, e muito acima de todas estas, monstro que há coisas inteligíveis acima das sensíveis, e ainda assim quem está acima, não apenas esses inteligíveis, mas também acima disso está o entendimento: isto é, ele mesmo, quem acredita neles. A nossa compreensão cognitiva ouve todas as coisas, não pode ouvir-se nem conhecer-se, não sabe de onde vem esta grande capacidade de conhecer o resto. Ele, portanto, não acreditou mesmo: é necessário necessariamente que haja um entendimento acima do nosso, que conheça o nosso, e tendo feito isso, ouvindo em nós o que não podemos ouvir, dá-lhe o poder de ouvir o resto. Ou seja, é só ele quem se cerca e se conhece: e assim está infinitamente mais acima de nós, do que nós: isto é, nosso entendimento não está acima do resto, que ele entende. Os pensamentos do nosso coração, as imaginações do nosso cérebro, os desejos da nossa vontade, as concepções, invenções e discursos da nossa mente e compreensão, que são infinitos, que não podemos prender, mudar ou pôr de lado, mas antes carregamos afastar e preocupar a todos, mostra claramente que não somos donos de nós mesmos. E como estaríamos no lugar dessas grandes partes internas da alma, que não podemos apenas ordenar com um dedo da nossa altura para serem mais longas ou mais curtas? Há portanto um Senhor acima de nós, que é grande, poderoso e de perfeito entendimento, infinito em todas as coisas, pois o homem, que de todo o Universo não é nem um grãozinho, é infinito em seus pensamentos, desejos e ações da alma. Assim, todas as coisas, e tudo no corpo, que é o mundo, e cada um em si, clamam e pregam em todos os sentidos um Deus, autor e mestre soberano: não podemos esconder-nos da sua Majestade e grandeza, que a cada momento, de todos lados se apresenta para nós, nos toca, nos bate, nos pressiona.

Razões internas, morais e naturais comprovadas da Divindade contra o Ateísmo -

Depois de tantas razões externas, que consistem no discurso, existem ainda outras internas, sensíveis, morais, específicas e naturais do homem, que mostram que a crença na Divindade, semente e tintura da religião, é tão forte marca e névoa na alma da própria natureza, da qual ela não consegue se livrar, mesmo que a veja. O consentimento geral, universal e unânime de todas as nações e de todos os homens é um argumento muito grande e muito poderoso. Estando tão unanimemente unidos, é natural e verdadeiro. Não pode ser a sorte, tão variável, menos a razão, tão difusa e ondulante, que tenha persuadido isso de maneira tão geral, tão

constante e tão unânime. Então é natural. E dizer no pecado é portanto o próprio Deus: é um toque e um toque da sua grandeza no coração de todos. Ora, Deus, a Natureza, a bondade soberana e a verdade não podem decepcionar ninguém. Certamente uma confissão e profissão de religião universal tão grande por parte de todos, monstro que está claramente plantado ali por natureza. Pois como estaríamos todos de acordo em geral sobre uma coisa dolorosa, que traz consigo medo, sofrimento e obrigação, se fosse permitido e livre passar sem isso, se pudéssemos descarregar isso? O homem se irrita por ser dependente dos outros, só faz isso por aborrecimento, querendo naturalmente ser respeitado por si mesmo. O que significa então que esta seja uma submissão tão geral e voluntária de todos, a ponto de adorar coisas inúteis, vis e ridículas, exceto que o sentimento da força da religião é telescópico, que de qualquer maneira ela é desejada? expressar, e com isso buscar alguma satisfação e alívio para sua alma? Se a religião é uma coisa vã, o homem é mais miserável do que qualquer criatura, sofrendo e rezando por muitos prazeres e confortos por amor a ela, o que nenhum outro animal faz. Agora, como foi dito, a religião do capítulo 2 afirma isso e o coloca acima de todo o resto, cercándolo com a Divindade, a causa soberana, ensinando-o a desejá-lo, amá-lo e reivindicá-lo. A diversidade das religiões é bem avaliada pelo mundo: diversidade de crenças, de orações e sacrifícios, mas por todo um sentimento universal de Divindade. E é uma diferença tão grande poder ajudar a confirmar este consentimento: porque é um monstro que não é uma doutrina contagiosa, ou um truque, que se vende a descoberto de um para o outro, uma conspiração de inteligência mútua, mas que todos a encontram no ar, no clima e até em si mesmos. Esta imediata e de forma alguma pensada invocação de alguma ajuda soberana e extraordinária, quando o homem se encontra envolvido e profundamente imerso em algum desastre muito premente e violento, in repentinis terroribus, e cum premimit vis maior, certamente testemunha, que há uma naturalidade na impressão de Deus e uma semente de religião na alma. É natural voltar-se e dirigir-se, mesmo de forma insensível, ao seu Príncipe. Sendo uma inspiração puramente natural, não pode ser em vão. Agora ele demonstra claramente que não só tem Deus no mundo, mas que sabe tudo o que nele se faz, que pode remediar tudo, que pode cuidar das coisas humanas. Este sentimento, um remorso de consciência tão violento e apaixonado, cheio de tormento e ansiedade, do qual os ímpios não conseguem livrar-se dos seus crimes, é um argumento infalível de uma superioridade soberana, ao qual devemos responder. Pois o que significa que embora todo o medo, toda a dúvida e apreensão humana tenham sido removidos, quer seja tão secreto que não haja testemunha ou acusador, ou que seja tão grande e tão elevado que não haja juiz, não há ninguém neste mundo a quem se deva prestar contas: ou então por terem sido homens absolvidos e justificados? se a alma permanece tão cruelmente agitada pelas fúrias, repleta de tormentos e medos, que todos os prazeres, ocupações, lisonjas e passatempos mundanos não podem apaziguá-la. Não são portanto os homens, como se diz, não são os mesmos, que amando-se, e valorizando-se tanto quanto possível, foge do seu desconforto. É certamente alguma Majestade muito grande e poderosa, alguma superioridade muito formidável e soberana, da qual não podemos nos esconder, nem nos

desorientar: sob a mão da qual nos encontramos, que tendo a virtude de fazer o bem à vontade, pune e só vinga o mal. É por isso que alguns chamam isso de religião do medo e da consciência.

Razão e provas sobrenaturais da Divindade contra o ateísmo - Depois do estado das razões naturais, que mostraram que existe uma essência primeira, soberana e infinita, causa eficiente, senhora e orgulho de todas as coisas, existem razões superiores e mais requintadas, que mostram que existe uma soberania infinita do conhecimento, justiça e perfeição, que é Deus. Além do que toda a tropa dos mais nobres filósofos confessou abertamente, a experiência nos ensina, pela força da crença, que existe algum poder espiritual invisível, oculto, superior e mais forte que todo humano: porque o domina e é ganancioso. É o domínio dos espíritos bons e maus e dos demônios, pelo qual não apenas os corpos humanos são violados, atormentados e impedidos de realizar suas funções naturais e ordinárias, mas também as almas perturbadas e agitadas, as imaginações corrompidas e o consumo perverso. Isto é algo que não pode ser negado ou ocultado pelos ateus: eles ouvem a mulher, o idiota, falando grego, latim e outras línguas estrangeiras, falando sobre doutrina, que eles não entendem nada: eles vêem coisas estranhas sendo feitas, que não estão dentro da suficiência de quem os faz, nem de qualquer outro ser humano. Agora há ainda outro poder superior, que comanda e domina isto: ao qual todos esses demônios deveriam ser e obedecer: pois não pode haver família, assembleia, ordem ou estado sem algum líder ou governador: é a soberania de Deus é a Divindade, em nome da qual os demônios são reprimidos, expulsos e forçados, os demoníacos são expurgados e destruídos. Sócrates, acusado de não acreditar em Deuses, chegou ao ponto de se purificar disso dizendo, que havia ensinado, que existiam demônios, que eram apenas ministros dos Deuses. Outra grande prova clara do altíssimo poder divino está nos milagres, pelos quais as regras, o trem e a ordem da natureza são alterados. Quais milagres foram divulgados e realizados por todos: estes não podem ser duvidados, sem serem rabugentos e contradizerem os livros, as histórias, a fé e as crenças de todos. Há, portanto, algo maior e mais poderoso do que todo o mundo e toda a natureza, que se mostra acima da Lei, que ele mesmo estabeleceu: e a dispensa, quando lhe agrada. É Deus. Outra prova da Divindade está nas previsões das coisas futuras, contíguas e livres, que não têm causa, nem raiz na natureza, quando são previstas: previsões, digo, não feitas ao acaso, em geral, obscuramente, por exemplo, rostos: mas certos, precisamente especificados e determinados, que tiveram então suas execuções inteiras e verdadeiras em todas as suas partes. Pois tal conhecimento claro e certo das coisas futuras só pode estar no espírito infinito, eterno, autor de tudo, ao qual todas as coisas estão sempre presentes, que é Deus, que o recebe aos homens através de seus ministros, mesmo através de incrédulos para servir sua glória. Agora, existem vários exemplos memoráveis de tais previsões que não estão sujeitas a diferentes facetas e interpretações. Isaías previu fervorosamente o nascimento, em nome do rei Ciro, e que ele daria liberdade aos judeus cem anos antes de nascer. Daniel profetizou claramente sobre as quatro monarquias, até onde elas eram: e ainda mais, ele previu com determinação a desolação no fim da

religião judaica. As Sibilas previram várias coisas com certeza. Não toco aqui, e com razão, nos Profetas, que falam de Jesus Cristo e da sua Igreja, nada mais do que a razão, que podemos tirar da fé e da crença, que deve ser dada às Sagradas Escrituras da Bíblia, estabelecendo sua autoridade e verdade. Este não é o lugar, nem entre os ateus, onde tais argumentos deveriam ser usados. Concluiremos, portanto, este capítulo, com este tipo de razões contra todos os descrentes da Divindade e inimigos da religião por parte dessas pessoas. O que o discurso da razão, a nossa imaginação e a nossa inteligência nos ensinam, nos mostram, devemos aceitar para acreditar. Pois já que a mente é capaz, por sua própria força natural, de recebê-lo, e a razão nos leva a isso, por que não acreditamos nisso? A casa não deve fazer dificuldade que a crença chegue ao ponto em que ela seja conduzida pela inteligência e pelo discurso da razão. Ora, é que a mente pode conceber uma essência muito elevada, muito poderosa, muito ossuda e, em todos os sentidos, muito perfeita: e não apenas pode concebê-la, mas certamente a concebe, e é levada até lá, chega até mesmo a ser empurrada pela força, pelo discurso da razão, considerando, ordenando e compondo os bens, singularidades e excelências, que estão em todas as coisas abaixo e acima de si mesmo: rolando e elevando sempre a imaginação através da busca e concepção de alguma natureza é sempre mais perfeito na sua essência, até que no final chega a tal altura, tão perfeito, que a vista se perturba e se perde de medo, de admiração, de respeito: e isto é Deus. Pois Deus é a coisa maior e mais perfeita que podemos conceber. Para aqueles que têm uma imaginação mais forte e ativa, porque se elevam mais alto, e percebem uma perfeição maior, cheguem pela morada da natureza mais perto da imagem de Deus. Mas vamos colocar melhor desta forma. Deus está acima de tudo o que podemos imaginar, o maior e o mais perfeito. Porque tendo Deus dado ao homem o espírito com o poder de conceber e de ouvir (o homem não o deu a si mesmo), ele se guardou ainda mais. E cada doador é, como tal, maior e mais rico que o receptor. Ora, é que o espírito é capaz do infinito, está no poder de conceber uma coisa infinita, tudo isso que o número, que não pode, portanto, ser tão graduado, que por adição não pode ser aumentado: de modo que, apresentando-se à mente uma coisa tão grande e dispersa quanto se deseja, que então será finita, o espírito se torna sempre capaz de ir além, e imagine um maior e melhor, e sempre diga de novo, de novo, de novo, sem nunca parar. Concebendo, portanto, uma coisa que lhe é infinita pelo poder, e Deus estando acima de toda concepção, a mente é obrigada a acreditar em um Deus realmente infinito, pois chega lá pela imaginação capaz de infinito, *potentia* e *infinita cogitatione*. Pois o que é infinito em potencial deve realmente ser verdadeiramente infinito. O que é mais, e acima do que é infinito apenas pela imaginação e pelo pensamento, é em si essencial e atualmente: caso contrário, a mesma coisa seria maior e menor, que imaginação, para quem imagina: uma coisa absurda.

Razões especialmente comprovadas do fenômeno divino, tanto em geral como em particular: contra os epicuristas e irreligiosos: distinção entre os efeitos indicados

- É bastante estranho, por muitas razões, que exista uma primeira Deidade, a causa soberana e eficiente de todas as coisas: que é o primeiro ponto fundamental

da religião. A outra, que é que é a mesma Deidade que de repente unirá apenas os orgulhosos sobre todas as coisas, é razoavelmente concluída a partir da primeira: e as razões apresentadas acima, para provar que existe uma Deidade, também provarão, pelos mesmos meios, uma certa prova. Especialmente o quinto e o sexto dos naturais, capítulo 6, que são do movimento perpétuo e uniforme, e do fim particular e comum às coisas. Que ambos não podem ficar satisfeitos com um orgulho contínuo, que nada mais é do que uma assistência sábia na condução das coisas até ao seu fim. Também toda a moral do capítulo 7. Mas porque esta prova é negada por alguns, que no entanto parecem acreditar numa Divindade, como os epicureus, e outros são mal confessados, com restrições e modificações, ainda precisamos, além do que acima, fale sobre isso de forma mais expressa. Dos que o adoram, alguns, como Aristóteles, tiram-lhe as coisas corruptíveis e baixas, deixando-lhe apenas o celeste, alto e incorruptível, onde permanece escondido e encerrado sem se preocupar aqui em baixo: os outros ainda o deixam inferior, o homem, pela dignidade do seu espírito: os outros lhe dão todas as coisas, mas apenas em massa e em geral, não em particular ou em detalhes. Alguns o privam de coisas casuais e fortuitas: privam-no de coisas necessárias, que dependem, dizem, do destino. Agora, contra todos eles, da mesma forma e pelos mesmos meios, devemos mostrar que Deus é supremo sobre todas as coisas, em geral e em particular. Pois também na verdade Deus cuida de tudo ou de nada. Em primeiro lugar, daí decorre que ele é Deus, Criador de todas as coisas. Por que ele teria feito, se quisesse deixá-los abandonar se não os quisesse por sua prosperidade manter, levar ao pecado deles? Ou você seria, seria esse poder, sabedoria, que usou o monstro para fazer, para criar, para organizar todas as coisas, se continuasse a dirigir? E então vemos em nós, as coisas não vão para o perigo: notamos claramente do governo, da polícia. Mas o que isso colocou? Quem os criou? Pode conceber e imaginar uma Deidade orgulhosa de todas as coisas. Se Deus não tivesse influência sobre todas as coisas, não sendo tão grande e perfeito que a mente possa imaginar, ele não seria Deus; seria menor e inferior à concepção humana: o espírito criado seria maior que ele, e mais digno de ser Deus, que ele. Se há algo escondido, exemplo da soberba de Deus, não é infinito, não é estabelecido por todos, é limitado deste lado, há algo fora dele, à parte dele, que acontece bem sem ele. Assim é, seja governado por si mesmo ou por outro: e assim haverá outro Deus, dois Deuses e duas orgulhosas. Se há algo de que Deus não cuida, teria que ser por culpa ou de poder, ou de vontade, ou de saber conduzi-lo: em qualquer caso, não seria mais Deus, não seria mais todos estes três para criar todas as coisas, por que não usá-los para governar todas elas? Que razão há para confessar, negar, duvidar mais de um do que do outro? Por que um será considerado mais absurdo, confuso e difícil do que o outro? É muito melhor e mais excelente poder governar e dirigir todas as coisas do que não. Ser capaz de fazer nossas coisas é melhor do que não poder fazer nada. Deus, portanto, foi capaz de controlar todas as coisas. Tudo o que há de bom, de belo, de excelente em nós está perfeitamente em Deus: pois o nosso é apenas um gosto, esse derramamento deste mar, desta fonte infinita. Mas em nós e em todas as criaturas, existe alguma prova pela qual cada coisa tinha sua natureza: é, portanto, em Deus muito grande, perfeito, infinito. E é disto que deriva

o nosso, daquilo que é natural às coisas, que não o sentem, nem pensam que o têm, como os animais, as plantas. Todas as coisas, por menores que sejam, fazem parte deste grande edifício dos unificadores. Não há nada tão fino, pequeno e minúsculo aos nossos olhos, que não olhe a perfeição do comportamento de todas essas pessoas: cada coisa tem seu lugar, sua posição, seu lugar: ao seu próprio movimento, seu golpe, sua ação certa, definida, interrompida: o sangue coagulado da água, a folha de uma árvore, o cabelo de nossa cabeça, sua agitação é a agitação de todo o universo. É necessário, portanto, que o governador mestre e o superintendente geral desta tempestade tenham controle sobre tudo, e sobre todas as coisas, até as menores. Porque tudo é dele, tudo o toca, tudo importa para o grande. Na verdade, vemos as maiores convulsões, batalhas, subversões de estados e impérios, que poderiam originalmente provir de causas muito pequenas e leves. Estas razões são extraídas da consideração de Deus, da sua natureza, bondade, perfeição e como consequências da sua primeira obra de criação. Mas do que vemos praticado no modo das criaturas, podemos tirar diversas conclusões. Não é uma demonstração muito bonita de que a diferença entre as formas humanas, que em uma multidão tão grande e infinita, não há duas semelhantes? qual diferença é notado no rosto, proporção, cor, gestos, voz. Em primeiro lugar, não se pode dizer quão importante é esta diversidade, necessária para o bem dos homens, e que confusão e desordem causaria se não existisse. Pois não podíamos nos reconhecer ou discernir: e assim não podíamos distinguir o amigo do inimigo, o pai do estranho, a mãe da linhagem e da irmã. Assim, através de todo incesto, perfídia (pois não se sabia a quem se devia, teria-se prometido e jurado), roubo, crueldade e toda maldade sem medo de punição. Bastaria manter-se atento ao fato: porque depois de não ser mais conhecido e discernido, os homens seriam: como os ***, quanto a conhecer os homens, não haveria outra diferença senão a idade e a grandeza. Uma República, uma Lei e uma Polícia não poderiam ser estabelecidas através da confusão de superioridade e inferioridade, de cargos e deveres. Sendo tão importante esta diversidade, é um belíssimo benefício e testemunho de uma proeminência significativa e muito amorosa. Porque além disso, ele não pode vir. Por que não poderia amadurecer por natureza, se sabemos tudo: apenas agir, se várias formas fossem semelhantes, como vemos amadurecer outras coisas naturais, onde a variação não é necessária, água, ar, terra, neve, grãos, frutas? Por acaso, se governa, ainda mais, como se vê nos objetos ideias de já, e outras coisas do destino, ou por diversas vezes se encontra e devolve a mesma coisa, embora se veja, e se tente fazer de outra forma e divinização. Isso é, portanto, certamente uma prova muito sábia e cuidadosa, que para o bem do seu coração mantém o olho, a mão de que as formas são feitas e produzidas diferentes. A descoberta também da punição dos crimes de maldade mostra claramente uma prova: porque às vezes é feita de uma forma tão estranha, tão distante do pensamento esperado dos homens, que somos obrigados a reconhecer com medo, que trouxe o assunto até aqui. O Poeta Íbico, ao ser morto, vendo-se sozinho, sem ajuda nem testemunhas, convocou os grous, que voavam, para se vingarem da sua morte. Percorremos um longo caminho sem conhecer os autores desta morte, por mais rapidamente que a concretizamos. No final, enquanto a cidade andava, ela se reuniu no teatro para

algum espetáculo, onde também estavam os assassinos de Íbico, aqui estavam guindastes voando e passando pela praça. E os assassinos começaram a rir, dizendo: Aqui estão os vingadores de Íbico: o que alguém percebe é de justiça, eles estavam prontos, e confessaram tudo. Um tendo matado o pai para decepção de todos, sem ter sido acusado ou suspeito, um dia tendo derrubado um ninho de corujas, e os mortos, quando questionados sobre esse fato, responderam que essas aves lhe incomodavam, apenas soltando gritos e publicar o assassinato de seu pai. A justificação de Susana, e a descoberta dos seus falsos acusadores descrita nos escritos autênticos dos judeus, é deste tipo. Existem tantos exemplos desse tipo que os livros estão diante de nós todos os dias, se tivermos cuidado. Ora, os movimentos e efeitos desta prova são diferentes, maravilhosos, muitas vezes escondidos das nossas mentes, secretos e ofensivos à nossa compreensão, contrários aos nossos sentidos, dos quais nascem tantas imaginações, opiniões fantasiosas e disputas sobre esta prova. Dele vieram estas palavras de natureza, magia, fortuna, destino, necessidade, prodígio, milagre. Em suma, o que é e o que visam todas as ciências, as artes, as disciplinas reais (para excetuar as particulares) senão descobrir como compreender as fontes, ponderar, a cadeia de agitações e efeitos desta orgulhosa! É o fim de um labirinto demasiado obscuro para quem respira este ar corruptível: basta adicioná-lo e adorá-lo nesta vida, é preciso ser recebido noutra para ouvi-lo. A curiosidade humana é atormentada e atormentada depois, mas a cada passo seu ponto fica embotado. A modéstia se contenta em acreditar que existe uma ocorrência única e universal, divina, unificada, banquetando-se com tudo, governando e agindo com muitos, em pequena medida. Mas como agem de maneira diferente aos nossos olhos, nós os ingerimos de maneira diferente. Esta diversidade não está de forma alguma em Deus, deve ser considerada nas coisas médias e nas causas instrumentais. Em primeiro lugar, em termos naturais, uns são móveis, outros estáveis, imóveis, alguns simplesmente naturais e existentes, outros além deste sensível e apetite, outros ainda inteligíveis, voluntários e livres, cujos movimentos, inclinações, faculdades são tão diversos. Agora Deus coloca tudo isso em ação e faz com que cada um aja de acordo com sua natureza, sem quebrá-los, corrompê-los ou interrompê-los. Por tê-los feito eles, para ser, para permanecer, para lhe servir eles, por que deveria alterá-los ou forçá-los? Quem é o trabalhador tão estúpido que não consegue usar todas as suas ferramentas, por mais diluídas que sejam, sem desperdiçá-las forçando-as? O líder do exército usa para a vitória um número tão grande de pessoas diferentes não apenas na nação, na língua, nos humores, nas armas, mas na vontade: uma lutando pela honra, outra pelo orgulho, outra pelo ganho: e ainda mais consistente, alguém apto e qualificado para uma coisa, que empregado em outra, estragaria tudo. E todas estas diferenças particulares contribuiriam, em geral, para a vitória do Príncipe. Todos os diferentes movimentos dos corpos celestes, dos quais nascem tantas formas e configurações diferentes no céu, tantas mutações e diferentes estações no ar: a cabeça e todos os corpos inferiores, são todos levados sem estar em qualquer forma alterada ou forçada a eles, particular pelo grande, universal e uniforme monumento: o único que, sem seus deuses particulares, não poderia, mais do que eles, sem ele, criar todas essas formas, estações e movimentos do mundo. Em

segundo lugar, na sua forma diversificada de agir e de ser movido e utilizado pela primeira causa comum dos efeitos. A Providência determina agir e utiliza ordinariamente, segundo o estado que estabeleceu, meios naturais, comuns e ordinários. Agora, se eles são notórios para todos, dizemos efeitos naturais. Às vezes, também a providência age sem meios, e contra todos os meios comuns, e por meio de contrários, para monitorar autoridade, que ele está superando a lealdade que ele colocou: que ele pode dispensar quando ele o agradar: o que vamos para um milagre. É assim que falamos diferentemente deste orgulho e dos seus efeitos, porque diferentemente ele se mostra aos nossos olhos. Terceiro, na dignidade dos efeitos, que é mais ou menos grande, segundo o fim último, a que as coisas se destinam. Pois a prova é a condução das coisas até o seu fim. Agora é necessário que minha conduta seja proporcional e responsiva no final. Conforme o fim é mais elevado e mais nobre, assim a prosperidade e a conduta em si agem mais ricamente: assim como o sol produz outros efeitos nas folhagens das árvores do que nos espinhos: embora seja o mesmo, também não lhe custa um do que o outra: a alma age mais nobremente no coração e nos olhos do que nos pés e nas unhas. Assim, esta prova estende-se a tudo; ou quem o toca, age mais especialmente sobre os homens do que sobre o resto das coisas corpóreas, destinando-os a um fim mais nobre e superior: dos quais ele os representa para vários em conjunto com a perseguição de um em particular para seu bem e necessidade, um espírito para guardião e pedagogo. Pois os demônios e os espíritos, os menores, isto é, da ordem mais baixa do nível, que os genil quiseram chamar de pequenos deuses plebeus, e os cristãos, anjos bons, são guardiões e feitores dos leões, que estão em a primeira categoria deste que vem depois deles, e abaixo deles, isto é, as coisas corpóreas, são como seus vizinhos: como os homens, os últimos são guardiões dos animais mais nobres ou úteis. Certamente cada um de nós, que quer provar e ouvir, sente que existe outra mente, diferente da sua. E ainda mais finamente, Deus tem o dom das pessoas boas, das quais é chamado de amigo, pai, protetor, pastor e, principalmente, Deus.

Respostas às objeções de ateus e pessoas irreligiosas contra Deus - Ouçamos agora os ateus falarem: ouçamos as suas objeções que são, como dito acima, proposições de erros, absurdos, incompatibilidades e inconsistências, que eles querem extrair do estabelecimento da Deidade. Todos fazem coisas indignas, imprudentes e cheias de uma presunção insuportável, praticando muito mal o que muito bem disse Aristóteles: Que nunca devemos ter tanta vergonha ou medo, como quando falamos de Deus. São diversos: alguns olham para a natureza e a essência de Deus, como os de Sexto Empírico, o grande professor do Pirronismo. Se Deus existisse, seria um animal: e assim ele teria sentidos, seria uma capacidade de prazer, de dor e, conseqüentemente, de morte. Item ele teria que ter um corpo, tanto para viver (pois toda a vida está no corpo) quanto para falar, caso contrário ele ficaria comovido. Item, se Deus existisse, ele seria infinito: e portanto não poderia retornar de um lugar para outro. Item, se ele tivesse todas as virtudes, seria imune às paixões: pois existem várias virtudes, que são apenas freios das paixões. Se ele não tivesse todos eles, tudo de bom estaria nele. Quem não vê a estupidez e a impertinência destes

argumentos, que medem Deus pelo pé pequeno do homem, e certamente indignos de resposta e de serem considerados. Também se deve acreditar que aqueles que os fizeram não falaram, é claro, e estavam bem conscientes da sua fraqueza: mas quiseram assim debater, contradizer e argumentar sobre todas as coisas para apoiar sempre o seu axioma, de que não há nada certo: que todas as coisas têm duas faces. É ser muito animal, muito corpóreo, muito bestial e de origem, pensar em Deus como corpóreo, tendo ou tendo vida ou estando em uma condição animal, corpórea ou humana. É infinito, não se move nem está sujeito a movimento. Se fosse estreito, seria imperfeito e não infinito. E Deus não tem virtude: ele é bom e perfeito, não por meio da virtude, mas por natureza, que é sem comparação mais excelente. Em Deus não há acidez nem qualidade, nem virtuosa nem outra. Deus é naturalmente, essencialmente, a mesma bondade e perfeição. Os outros tocam e ofendem sua onipotência. Eurípides diz: se Deus existisse ele poderia fazer todas as coisas: mas não pode fazer fogo frio, nem neve negra: Plínio, que não pode matar-se quando quiser, como o homem: só quem viveu não viveu, tem nenhum outro direito sobre o passado senão o esquecimento: que dois sejam dez sejam vinte, e mil outros iguais. Que loucura, que raiva falar assim, querer descrever a onipotência em si mesmo e depois limitar a de Deus. Quem sabe, ou quem pode saber, que todo poder infinito, teríamos que saber e saber até onde tudo se estende, tudo, infinito, divindade, para isso teríamos que ser tudo, ser infinito, ser Deus. Os teólogos, a fim de fornecer alguma regra pela qual não possamos de forma alguma saber o que Deus pode, dizem que Deus pode tudo o que pode ser, cujo ser não inclui o não-ser: isto é, para usar os termos deles, o que não implica contradição. Implica uma contradição entre ser e não ser ao mesmo tempo, como o fogo é frio, a neve é negra, e o que foi, não foi, Deus morre, duas vezes dez para não ser vinte, etc. Porque está tudo junto, estar em ser, fogo, neve, fato, duas vezes dez. Ora, Deus que é ele mesmo, inimigo do não-ser e do nada, pode ser tudo como o seu semelhante: não pode ser o não-ser, o nada, o seu oposto. E também poder não ser, e nada é não poder, é não poder, é falhar, é desfazer. Isto é bem dito para eles: pois os homens não podem dizer melhor: isto é o mais longe que podem ir. Os anjos talvez digam mais e melhor: mas digamos o quanto quisermos, o que podemos dizer ou ouvir do infinito? dizer que Deus pode ser tudo o que pode ser, porque ele está sendo: é o mesmo que dizer que Deus pode ser tanto quanto ele é: que seu poder é tão grande quanto sua natureza: seu poder como seu ser. E isto é verdade: pois tão grande é o poder da coisa quanto a sua natureza: mas quem sabe quão grande é a natureza de Deus? Mas devemos saber como medi-lo, para medir seu poder: saber até onde ele pode, o que pode e o que não pode. Como então nos comprometemos a falar, argumentar e compreender o poder de Deus, quando não conhecemos a sua natureza? Ambos são da mesma magnitude em medição: ambos infinitos, e ambos são apenas muito simples e muito infinitos, de forma alguma cognoscíveis pelo finito criado. Outros chocam a sua sabedoria, a sua bondade, a sua grandeza: como os dos epicuristas, que encontram no mundo várias coisas que não seriam verdadeiras, ou pensariam de forma bem diferente, se existisse um Deus, isto é, um bom, autor sábio, justo e governante do mundo. Porque há várias coisas, dizem, inúteis: uma grande parte da terra é estéril e inabitável: uma grande extensão de

mar é inútil, assim como a chuva no mar, os rios e a areia, até as feras nocivas, as feras, as venenosas, espinhos, geléias, trovões, tempestades, doenças: itens vis, abjetos e indignos, tantos tipos de moscas e vermes. Não é bom ouvir o homem julgar as obras de Deus e os segredos da natureza? Quem não é nada quer controlar as obras daquele que é tudo e que tudo fez: como se conhecesse bem o seu desígnio e a sua intenção em todas as coisas: se tivesse na cabeça a razão, as fontes e os motivos de Deus e do universo. Ele não vê nem sabe o que está a seus pés e com o que lida todos os dias: eis que ele examina e determina os corações do Eterno Todo-Poderoso. Quantas ferramentas vemos no consultório de um cirurgião e de um artesão, incluindo que não sabemos usar? Quantas coisas feitas pela arte, que ignoramos, mesmo que as olhemos mil vezes? Quantas observações muito importantes vemos feitas a um líder de um exército, cujos motivos afinal desconhecemos, e todos permanecemos pensativos e espantados, sem ousar desafiá-los ou culpá-los? Com que respeito devemos admirar as obras de Deus, reconhecendo a fraqueza do nosso entendimento e tremendo sob a onipotência do infinito, que faz todas as coisas? mas vamos responder a cada objeção em particular. Você diz que existem coisas inúteis e até prejudiciais. Sim, talvez, o que você deseja e o efeito que você desfaz. O mundo não foi feito só para você; eles são úteis para outras coisas, que você não vê, nem quer, ou não pode ver. Desta forma, todas as coisas seriam inúteis e prejudiciais: porque não há nada que possa servir para tudo. Quem quiser discorrer sobre todos os pontos, descobrirá que aqueles que são considerados os mais inúteis e prejudiciais são muito úteis aos olhos, à vista e ao conhecimento de todos (mas não prestamos atenção a isso): e sem eles aconteceriam vários grandes males, transtornos e inconvenientes. Este mundo seria feio, imperfeito, carente de mais do que muitos bens, que surgem por causa ou por ocasião dessas coisas consideradas por esses sindicatos da natureza, inúteis e prejudiciais: mas para não parar tanto aqui, para falar sobre isso em geral, eu te digo que não são assim, isso você diz, mas a culpa é sua, sua ignorância, indiscrição, criação ou malícia, que os torna assim para você. E mesmo que pareçam sê-lo por um lado ou por uma razão particular, ou mesmo considerados isoladamente: mas por vários outros motivos, e depois comparados ao todo e ao ponto todo, para o qual todas as partes devem ser utilizadas, muito bom e útil. Muitas vezes o que é feio por si só é muito bonito em companhia, ou mesmo serve para tornar o resto bonito. O que por si só parece inútil ou prejudicial para alguém, é útil se aplicado corretamente. Os próprios venenos são benéficos para a saúde e contra a peste. Os mais nobres antídotos são compostos dele. Todas as coisas, disse um filósofo, têm duas faces e duas alças, uma pela qual devem ser levadas, a outra pela qual devem ser deixadas. Em última análise, eles são inúteis, pois servem à glória de Deus e à sua própria. Pois é glória para Deus que todas as coisas foram feitas por suas mãos. Você diz que há tantas pequenas coisas no mundo que são vis, abjetas e nada, que não é de forma alguma indigno e vergonhoso tê-las feito; Quanto mais cuidar disso é a prova: é demais rebaixar-se e de forma alguma se contaminar para se envolver em cuidar de coisas tão pequenas: e assim Deus se arrepende demais de se preocupar com tantas coisas. Caímos facilmente em vários erros quando falamos de algo que não entendemos. Quando quase seguimos o

caminho desde o início, quanto mais caminhamos, mais nos distanciamos da meta. Antes de mais nada, veja que você não se engana ao considerar as coisas pequenas, vis, abjetas, que são muito grandes e admiráveis. Mede as coisas pela bitola, ou pelo peso, ou pelo volume e pela massa? Talvez aches que as moscas e as formigas são vilãs e nada. E o que é que há nos elementos, na terra, nas árvores e nas plantas, que seja tão grande, tão rico e admirável? Uma vida tão viva, um sentimento tão rápido e delicado, um movimento tão livre e leve, uma polícia, uma inteligência, uma previsão tão exata, tantas partes e tantas maneiras de perceber o corpo: e tudo isto, todas estas grandezas e riquezas numa coisa tão pequena. Não há nada tão vil que não seja para a glória de Deus: tão pequeno que Deus não se sinta presente nas coisas muito grandes, e tão grande que não tenha de se curvar perante as mais pequenas. Sabemos que de pequeníssimos começos nasceram grandes impérios, que por pequenas coisas foram destruídos e revertidos; que por pequenas ocasiões e de nada se travaram grandes e sangrentas batalhas, e todo o mundo só em combustão. Mas isto é o que é: queremos sempre relacionar-nos com Deus, e julgá-lo segundo nós mesmos, como se disse no cap. 5, porque para nós e para o nosso juízo há coisas grandes e pequenas, umas admiráveis, e outras de ordinário: assim pensamos em Deus, e cremos que os *** são mais de Deus, do que as couves da nossa horta, do que os mexericos de um Ancião. É mais para um pintor fazer um manto de pano de ouro do que para um escritório, nem para um pintor semear abóboras do que ***. E por que Deus se preocupará em dar tantas coisas, quando somente Ele é tocado e agitado pelo sopro de seu espírito, e fez todas as coisas, e fez tudo? Aqui está sua alma acabada, que todos juntos, sem trabalhar, sem pensar, observando e dormindo, poderiam nutrir e crescer todas as partes do seu corpo, tanto diversos, quanto unhas e cabelos, que nada mais são do que excrementos. Por mais que a alma e a virtude que está na planta sejam feitas: o sol fazendo seu caminho (sem contar o que ele faz lá em cima para tantas estrelas e outros corpos mais próximos dos seus, que não sabemos) ele pode iluminar e ser capaz de iluminar lá embaixo, tão longe dele, sem dificuldade, para um milhão de plantas e povos todos diferentes e diversos. O que devemos pensar de Deus, do infinito, para quem o sol não é mais do que um porteiro?

Resposta às Objeções dos Irreligiosos contra a Providência Divina - Em suma, as maiores e mais prementes e universais opiniões, em que toda sorte de pessoas, mesmo os Sábios, tropeçaram, são contra a Providência, na qual se entende a sua bondade, a sua sabedoria, a sua riqueza. Pois é uma coisa muito boa, sabia e sabia por fim às coisas. Providência, digo, não é uma semelhança geral de todas as coisas: pois é ***, que temos apenas conversa, mas especial para casas. Devemos, por isso, responder a esta questão de forma mais alargada. Há duas objeções principais, uma diz respeito ao corpo e a outra ao exterior: porque é que com tanta desigualdade os maus prosperam, abundam e escapam às dores que merecem, enquanto os bons sofrem tanta pobreza, vergonha e sofrimento. A outra, que é a mais premente, diz respeito à alma: por que razão tantos erros e opiniões fantasiosas vieram à tona, e por que tanta desgraça é cometida ao mundo. Certamente não é por isso que ouvimos os conselhos de Deus, as fontes, os motivos

e as circunstâncias de sua vontade, de sua providência. Se assim fosse, parece que ele não seria mais Deus, ou que nós não seríamos mais homens. Menos ainda há razão para querermos assujeitá-lo e organizá-lo com as regras do nosso sentido e do nosso julgamento. Assim como não há nada tão claro nem tão simples como acreditar e reconhecer um Deus, mas nada tão difícil como saber o que ele é: assim somos obrigados a acreditar numa Providência muito grande e profunda, que preside e governa este mundo: mas ouvir as suas causas, os seus movimentos, como não é razoável, também não é possível. Mas não vamos contribuir para o escândalo de muitos, e satisfazer aqueles que têm alguma razão para julgar. A primeira objeção é: porque é que os bons têm tantos males e sofrem tanto, e os maus têm tantos bens e prosperidade? Brinquemos agora com os bens, as honras, a saúde, a vida: antes de tudo, responder-lhes grosseiramente é confundir os termos e pressupor a falsidade. Para a riqueza, a honra, a posição, a saúde, o prazer, a duração da vida, não são verdadeiramente bens, tal como a pobreza, a humildade, o desprezo, a doença, a brevidade da vida, não são males, e só podem ser assim designados por palavras abusivas: ou com estas palavras de descontos, externos, bastardos, fugitivos, falsos, caducos, corruptíveis. Ora, todos esses bens e males são comuns a todos, e têm uma parte indiferente neles, tanto os bons como os maus. Para estes, um homem não pode ser bom ou mau, na medida em que não espreitam a sua peça principal, e não entram ou penetram no corpo, mas param na casca e no ventre. São, de fato, ocasiões e instrumentos do bem ou do mal, conforme a mão que encontram: nem mais nem menos do que conforme o estado do estômago e do corpo são ou doente, as carnes transformam-se ou em bom alimento, ou em disposição pecaminosa. Pois, numa casa de bem, elas são tantos auxílios para fazer o bem, e tantos meios para lucrar no exercício da virtude. Os bens facilitam a sua explicação: os males pela sua dificuldade. Dão brilho, mérito e valor, e aguçam a coragem. Ambos, portanto, são para os *** tantas oportunidades e instrumentos para piorar e destruir, agora Deus quis tais bens, luz incerta, porque não eram considerados dignos o de pagar por eles, de os honrar, de não pagar por eles, de os honrar, não sendo tal recompensa de acordo com a sua ganância que não parecem merecer tais coisas. Deus, que pela malícia deles só pode ser bom, achou por bem gratificá-los decisivamente: como não se importa muito em partilhá-las com os seus seus, embora também não os exclua, pois que eles têm algum quando se trata do pão do povo comum tanto que não se divertem não têm em conta o que vêem ser o homem de honra generoso que está disposto a carregar a fortuna de um traidor, de um tolo? Deus é sempre Deus não fará nada indigno de si mesmo. Certamente que tais bens fazem com que alguns desconfiem dos escrúpulos. Procurado por aqueles a quem não se quer assemelhar, pois quer ser homem de bem. Assim, Deus distribui encomenda indiferentemente bens como doenças superficiais. Mas os verdadeiros bens internos e substanciais, piedade, virtude, inocência, paz pacífica, paz de espírito, descanso de consciência, contentamento, são concedidos para recebê-los primeiro. Os verdadeiros males como superstição, vício problemático, desejos, ganância aguda, angústia mental, na consciência, atormente corajosamente nos sentimentos. Talvez isso deva ser suficiente. Ora, Deus queria que tais bens, leves, incertos, frívolos e falsos, fossem comuns às pessoas boas e

más: pela razão de que ele não os considerava dignos o suficiente para pagar por eles para honrar o seu povo, (não sendo tal recompensa conforme a sua grandeza, nem aos serviços e aos trabalhos daqueles que ele ama) ele não se dignou a reservá-los separadamente para eles: mas ele os abandonou aos ímpios, com quem ele voluntariamente compartilha tais coisas, uma vez que eles não suportam ter maior e ainda assim eles não parecem merecer ter. Deus, que pela sua maldade só pode ser bom, está disposto a recompensá-los com isto: assim como também não se importa muito em dar muito disso ao seu próprio povo (uma coisa boa que também não os exclui, pois eles têm quando chega ao ponto: é o pão do povo) tanto que eles não se divertem e não levam em conta o que vêem ser concedido a quem não vale nada (pois quem é o homem de honrado e generoso, quem se aborrece com a fortuna (condição de traidor, bufão?) que pelo que espera deles os guarda melhor. E se você é tão vil de coração que se permite, pelo desejo, tais bens, que os ímpios desfrutam, e reclama que os tem como eles, saiba que se você quiser fazer isso errado, Deus é, no entanto, honesto querer fazer algo indigno de si mesmo. Certamente tais bens já são suspeitos o suficiente para serem descritos, pois são tão desejados, procurados e possuídos por aqueles com quem você não quer se parecer, já que quer ser um bom homem. Aqueles que conhecem não têm motivo para se queixar de serem mal interpretados. Por essas duas razões, Demétrio dizia muito magnificamente que não havia ninguém tão miserável quanto aquele que não havia sentido adversidade, pois permanecia estranho a si mesmo, nunca tendo tentado, e Deus desdenhava dele como um preguiçoso, algo sem valor. Certamente, para os bons e professores de virtude, a ficcionalização é o verdadeiro meio de exercitar a virtude; sem dúvida, ela se fortalece ao enfrentar verdadeiramente sua dificuldade. A alimentação verdadeira da constância, fidelidade e magnanimidade, até mesmo das virtudes mais heroicas, é a contradição, a dificuldade, a aflição, sem a qual toda virtude perde seu brilho. É um julgamento natural e universal que não há nada de belo ou bom, nenhum mérito ou honra, sem perigo. E se acontecer o contrário, não é adquirido legitimamente ou justamente. Os filósofos ensinam que não basta ter boa intenção, alma bem regulada e direcionada para a virtude, mas também é necessário buscar oportunidades de comprovar isso, enfrentar dificuldades, tentações, necessidades, para combatê-las, manter a alma alerta, e superar os obstáculos. E como eles disseram, muitos praticaram isso. Em resumo, fazer o bem sem medo ou perigo é algo comum e muito covarde. Demétrio chamava essa vida de morte merecida. Mas fazer o bem, mesmo que custe e envolva risco, é algo nobre. Porém, Deus prova, exercita, endurece, e afina aqueles que ama; Ele os prepara através da disciplina para torná-los mais notáveis, excelentes através de feitos. Ele lhes prepara obstáculos, os expõe aos perigos, e age com uma forte afeição paternal, tratando-os severamente, exercitando-os com penas, dificuldades e perigos, para que alcancem os mais altos degraus da virtude e do mérito. Enquanto aos malfeitores, Ele os trata com uma doçura materna, os deixando afundar na sombra, perder a voz, se afogar e sufocar em suas volúpias. Um espetáculo agradável para a divindade é uma virtude firme, há muito tempo cansada por todos os lados, que luta contra o vício e a volúpia, um duelo do homem constante e inflexível, apertado pela má sorte. Assim, tens na aflição matéria

própria para fazer o bem, se assim o desejas. Mas também é um remédio e uma medicina contra o mal que poderia te corromper. Pois assim como o metal é esfregado bruscamente contra a ferrugem, como a videira é podada e as árvores são desramadas, para que a substância nutritiva não se perca em galhos inúteis, e até mesmo são fendidas para remover o que é selvagem, assim também, para que não possas, com o tempo, por uma longa calmaria, esquecer, degenerar e degenerar, a aflição te segura pela rédea, te purifica da ferrugem, te mantém em alerta, te contém e te retém no temor e no dever. E então, tu não vês tudo, não percebes o que está escondido sob esta grande sina. Do sofrimento à calamidade: um dia a luz brilhará, uma grandeza, uma glória, um bem público sob um mal particular. Estás triste por seres motivo e ocasião para a salvação de uma república? Que o teu mal seja semente de uma glória, tal que nunca imaginaste, nem ousaste esperar mesmo na maior prosperidade? Quantas pessoas temos visto atormentadas, encarceradas, banidas, proscritas, e depois não apenas lamentadas e choradas publicamente, com clamores até aos céus, celebradas por louvores, imploradas e desejadas por todos, merecendo assim serem compradas com dez vezes mais mal, mas ainda assim retiradas do esterco, retiradas do hospital, da prisão, trazidas do exílio para serem coroadas no trono, reconhecidas e saudadas como salvadoras da pátria? A venda de José, sua escravidão, seu injusto aprisionamento não foram eles uma prancha para passar e alcançar tão grande honra e autoridade que ele teve no Egito? Além disso, a prosperidade dos maus, seu orgulho e violência, ainda os precipitam tanto ou mais em desgraça. Por isso, aquele que vendeu sua alma não vê quão caro ele foi vendido. É um belo sapato, mas que prende o pé até o tornozelo. Se soubesses o mal que eles têm consumido na busca de suas cobiças e prazeres, desejarias mais não ter chegado tão longe, sem contar que frequentemente ficam pelo caminho, frustrados em suas expectativas; sua artilharia, como se diz, está emperrada, de modo que só lhes resta vergonha e arrependimento. Mudarias de ideia e os estimarias. Sua vida é muito miserável. Pois há muito mais fel do que mel. O tirano é sempre o mais miserável de todos, que tem menos prazer no descanso do que o mais fraco daqueles que oprimem. Ele teme todos aqueles que o temem e os odeiam. A inquietação continua, enquanto o tirano prospera. É verdadeiramente uma farsa ou um mascaramento, onde o patife representa o Rei e age como o brincalhão: sob esse púrpura e ouro só há medo e terror. E então, que bem ou vantagem tudo isso pode trazer a um malfeitor? Ele não pode se curar, assim como uma bela roupa não pode curar uma cólica verde, ou riquezas uma febre aguda. Tudo isso só o torna mais infeliz. Tal tem sido a vida de todos os tiranos e opressores dos povos, como bem expressou um deles, dizendo que sempre sentia uma espada nua sobre sua cabeça pendurada por um fio. Mas ainda te irrita que eles reinem, se vangloriem e triunfem; mesmo que seja apenas um jogo ruim, se te ofende, estás errado, pois eles pagam tão caro por seus prazeres tão fugazes. É uma fogueira de palha, um sonho que passa. Deixe-os subir mais alto, para que sua queda seja mais feia, sua vergonha mais pública, a justiça e a providência de Deus mais notórias, o escândalo mais visto e reparado: espera, eu digo, o fim da tragédia, verás este brincalhão, este valente amarrado a uma roda, pagando caro por seus prazeres passados. Deixemos dizerás tu, os bens, males,

comodidades e desconfortos desta vida dependem completamente da mão que os maneja: mas o que diremos da morte antecipada, violenta, vergonhosa dos homens bons? Assassinato dos inocentes? Massacre daqueles que mereciam todo o respeito e bem do público? Isso certamente aperta o coração à primeira vista, é desagradável à medida que avança, mas é necessário dar tempo para digerir isso para sentir e ver seus efeitos. Primeiramente, é preciso entender que morrer é uma dívida a ser paga, uma passagem comum a todos. E que grande interesse há quando, em que moeda, pagamos e por onde passamos, seja no quarto ou na praça pública, pela água ou pelo chão! Mas dirás tu, forçado por falsos sinais, por antecipação do prazo e de maneira injusta, vergonhosa, em suma, injusta. Guarda-te para não te mesclares, chamando-a de morte injusta, pensando que não tens motivo ou mérito para morrer, pois ainda não percebeste onde ela é muito grande. Oh, quantas lamentações existem para aqueles que pensam ser inocentes, porque são do presente ato que os levou lá, que arrastaram por muito tempo a corda de seus grandes crimes, dos quais o mundo nada sabia, pensando em uma coisa, e Deus em outra. Ao serem chamados a pagar uma dívida que não deviam, acabam pagando outra antiga que deviam. Não estás, então, convencido do pecado de blasfêmia ao acusar tão temerariamente e discutir contra a Providência de Deus por um acidente que deveria induzir-te a admirar, adorar e tremular diante dela? Pois que prova mais bela dela desejas do que usar a malícia e iniquidade própria para dar a cada um o que lhe pertence, de modo que a raiva de um povo infligida pela ignorância ou injustiça dos juizes pregue bem alto a admirável sabedoria, justiça e prudência de Deus, que conduz as coisas tão precisamente que a verdade de um acidente passado, escondida por muito tempo do mundo e pela qual tantas pessoas estavam angustiadas, é trazida à luz?

Conclusão deste discurso exortativo sobre religião, voltado para dissipar dúvidas escrupulosas - Para concluir este livro e esta disputa contra os ateus ímpios, afirmamos que o homem deve ser obrigado, por uma obrigação natural e indispensável, a crer firmemente em tudo o que é, em si mesmo, o melhor e que vale mais a pena ser do que não ser, pois isso contribui mais para o bem e a satisfação perfeita do homem. Todas as criaturas, de acordo com essa regra, empregam tudo o que têm para seu próprio benefício e avanço, pois é um comando expreso da natureza do qual não se pode dispensar nem se desculpar legitimamente. O homem que age de outra forma abusa de sua inteligência, de seu espírito, é um monstro, trai a si mesmo e é seu próprio inimigo. É certo que a religião em si é melhor que a irreligião. A afirmação de algum bem é melhor que a negação, a existência é melhor que a privação. Acreditar em um Deus, isto é, em uma essência infinita, toda boa, todo-poderosa, perfeita, providente para conosco, é melhor do que não acreditar em nada disso, pois uma coisa boa é melhor do que nada, e um ser e um bem infinitos são melhores do que não ser. Além disso, para o homem, há muito mais lucro, prazer e contentamento na religião do que no ateísmo. Mas que bem ou lucro pode advir de acreditar que Deus não existe? Pois bem, se existe um, que não se importa conosco, o ateísmo é uma esterilidade, uma ausência, um nada. A religião traz inúmeros benefícios: o espírito se enobrece, se

enriquece ao se unir ao ser que abriga em si a infinitude do bem, e ao receber, por meio dessa crença, uma influência e participação na bondade e excelência da coisa em que acredita. O homem tira mil contentamentos disso. Se ele se dedica à virtude e se encontra em boas ocupações, que prazer, que coragem em saber que tem um Senhor muito grande, muito poderoso e generoso, que observa, aprova e recompensa seus esforços! Se está em aflição, que consolação, que alívio em acreditar que esse grande Senhor está ciente de tudo, que assiste à dor e ao tormento, que julgará com justiça e recompensará ricamente a paciência. Se está indeciso, prestes a fazer o mal: que benefício é ter um Senhor que secretamente, suavemente, adverte sua alma, revelando-lhe o quão miserável e ruinoso é o caminho que está prestes a seguir, a ponto de lhe causar horror e afastá-lo. E se ele não quiser acreditar, será tocado mais fortemente, e isso lhe trará arrependimento. Se está em prosperidade, alegria e sucesso, que redobramento de prazer em saber que desfruta de tudo isso com o agrado e a graça de um Senhor tão generoso! Resumindo, em todas as partes da vida, é uma consideração muito agradável, repleta de um contentamento inestimável, reconhecer que nunca se está sozinho, que em todos os lugares está presente e assistindo esse soberano Senhor, amante de nós e cuidadoso com tudo o que nos diz respeito, a quem servir e obedecer é o supremo prazer e benefício. Finalmente, que satisfação é retirar que, após esta vida, há outra muito melhor, sem pecado, onde haverá alegria perpétua. Se a razão se manifestar pelas injustiças que sofreram aqui. Pelo contrário, tirar todas essas considerações, nas quais consiste a religião, deixaria o homem sozinho, sem o apoio de algo maior, sem exercício ou ocupação da alma digna dela, sem o temor de alguma grandeza ou poder infinito e muito bom, sem o sabor das coisas boas e agradáveis. Que prazer ou vantagem há em viver com dores e tormentos, que aborrecimento e desespero! Portanto, é evidente que o homem deve abraçar com todo o seu coração a religião como seu único bem soberano, que é tão importante para ele que, mesmo que a coisa fosse duvidosa e não houvesse nenhuma razão para acreditar em um Deus ou Providência, ainda assim ele deveria se esforçar para se convencer disso e reunir tudo o que pudesse para acreditar e viver alegre e contente nessa crença. E não há sofrimento nisso, pois, como foi visto acima, todas as coisas o mostram: a própria natureza ensina a força de crer, todo o Universo proclama alto. Portanto, é certo que há um Deus todo-poderoso, infinito e providente, cuidadoso conosco, que devemos firmemente acreditar, contemplar atentamente, honrar, amar e servir perfeitamente. E tudo isso, que não é outra coisa senão religião, é uma obrigação natural, um verdadeiro prazer sólido que só pode satisfazer e contentar a alma, perpetuamente. Não crer, negar ou duvidar, não pensar ou não se preocupar com isso é contra a natureza, não traz nenhum bem, prazer ou lucro. Pois da negação, da privação, do nada, não se pode extrair nada. E então não se pode se esconder ou escapar do reproche ou punição por ter deixado o melhor para pegar o pior, por ter monstruosamente rejeitado, contra sua natureza, combatido seu bem, seu lucro tão notório, tão claro, tão fácil. E, pelo contrário, nunca se pode ser censurado por ter seguido o partido cheio de lucro, de alegria, de consolação, de esperança, basta conhecê-lo assim, sem precisar de outra prova ou fundamento. Em suma, no pior dos casos, não pode haver nenhum perigo

em acreditar em um Deus, uma Providência, pois mesmo que nos enganemos, que mal pode advir disso? **Fim do primeiro livro.**

Livro 2 - segunda verdade: 1. De todas as religiões, a Cristã é a melhor: contra todos os descrentes, mesmo contra os judeus e os maometanos. 2. Das minhas principais mestras religiões do mundo, as seis seguintes são as mais famosas, conforme enumeradas neste capítulo.

As cinco religiões que alcançaram grande crédito e reputação no mundo, como mestras principais introduzidas uma após a outra, de acordo com a ordem que se segue, e que é muito notável, quase no mesmo lugar e pequeno circuito da terra. A natural começou com o gênero humano na Palestina. A Gentílica foi inventada após o dilúvio e logo após a turba temerária, que construía a Torre de Babel, ser dispersa pela confusão das línguas, assim, mais jovem do que a natural, que foi praticada no mundo por quase dois mil anos, primeiramente na Caldéia. A Judaica foi concebida no tempo de Abraão e, aproximadamente, cem anos após a Gentílica, na Palestina, mesmo lugar que a natural, e então publicada por Moisés na Arábia deserta. A Cristã, por Jesus Cristo, aproximadamente quatro mil anos após a criação do mundo, no país da Palestina. A Maometana, na Arábia, seiscentos anos após a Cristã. E a Caldeia, Arábia e Palestina são vizinhas. Estas são as cinco religiões capitais mais famosas do mundo, que são essencialmente diferentes entre si, como será em breve visto. Todas essas religiões, capitais como são, como gêneros de governo, têm cada uma várias espécies de religiões subordinadas a elas, principalmente a Gentílica. Pois ela foi a mais predominante, tendo uma grande extensão e duração. Pois não apenas no culto à divindade, mas nas opiniões, ela é dividida em várias seitas diferentes. Podemos observar três formas principais, que o Santo Apóstolo parece sugerir, fazendo quatro com a Judaica: não havia gregos, nem latinos bárbaros, nem citas. A dos bárbaros, sem lei, sem regra ou cerimônia certa ou prescrita, adora e serve qualquer ídolo desejado, conforme a fantasia. As outras duas têm seus sacrifícios e serviços prescritos e certos, mas de forma diferente. A cita é cruel e selvagem. A grega (assim chamada por um nome particular, mas mais célebre, especialmente na adoração política) tem sacrifícios mais civilizados e humanos, ordenados conforme as nações e adaptados aos seus deuses; os gregos, instruídos por seus poetas filósofos; os egípcios, por seus sacerdotes; os gauleses, pelos seus druidas; os persas, por seus magos; os indianos, por seus Brâmanes; os Sírios, por seus Mestres, os Fenícios, por seus sacrifícios de Moloc; os Libyans, por suas mulheres feiticeiras. Mas a Cristã supera todas as outras em sua origem inata. Para enumerar todas as diferenças particulares entre todos os membros que são cristãos seria por demais prolongado. Basta notar alguns pontos principais de doutrina, especialmente no serviço de Deus: nenhum grego, nenhum latim, nem bárbaro, cita, etíope, judeu, maometano, e outros. Então, tocando nas várias ramificações da doutrina e crença, tantas quanto foram afetadas pelas mudanças. E, finalmente, para o que diz respeito às cerimônias e meios externos, grande é a diversidade de ordens, profetas, monges e freiras, e

essas várias grandes seitas e eremitas que navegam sob o manto e se refugiam sob a proteção da religião.

Grandes capitais religiosas, temos as grandes vitórias das armas ornamentadas. Particularmente, é verdade que houve lutas contra outras e algumas das suas disputas. A Gentilidade, mais polida das ciências, dos belos discursos, das disciplinas políticas, e assim por diante, é a imagem da república bem instruída e conduzida. A Judaica, e então a nossa, em todos os tempos, estabeleceu-se para servir à nobreza do profeta; e a gentilidade, a última a surgir, está carregada de imagens insensíveis. As grandes virtudes, em grande parte, pendem para o tempo passado, da memória de todos os bons exemplos, quase completamente esquecidos. Em suma, é necessário julgar suas diferenças e aprender qual é a melhor e verdadeira religião. Sempre se deve lembrar que a religião é devida a Deus neste mundo. É necessário que a diversidade das religiões e o julgamento de sua verdade e valor sejam considerados nestes dois pontos: conhecendo o objeto, que é Deus, e o meio para alcançar o serviço que se deve prestar aqui. A gentilidade, que não tem um objetivo certo, ou se tem, é falso, ambíguo, desconhecido, seja como a pagã ou diversificado, como a idolatria. Os deuses dos gentios eram na sua maioria homens, às vezes muito maus, que por alguma razão pública ou privada, boa ou má, eram consagrados, e a posteridade, sob o nome desses homens, era adorada pelos demônios. Daí resultam seus serviços, ridículos, escandalosos, infames e malignos. No segundo ponto, destacam-se todas as outras, exceto a cristã. A razão é que não se pode servir a Deus corretamente sem sua própria instrução. Todo aquele que pode saber como Deus deve e quer ser servido, se Ele mesmo não o diz ou revela. A natureza e o maometanismo nunca tiveram essa relação. A natureza, que não tem outra instrução senão o que a natureza dita geralmente aos homens, não pode conhecer bem este objetivo, muito menos os meios para alcançá-lo, mesmo que, antes do pecado, talvez pudesse ser suficiente. Mas, após a corrupção da natureza humana, está completamente cega, manca, não podendo ver ou sentir seu mal, ou o que lhe falta, muito menos buscar remédios: então todas as outras religiões só visam ajudá-la e reforçá-la por conselhos mais explícitos e urgentes. O maometanismo é inteiramente humano, carnal; seu autor, um homem muito mau; seus meios, grosseiros, carnavais, indignos do homem. Não tem nada próprio, mas se cobre, se enfeita com peças emprestadas de outras religiões, que todas a precederam. A judaica recebeu revelações e meios de servir à divindade, mas, por não ouvi-los, nem praticá-los pelo bom motivo, não penetrou no cerne espiritual, ficando apenas na sombra e na casca, ficou para trás. Portanto, só resta o Cristianismo, que, abraçando o que a Judaica rejeitou, desprezando o que não entendia, sozinho, com o verdadeiro alvo e os verdadeiros meios, em ciência e prática, é verdadeiramente e única religião.

Exame de Religião Cristã para deturpar os atos comuns e cotidianos, como a caridade, os milagres e os santos, é bastante claro. Falar muito sobre isso seria redundante. Nenhuma religião é mais difícil de elogiar do que a cristã. Todas as outras são modestas, seja em humildade e misericórdia, seja em excelência e

virtude, seja em paz ou tempo. Quanto a elas, é muito fácil se gabar se alguém quiser insistir nisso. Eles desdenhavam, zombavam e escarneciam até mesmo os maiores professores dessa matéria, Catão, César, Cícero. Em resumo, eram todas obras do diabo, que, por esses meios, roubavam a glória do verdadeiro Deus, desviavam os homens do seu serviço para serem adorados e reconhecidos. O Islã não fez milagres, sendo seu autor, Maomé, repreendido por alguns de seu tempo que conheciam bem a fraude de sua impostura, por não ter feito nenhum, embora fosse costume e uma das marcas dos profetas, homens de Deus. Ele respondeu que Deus não o havia enviado para isso; que não era mais hora de fazê-los, pois já havia feito o suficiente; pressionado por isso, citou três ou quatro fatos tolos e vãos, feitos em segredo, em sua pessoa, sem testemunhas e sem proveito algum, o que está totalmente contra a natureza dos verdadeiros milagres de Deus. A religião judaica tem muito do que se orgulhar acima de suas outras características, pois foi estabelecida, ilustrada e sustentada com grande esplendor de milagres, uma grande sucessão de profetas e outras pessoas notáveis desde a saída do Egito. Até então, houve grande cativeiro dos judeus na Babilônia, ou mesmo após a ruína e reconstrução de Jerusalém; desde então, houve apenas algumas coisas insignificantes, não por mérito, mas por lutas internas; e entre essas lutas, não foram muitas, mas esparsas, mais por medo e ambição do que por amor à verdade. Desde que o Cristianismo veio ao mundo, o Judaísmo não fez mais milagres, nem teve nenhum profeta. O Cristianismo teve profetas e produziu milagres e santos personificados, verdadeira e infinitamente, por todos os direitos que o mundo conhece e por toda fonte, em todos os tempos e por todos os séculos. E é mais apropriado querer se opor ou alegar que os profetas do judaísmo são superiores e prejudiciais ao cristianismo. Quanto às vitórias, grandes eventos e prosperidades humanas, certamente são coisas das quais o cristianismo, assim como os outros, tendo-as, não se dignaria a prevalecer nem a fazer nenhum estardalhaço sobre elas, pois são conquistas e avanços adquiridos por meios e meios humanos, são coisas mundanas e temporárias onde todos participam indiferentemente, e os mais bárbaros, estrangeiros de todas as religiões, virtude e quase de toda humanidade, são o menor. Mas, tomando-os como um todo, o cristianismo está acima de todos nisso, pois qual é a maior vitória que se pode ter sem luta, sem levantar uma mão, mas apenas pela palavra de persuasão e demonstração de que é subjugar todo o mundo à fé, que a religião pura, e ela sozinha, consegue, sem usar força ou outros meios, ter sido vitoriosa sobre o mundo, que era totalmente contrário a ela. A religião muçulmana não obteve vitória, nem pela religião em si, nem pela grandeza, glória, bens e outras considerações humanas, nem pela multidão, nem pelas armas, nem pelo ouro, nem pelo poder, nem pela astúcia, nem pelo sangue, nem pela conquista, nem pelas terras, mandamentos, corpos, bens, forças e outras coisas que eles pretendem e desejam. Mas o Cristianismo não faz uso ou reivindica isso, desejando comandar e possuir as almas que são mais valiosas, e não conquistar por essas coisas. Quanto à simplicidade de um Deus e da criação alegada pelo Judaísmo e Islã em relação aos outros, eles podem alegar bem contra a pluralidade idolátrica, mas contra a Trindade Cristã é uma ignorância pesada. Pois eles não poderiam imaginar uma simplicidade e unidade de Deus maior do

que aquela que o Cristianismo acredita. Mas pensar em uma unidade solitária, estéril, surda e imperfeita é outra ignorância extrema. A Trindade Cristã pessoal não diminui nem altera a unidade e simplicidade da Divindade em sua essência. Mas para não errar em um vago, incerto e deserto solitário, a verdadeira fé admira e reconhece esta Deidade, muito simples, muito una, mas muito fértil, muito perfeita, muito feliz, muito cheia de contentamento, isto é, em três pessoas distintas, um número redondo e perfeito, ainda sendo uma essência única e indivisível. Assim, todas essas religiões não têm nada que possam usar para si mesmas, nem com o que possam prevalecer sobre o Cristianismo. E mesmo que cada uma delas tenha algo de bom e louvável, o Cristianismo ainda o tem melhor e conta sozinho o que as outras têm juntas, cada uma a seu próprio modo.

Proposição das excelências da religião cristã além das marcas anteriormente mencionadas, sobre as quais falamos anteriormente, nas quais demonstro, aqui discorro sobre o reconhecimento do testemunho das outras religiões em favor do cristianismo - Agora ouçamos as excelências e grandes singularidades do Cristianismo, onde os outros não têm parte alguma, pelas quais fica muito claro ser a verdadeira, à qual devemos nos ater. Podemos nomear as principais: as predições proféticas, a divindade de seu autor, a excelência de sua doutrina na Teoria e na Prática, a vitória sobre a destruição dos ídolos, dos demônios e do mundo, a forma e circunstâncias de sua publicação e instalação no mundo, a satisfação integral do homem nela. Mas antes de discorrer brevemente sobre cada um desses pontos, saibamos primeiro o que todas as outras dizem sobre ela de forma ingênua, onde veremos como todas as religiões, forçadas pelo fulgor esclarecedor do poder da verdade, reconhecem sua vergonha e condenação, prestando homenagem em várias coisas à religião cristã, seu autor, embora, por sua vez, a condene e reprove totalmente. Ora, isso não é um pequeno argumento, que a confissão e testemunho dos inimigos merece, uma vez que é a verdade que, à força, arranca isso de suas mãos. Os antigos Cristãos fizeram muito valer esse argumento contra seus inimigos, alegando os testemunhos honrosos prestados pelos Gentios, Luíses, Diabos. Os Gentios, portanto, respeitavam e temiam o Cristianismo. O Imperador Tibério, seguindo o que havia aprendido de vários, especialmente de Pilatos, seu tenente na Judeia, pelas santidade, grande virtude, milagres de Jesus Cristo, sua morte inocente e sua ressurreição, quis canonizá-lo e colocá-lo entre os deuses: sobre isso escreveu ao Senado. Vespasiano, o flagelo dos Judeus, poupou e se absteve dos Cristãos. Plínio, o mais ilustre legado de Trajano na Ásia, escreveu a seu mestre, declarando a inocência e simplicidade dos Cristãos, que detestavam todos os vícios, viviam santamente; e isso só bastava para dizer que facilmente expunham e entregavam suas vidas por seu Deus; e se levantavam antes do amanhecer para cantar seus louvores, com o que Trajano moderou sua perseguição. Adriano começou a construir templos a Jesus Cristo, mas foi dissuadido pelos conselheiros: os templos permaneceram sem ídolos. Antonino cessou de perseguir os Cristãos, dizendo que a perseguição fortalecia sua igreja. Marco Aurélio tinha esta firme opinião, escreveu ao Senado e publicou por toda parte, que a grande e miraculosa vitória que teve contra os Marcomanos na

Alemanha veio por causa dos Cristãos que tinha em seu acampamento, pela virtude da oração que fizeram a seu Deus, pela qual obtiveram o raio do céu contra o inimigo e a chuva para refrescar seu exército. Alexandre, filho de Mameu, começou a amar os Cristãos e sua religião, chegando a ter a imagem do Crucifixo em seu Oratório. Em suma, os bons imperadores, Vespasiano, Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurélio, Alexandre, em seus corações admiravam Jesus, o tinham em maior estima que um homem e tratavam os Cristãos como pessoas boas; por fora, os perseguiam com tais mandamentos: se forem acusados, punam-nos; se forem delatados, não os persigam. Os maus imperadores, Nero, Domiciano, Cômodo, Maximiano, Decio, Valeriano, ao contrário, os condenaram e perseguiram, o que é um forte argumento em favor do Cristianismo. Pois o que tais pessoas já aprovaram senão o mal condenado em vez do bem? Portanto, ambos serviram para dar toda a glória a seu Senhor, o Cristo deste Império Cristão, como é aprovado pelos bons e, sem mérito algum, sempre avançado por eles; condenado e perseguido com grande veemência pelos maus, mas, ao contrário, sem a ajuda dos bons, apesar dos maus, triunfante e vitoriosa. Os Pagãos honraram e reverenciaram São Antônio, Hilário, Martinho. O Imperador Juliano, Porfírio, Hierocles, os Platônicos, Celsus, Epicuro, filósofos inimigos jurados do Cristianismo, admiraram os milagres de Jesus Cristo. Deixo de lado as epístolas de Sêneca, o maior filósofo estoico de seu tempo, a São Paulo, pois alguns poderiam atribuir-lhes pretensões supostas. Os Judeus, estimando e honrando São João Batista, ainda mais São Tiago Apóstolo, bispo de Jerusalém, considerando-o um homem muito justo, foram estimados por muitos dos principais Judeus, que viam a destruição de Jerusalém como uma punição divina pelo excesso cometido em sua morte. Filo de Alexandria, muito afeiçoado e grande defensor do Judaísmo, de grande suficiência e reputação entre os seus, dá um testemunho muito honroso da vida e conduta dos Cristãos. Josefo, grande capitão e historiador, autor muito respeitável, falou e escreveu muito honrosamente sobre Jesus Cristo, dizendo que não ousava chamá-lo de homem, devido à sua excelentíssima virtude de realizar milagres que ele tinha. Os Judeus, em seu Talmude de Jerusalém, relatam vários milagres realizados em nome e pela invocação de Jesus Cristo após sua morte.

Primeira prova autêntica da divina doutrina cristã (Previsões proféticas) - Agora vamos considerar as seis excelentes prerrogativas e as seis marcas celestiais que estão na cristandade. A primeira é a das previsões dos profetas. Desde todos os tempos, por todos os séculos, em todas as outras religiões anteriores, houve grandes personalidades admiradas por todos: a saber, os profetas na judaica natural; as sibilas, além dos oráculos, na gentilidade, que escreveram, predisseram e celebraram a cristandade muito antes de ela aparecer no mundo; e eles a predisseram tal como aconteceu, não aconteceu de outra forma senão como eles previram. E embora tenham sido muitos e separados uns dos outros por longos intervalos de tempo de paz, eles previram e falaram todos de maneira muito consistente, como se fosse de uma só boca, harmonizando suas vozes juntas como arautos e trombetas de Jesus Cristo do cristianismo, há várias centenas de anos antes, sim, desde o começo do mundo, e continuamente de século em século, de

estação em estação. E tudo isso de maneira clara, expressa, precisa, exatamente verdadeira, que tudo o que disseram sobre isso se aplica a ele e não pode se aplicar a mais ninguém. Coisa que o homem, anjo, ou qualquer outro que não seja Deus, não pode saber. Até mesmo a filosofia gentia confessa que somente a Deus as coisas futuras são conhecidas; aos demônios apenas por conjecturas, pelo ensino dos astros, e que aos astros não podem ser encontrados os nomes dos homens, nem as circunstâncias das ações. Então, como todo este conhecimento, esta revelação e promessa, tão particular, tão exata, tão antiga, contínua e sempre tão concordante, não pode ser senão de Deus, segue-se claramente que o cristianismo e Jesus Cristo, seu autor, foram revelados e enviados por Deus e não por outro. Esta razão é muito poderosa e excelente para a prova e autorização do cristianismo, ao qual especialmente convém, privativamente, em relação a qualquer outra religião. Jesus Cristo frequentemente alegou isso para convencer e forçar a crença de todas as coisas. Somente Deus pode prever as coisas futuras secretas e contingentes. Ora, a religião cristã foi prevista, descrita e prometida, não de maneira geral e confusa, mas em detalhes em todas as suas partes, muitos séculos antes de qualquer coisa aparecer no mundo. Isso pode ser melhor verificado por quatro pontos principais: 1. A pessoa de Jesus Cristo, sobre quem foram previstos os nomes dos pais, o lugar de seu nascimento, o tempo de sua vinda, sua adoração pelos Magos, sua fuga para o Egito, sua paixão, sua morte, seu sepultamento com todas as suas circunstâncias. 2. As coisas realizadas por ele, como os milagres, a convocação dos apóstolos, sua entrada em Jerusalém em um jumento, seus comportamentos em sua paixão, sua ressurreição, sua ascensão. 3. Seus ofícios e dignidades de profeta, sacerdote, rei, mestre. 4. As consequências e eventos de sua vinda, que ele mesmo, enquanto vivia, também previu, como a destruição do Templo de Jerusalém, a convocação dos gentios, a reprovação e dispersão dos judeus. Isso também deve ser mais considerado. As profecias de Jesus e da religião cristã foram de quatro tipos: 1. Simples previsões, 2. Promessas feitas por parte de Deus; essas duas podem ser chamadas de profecias verbais. 3. Figuras, ou seja, representações visuais, que eram profecias reais e ilustradas, a saber, os sacramentos, sacrifícios, cerimônias e certas ações de pessoas notáveis. 4. Desejos, orações de fé, esperança comuns, públicas e religiosas. Nestes quatro aspectos: prever, prometer, representar, desejar, esperar, consistia toda a religião judaica, que era apenas um modelo e um projeto do cristianismo. Pois tudo o que estava na judaicidade, como já foi mencionado no capítulo anterior, referia-se e se relacionava com o cristianismo. Estes quatro pontos são o resumo das antigas e canônicas Escrituras judaicas. Certamente, uma grande e excelente marca do cristianismo é que houve uma religião capital expressa no mundo para servir como seu preâmbulo preparatório. E não se pode objetar ou mesmo imaginar que tenham sido forjadas ou inventadas estas profecias em favor do cristianismo; pois, ao contrário, foram recebidas das mãos dos mais jurados e capitais inimigos dele, os judeus e os gentios, verdadeiros testemunhos e guardiões dos livros proféticos, dos quais os cristãos são chamados de herdeiros pelos judeus, primeiramente, e depois pelos gentios, que traduziram os livros dos profetas judeus em sua língua, e os guardaram com muito cuidado. Além disso, seguem-se as previsões das sibilas, profetisas gentias, das quais Varrão, o

mais sábio dos romanos, deixou por escrito os apelidos, os países e os tempos em que viveram; pois Sibila é o nome comum delas, apesar das vãs e falsas oposições que alguns lhes fizeram, dizendo que eram bruxas, mulheres furiosas, e algumas alegações dos primeiros cristãos, que valorizaram muito suas previsões, eram supostas. Quanto ao primeiro ponto, não é novo ver que os feiticeiros e os maus anjos podem imitar a glória de Deus; testemunho disso são Balaão e os endemoninhados mencionados no Evangelho. Quanto ao segundo ponto, uso as palavras de Cícero, que diz que seu poema mostra por si mesmo que seus versos não são obra de pessoas furiosas, pois são mais retos e cuidadosos do que ardentes e transportados.

Segunda prova autêntica do Cristianismo, dupla natureza de seu autor Jesus Cristo, divina e humana miraculosa - Em segundo lugar, a qualidade soberana e divina de seu Autor. Eis aqui outra razão muito grande e poderosa, e que sozinha é prova suficiente do Cristianismo, para derrubar todas as outras religiões, é que seu autor Jesus Cristo não é apenas chamado pelo nome, como os autores das outras religiões, mas Deus homem, Deus filho de Deus, homem filho da Virgem. Qual a vantagem do Cristianismo sobre as outras que todas elas adotam seus autores como homens, depois divinizados por outros homens que, no entanto, cantaram sobre seus adultérios, incestos, traições, ciúmes e outras paixões, como os Gentios: os Muçulmanos, Maomé homem soldado adúltero bandido, e malvado como os seus, e ele mesmo é seu Alcorão o confessor. O Judaísmo, Moisés e os Profetas. Jesus Cristo também é homem, e muito justo e grande homem, designado enviado de Deus, tendo o seu espírito. Esta é a confissão universal de todas as religiões, como foi visto acima no reconhecimento e testemunho que todas as outras religiões fazem sobre a grandeza do Cristianismo. Mas ele está infinitamente acima disso, porque ele é Deus filho de Deus e então ele é homem não na forma comum, natural, mas sobrenatural, milagrosa, filho da Virgem, assim sendo justo, inocente, perfeito não por conquista ou graça, mas por natureza. Aqui estão duas coisas, as duas grandes, singulares, ornamentais e características exclusivas do Cristianismo, privativas de qualquer outra, que são a divindade de seu autor e a humanidade virginal. Quanto ao primeiro, é o grande assalto, a generalizada bateria de objeção comum de todos os seus inimigos. A questão da divindade de Jesus Cristo é a maior que já foi, ou que poderia ser: é o que abalou e moveu todo o mundo. Os judeus o quiseram principalmente por isso. É por isso que eles queriam apedrejá-lo, e por isso fizeram mais insistência em seu julgamento perante o juiz da Igreja Caifás do que perante o juiz Pilatos. Os Muçulmanos tentaram tanto, que querem Jesus Cristo, mas se recusam a acreditar que ele seja Deus. Os Gentios mais sábios disseram que os filhos deles fizeram mal em atribuir divindade a ele, e que os Cristãos foram enganados: mesmo entre aqueles que carregam o nome de Cristão, e antigamente e ainda hoje se encontram, que se recusam a aceitar a divindade em Jesus Cristo. Agora, sem entrar em discussão com os judeus por suas próprias escrituras, ou com os cristãos divididos, arianos, samosatenses e similares, pela autoridade tanto das antigas quanto das escrituras domésticas, contra todos, tanto eles quanto os muçulmanos, faremos uso desses argumentos comuns. Jesus Cristo

se diz Deus, filho de Deus, enviado de Deus, gerado por Deus antes de todas as coisas, um com Deus, a quem ele chama de seu Pai. Ele disse isso, pregou, sustentou diante de seus juizes, viveu, morreu; toda a religião cristã está fundamentada em que Jesus é Deus filho de Deus, natural e consubstancial. Dizemos agora: quem impede de acreditar nisso? Mas o que não induz a crer? Nós sabemos isso de todos sem contraditório: que Jesus Cristo é um homem muito grande, profeta, enviado e bem-amado de Deus. (Quando alguém quiser duvidar disso toda a sua vida, a morte lhe mostrará, que é toda a glória de Deus para a salvação dos homens; e para o mal de ninguém.) Portanto, é preciso acreditar: porque um homem bom não é um mentiroso público, menos ainda um mentiroso às custas de Deus e dos homens, usurpando o que é de Deus, enganando o mundo, e ainda menos traidor infiel aquele que o comete o envia. Deus não poderia enviá-lo, e ainda menos continuar a assisti-lo, se ele tivesse sido tão fortemente e diretamente contrário. Se ele não é Deus filho de Deus, como ele diz que é, então ele é inimigo capital de Deus para aqueles que o reconhecem como tal, inimigos jurados de Deus: como ao contrário, aqueles que o perseguiram e fizeram morrer por esta causa, como os judeus, ou aqueles que se opuseram e combateram esta sua dignidade, como os arianos e outros, prestaram um serviço muito agradável e notável a Deus: por razão, estes devem ser amados e favorecidos por Deus, e aqueles com seu líder, desgraçados, destruídos, exterminados. Agora vemos o contrário, porque a raça dos judeus foi completamente destruída e tornada a mais miserável que existe sob o Céu. Ário, chefe dos opositores e adversários da divindade de Jesus, miseravelmente terminou seus dias e seus seguidores foram exterminados ao contrário, Jesus Cristo é adorado em todo o mundo. Os cristãos, seus adoradores, conquistaram longa e largamente, toda a extensão do mundo, e subjugaram todos aqueles do partido contrário. Portanto, ou Jesus Cristo é Deus filho de Deus, ou não há Deus no mundo. Pois como Deus permitiria que aquele que abertamente lhe rouba todo o seu direito, sua honra, com seus seguidores prevalecesse sobre aqueles que o sustentam e defendem? Dizer que ele não pode derrotá-lo ou que, sendo todo-poderoso, ele não quer impedir, é sempre dizer que Ele não é Deus, nem todo-poderoso ou não quer impedir os monstros, desdenha sua honra, permitindo que a mentira triunfe sobre a verdade. Mais do que reter, que ele seja reconhecido como Deus: pois ninguém mais poderia fazê-lo senão Deus. Aquele é Deus que faz o que nenhuma criatura pode fazer. Cinco coisas são principalmente consideráveis em seus milagres, para entender bem quais são e de onde vieram: 1. O número que supera todos os outros que existiram antes e depois no mundo, é infinito e não pode ser escrito, dizem aqueles que os viram, que ele demonstrou ter em suas mãos o comando como se fosse sua própria a capacidade de fazê-los. 2. A grande diversidade, pois ele faz em todas as formas de criaturas: céu, sol, ar, água, terra, pedras, árvores, animais, peixes, anjos, demônios, homens, mulheres, vivos, mortos, saudáveis, doentes de todas as doenças, nas almas, nos corpos. 3. A grandeza e a dignidade, o que há mais nobre do que devolver a visão aos cegos, dar vida aos mortos, transformar seu corpo em glória e brilho do sol, ressuscitar a si mesmo? 4. O valor e a riqueza, sendo para os espectadores obras muito maravilhosas, para os recebedores muito úteis... para os que ouvem, instruções misteriosas, maravilhosas,

benéficas, documentos misteriosos. 5. Mas, acima de tudo, o modo: saber a todo momento e prontamente, sem tocar ou ver o objeto, apenas com sua palavra, por sua própria virtude, que ele fazia com autoridade e poder, ao comandar. O pior que disseram contra os milagres de Jesus... os inimigos enfurecidos da verdade como alguns judeus e o imperador Juliano, ao se verem vencidos por eles, argumentaram que eram feitos por magia, que Jesus era um mago impostor. Mas veja como isso é claramente falso. Se fosse assim, seus inimigos, que o perseguiram tão fervorosamente até a morte, não o teriam esquecido para fazer valer a severidade da lei sobre ele. No entanto, não se encontra uma palavra em todo o seu processo. Josefo nos assegura que a magia nunca foi tão comum na Judeia (pois também esta ciência é mais comum nessa nação supersticiosa do que em qualquer outra) mesmo entre os doutores naquele tempo. Por que então eles não faziam tais ou maiores milagres que ele para envergonhá-lo ou para provar seus próprios poderes? Mas o próprio Josefo chama Jesus de grande realizador de milagres, os outros magos de impostores. E não apenas na Judeia, mas em toda parte, nunca a magia teve tanta fama quanto na época de Jesus, dos Apóstolos e de Nero, como afirma Plínio, que também afirma que a vaidade nunca foi tão conhecida. Por que então os filósofos conhecedores da magia não os escolhiam ou combatiam os milagres de Jesus e dos seus, se eles reconheciam a fraude nos milagres de Jesus e dos seus? Por que eles permitiam que fossem vencidos por eles, eles que os conheciam como tais: por que atribuíam o poder de Deus ao que sabiam depender da natureza? Juliano o Imperador, que faz esse argumento contra Jesus e seus seguidores, ele que tinha ao seu lado magos tão sábios quanto os filósofos Iâmblico e Máximo, dos quais ele curou cegos e coxos, como ele mesmo confessa que Jesus fez? Certamente, o fato de a magia florescer tanto naquela época é uma evidência muito boa da verdade dos milagres de Jesus e um meio muito eficaz de descobrir a impostura, se houvesse, como o exemplo dos egípcios em relação aos milagres das aves. Mas aqui estão os mágicos fazendo seus truques, executando suas manobras, para seu próprio benefício e glória, escondendo seus conhecimentos, mostrando sua vaidade, não para a glória de Deus, nem para o benefício dos homens, muitas vezes para seu prejuízo, sendo muito poucos em número, menos ainda em espécie, e depois de sua morte não podem fazer mais nada. Jesus Cristo, pelo contrário: em vez de obter lucro, ele só recebe calúnia e tormento; em vez de prazer, ele desagrada, recusando-se a fazê-lo para agradar; ele os faz em público, à vista de todos, para a glória de Deus e para o benefício da natureza humana, em número infinito e com grande diversidade, como já foi dito acima, e depois de sua morte ele continua a fazê-los. Finalmente, toda a força da magia não pode se equiparar aos milagres de Jesus, devolvendo a visão aos cegos, dando vida aos mortos, ressuscitando a si mesmo. Agora concluímos este artigo sobre a divindade de Jesus por meio de seus milagres, que são os sinais e as provas, por esse grande milagre e tão evidente para o mundo, o efeito e o fruto de todos os milagres, mais maravilhoso do que todos eles, que sem eles, se nunca tivessem sido feitos, ainda seria mais maravilhoso, a saber, a fuga e a crença de todo o mundo em Jesus. Mas como isso não é considerado, não é admirado. Fazer muito com pouco, os sábios o fazem, mas fazer uma grande coisa do nada, isso é só Deus, pois do nada nada se faz. Fazer uma coisa por meio de seu

contrário, não apenas sem meios, mas contra todos os meios, pertence ainda mais a Deus. O Senhor faz os dois. A história dos gentios, dos judeus, dos muçulmanos, em suma, todos os seus inimigos, embora não possam confessá-lo, não podem negá-lo, ainda está aqui, a coisa fala por si mesma, o clamor é alto.

Em terceiro lugar, há a autenticidade da doutrina, que se destaca em excelência na prática - Em terceiro lugar, há a excelência da doutrina, que em muitos aspectos se alinha com a mais pura doutrina dos filósofos judeus, mas em muitos pontos a supera infinitamente todas as outras religiões... A verdadeira religião é aquela que ensina e fornece os meios para honrar a Deus e beneficiar a alma. Estes são os dois componentes integrantes da religião. A Deus, que é a plenitude de todos os bens e a perfeição total, não pode advir nem ser acrescentado qualquer bem ou benefício: mas é justo que todo o louvor e toda a glória, que são um ornamento e embelezamento externo, que são repetidos e mantidos em Seu nome, santificando-O, engrandecendo-O e multiplicando-O. Para o homem imperfeito, necessitado, ou sempre vazio, não há glória nem honra que pressuponha que a coisa já esteja plena por dentro e perfeita em si mesma, mas é necessária a busca por um benefício que seja uma emenda interna e substancial. O papel e o efeito da verdadeira religião é cumprir bem esses dois: aquela que é deficiente é falsa, é uma superstição, é um abuso. A religião cristã, então, é triunfante sobre todas as outras em ambos os aspectos. Ela acredita e venera mais altamente, mais dignamente, mais santamente a Divindade do que todas as outras, exaltando muito mais a bondade de Deus, Seu amor, Sua liberalidade para com o homem; e espera dela maiores bens, honras e favores do que qualquer outra. O que há em todas as outras religiões que se compare a estas simples palavras do Cristianismo: 'Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna'? Certamente, tudo o que têm e acreditam, de ponta a ponta, não se aproxima disso; nem sequer poderiam conceber a sombra de tal crença, de um bem tão grande, tão vantajoso, tão favorável quanto Deus, um filho natural, único, que Ele nos dá, enviado, e como tal, sacrificado, para nos adquirir e nos ter para Si. Que esse filho, negociando nossa salvação, através de todos os seus gastos, não apenas nos reconciliou e reintegrou com seu Pai, mas, por seu consentimento, seu empenho, até mesmo seu prejuízo e sua morte, nos tornou seus companheiros na graça da filiação, herdeiros dos bens de seu Pai. As outras religiões nunca sequer pensaram nisso; pelo contrário, estão todas cheias de vãs superstições, feias fábulas e loucuras. Além disso, ela guia o homem mais francamente para o conhecimento de si mesmo, e o faz sentir melhor o que ele é, o que pode fazer, o que deve fazer: ensinando-o a se despojar de si mesmo, a reconhecer sua insignificância, sua miséria, seu mal natural adquirido, e a colocar sua confiança somente em Deus, em tudo. Ela informa e instrui de maneira mais precisa sobre a virtude, ensina uma integridade maior e uma pureza de vida, reformando e regulando primeiro o interior, o coração, o pensamento. As outras dizem: 'Não matarás, não roubarás, não cometerás adultério', mas esta diz: 'Não cobiçarás, pois se apenas olhares para o outro com cobiça, és culpado'. Ela pede e ensina o sacrifício do coração, o jejum da mente, uma adoração e homenagem a

Deus em espírito e verdade, uma alma cheia de caridade para com todos, até mesmo para com os inimigos. Em suma, ela sempre ensina a amar a Deus com todo o coração, e ao próximo como a si mesmo; e ensina que o próximo é todo homem, o estrangeiro, o inimigo; ela prega retribuir o bem com o bem, vencer o mal com o bem, enquanto as outras permitem ou até ensinam a matar os adversários de sua doutrina ou lei, como o Talmude e o Alcorão. Nas ações da vida, ela requer uma maior santidade e uma regra mais estrita contra todos os prazeres, não apenas os estranhos e totalmente viciosos, que ela condena completamente, mas também os naturais e legítimos, que ela modera e controla. Em ambos os aspectos, a Filosofia e todas as outras religiões são muito indulgentes. Em todos os lugares, exceto no Cristianismo, a poligamia, os divórcios, os incestos, a dissolução dos laços familiares são permitidos; o casamento é abandonado, o prazer é buscado a todo momento, em todas as circunstâncias, na mulher, de todas as maneiras. E fora do casamento, a licença da devassidão é grande. Quanto ao culto e serviço externo a Deus, na Cristandade é muito mais rico e melhor regulamentado. Onde está, nas outras religiões, um serviço público a Deus como na cristã, ordenado e ministrado por tantos tipos de oficiais, composto e estabelecido por tantas peças diversas tão bem conectadas entre si? Confissões, orações, louvores, ações de graças, leituras dos Salmos, hinos, cânticos que se sucedem em tão bela ordem, celebrados com tanta pompa e reverência, adornados com tanta cerimônia e esplendor, que representam visualmente o que a voz canta e o ouvido ouve, tudo variando de acordo com as ocasiões e considerando cuidadosamente essas coisas, é encantador e admirável. Para os outros, isso parece mais um amontoado, gestos de pessoas insensatas e fanáticas.

A quarta prova é a vitória da destruição geral dos ídolos, demônios e do mundo. Esta é a única autoridade e poder divino capaz de destruir a idolatria espalhada por todo o mundo, vencendo o poder diabólico e humano, ou seja, todo o mundo. A força dos demônios é mais poderosa do que qualquer outra, incluindo toda a força humana mundana. A religião cristã foi a única capaz de acabar com tudo isso, obtendo a vitória sobre todo o mundo que estava armado contra ela. Isso é amplamente reconhecido e admitido até mesmo por seus inimigos, para seu grande pesar, vergonha e desgosto. Desde os tempos de Augusto até a bela chegada de Jesus Cristo, os oráculos foram silenciados e não respondiam mais com precisão aos que os consultavam e lhes ofereciam sacrifícios. Espíritos malignos foram expulsos e obrigados a se retirar. Os ídolos dos deuses gentios tremiam na presença dos cristãos, até mesmo diante de seus ossos sepulcrais, pelos quais os gentios pediam ajuda. Quando os gentios queriam sacrificar, os cristãos perturbavam todos os seus mistérios, pelos quais eram perseguidos e difamados. Os demônios fugiam dos corpos, sendo expulsos pela força no nome de Jesus Cristo. A religião cristã é, portanto, a mais poderosa e dominante sobre todas as outras religiões e seus seguidores. Ela aboliu a religião judaica e destruiu a religião pagã, os deuses, demônios, ídolos e oráculos, destruindo-os de tal forma que nunca mais puderam se levantar novamente.

Sustentou-se até hoje o fortíssimo e firme amparo dos cristãos sem nenhuma assistência humana. Sem armas, sem eloquência, sem filosofia, sem autoridade ou grandeza, sem prazer, sem lucro ou qualquer conveniência humana que são os incentivos usuais para o progresso humano. Mas também pelos frutos, com paciência, simplicidade, humildade, sofrimentos e aflições que foram extremos tanto para aqueles encarregados de fazer isso quanto na forma de proceder. Visto que o Cristianismo não foi fundado pela força, sabedoria ou prazeres humanos, mas, pelo contrário, contra e apesar dos poderosos, dos falsos e dos deleites humanos, foi muito bem estabelecido, rapidamente prevaleceu e foi ampliado em todo o mundo, que ele venceu, e assim, fica claro que ele foi fundado na força, sabedoria e esperança divinas. Após isso, a aceitação universal foi aceita. O Cristianismo, pelo ministério de muito poucas pessoas, aos olhos do mundo, foi recebido e aceito por todo o mundo, sem nenhuma acusação ou condenação pública, mas com admiração e aprovação geral, até mesmo de seus inimigos contraditórios, embora às vezes os tenham perseguido: não como algo maligno, mas como algo novo e estranho ao entendimento natural, à dignidade e ao gosto do mundo, contrário à forma usual de vida ou mesmo, de acordo com sua interpretação, prejudicial ao Estado. Depois disso, veio a prova e verificação disso, com exames rigorosos e autênticos tão solenes e autênticos que duraram muito tempo, nos quais, testemunhas e numerosos adeptos de todas as partes do mundo que foram tentadas e sofreram extremamente, tanto em seus corpos quanto em suas reputações, depositaram todo o seu testemunho claro e consistente e defenderam totalmente todos os contraditórios contra eles, mesmo diante dos príncipes da terra e voluntariamente aceitaram a perda completa de seus bens e o exílio de suas pessoas; finalmente, eles selaram tudo com seu sangue, tornando claro que a única verdade, indiscutível e autêntica do Cristianismo. Certamente, se a religião cristã fosse vã e falsa, os discípulos de Jesus, os primeiros cristãos, teriam enganado o mundo e enganado a posteridade; ou eles próprios teriam sido enganados. Além disso, eles não eram pessoas adequadas ou capazes de enganar, sendo simples, rudes, fracos, sofredores, em pequeno número, contra pessoas ricas, poderosas, sábias e em grande número, ou seja, contra o mundo inteiro. Por que então eles teriam querido isso? Teria sido por ganho, honra, conveniência? Eles poderiam ter feito isso em segredo, com fraude e malícia, mas aqui estão eles em público, enfrentando com firmeza e confiança incríveis, em sofrimentos e aflições perpétuos. Eles melhoraram sua condição presente com essa doutrina, submetendo-se a todos os perigos, ultrajes e até a morte, prometendo o mesmo a seus seguidores. Como poderiam então enganar em algo que não é sujeito a engano, mas que, à primeira vista, é terrível, estranho, até mesmo absurdo e monstruoso em todos os aspectos? Por que e como eles acreditariam, mesmo com a perda de suas comodidades, prazeres, filhos, e mesmo sendo forçados por uma grande exibição e brilho de milagres? Eles mesmos dizem, falando aos fiéis: "Nós zombamos dessas coisas anteriormente, como vocês sabem, mas o que dizemos agora é verdade para uns e falsidade para outros, mas para nós, que acreditamos e somos convertidos, é a verdade e a sabedoria de Deus". Quero encerrar este capítulo, após esta discussão sobre a verificação do Cristianismo e do martírio,

com as palavras de Tertuliano, próximo dos Apóstolos, falando aos senhores e juízes romanos. A natureza, por medo ou vergonha, esconde todos os males; os malfeitores se deleitam em serem ocultos e se escondem de serem descobertos. Mas o que é admirável nos cristãos é que, embora tenham algo semelhante a eles, eles preferem ser expostos, e se expostos, se gloriam nisso; se acusados, não se defendem; se interrogados, confessam livremente; se condenados, dão graças. O que há de melhor nisso? É que o mal do martírio não contém medo, vergonha, remorso, arrependimento ou falsidade. Qual mal é esse do qual o acusado se alegra, do qual a acusação é um elogio, a pena uma felicidade? E o mesmo em outro lugar. Torturados, condenados, quebrados, nossa injustiça provará nossa inocência. É por isso que Deus permite que passemos por essas coisas: nossa virtude mais excelente é uma isca maior para nossa maldade. Crescemos e multiplicamos mais, porque, enquanto somos ceifados de vocês, a fúria dos cristãos é a semente. Se apenas fosse melhor em nossa religião ser morto do que matar, vocês seriam todos amantes, não inimigos; vocês poderiam lutar com violência. Pois se todos os nossos forem com vocês, para fazer um corpo e um mundo forte, então só restaria uma solidão, um silêncio que os surpreenderia e arruinaria seu domínio, não tendo ninguém para comandar.

Rentável satisfação e perfeição do homem - Tendo tratado do sexto e último ponto da excelência, dignidade e preeminência do Cristianismo sobre os outros e para concluir este assunto, procederemos da mesma maneira que fizemos anteriormente para provar contra os teístas que se uma religião existe, então pela mesma força da razão segue-se que é verdadeira a religião cristã, pois é aquela que possui todas essas características. O homem é obrigado por todas as razões a abraçar a religião, a qual, de todas, lhe traz mais honra, lucro, satisfação, alegria e contentamento, sendo a mais propícia e favorável ao seu bem, seu ser, sua perfeição; de outra forma, seria inimigo de si mesmo, deixaria o melhor para adotar o pior. Não é claro e certo que, de todas as religiões que já existiram, nenhuma traz mais desgosto, alegria e contentamento do que a cristã. Certamente, em comparação com todas as outras, ela se destaca muito. Que alegria, que repouso, que contentamento é assegurar em seu coração que o grande mestre de todas as coisas, todo-poderoso, constantemente cuida de nós até mesmo dos fios de nossas cabeças, nos guarda como a menina de seus olhos, é amoroso e ciumento de nós, de nosso bem, mais do que jamais poderia ser o prêmio de seu filho pequeno, ou o amor de sua esposa, que é verdadeiramente nosso pai, nos ama como seus filhos. E para nos fazer acreditar, ele como um pai rejeitado, expulso de sua casa, seu rosto natural obscurecido aqui embaixo, expondo-nos a todas as misérias, vaidades e tormentos. E ainda assim, obediente ao seu pai e por amor a nós em nosso nome, ele suportou voluntariamente todas as coisas, dando-se inteiramente a nós, nos convidando a aceitá-lo e a torná-lo nosso lucro. Para resumir, durante este breve tempo que estamos aqui, enquanto esperamos que ele venha até nós, ele sempre nos assistirá, enviará seus anjos para nos confortar, nos manterá próximos a ele por meio de seu espírito e, então, quando deixarmos este lugar, ele nos receberá junto a ele para vivermos eternamente em sua mansão em todos os deleites e prazeres celestiais.

Todas as outras religiões têm tais contentamentos? Certamente, a cristã tem razão em se orgulhar de ter em mãos todos esses bens; a natureza humana deve se sentir muito honrada e exaltada por ter tal crença, tal religião. Sua glória, seu contentamento, sua perfeição dependem disso. Portanto, segue-se que o homem não pode jamais ser repreendido de alguma forma por ter abraçado o Cristianismo e se apegar firmemente a ele, pois ele é guiado pela própria mão e comando expresse da natureza, por todas as boas razões e considerações forçado a aceitá-lo. E para falar de todas as espécies de pessoas, Deus concederá se lhe aprouver, pois é sua obra: mesmo que haja alguma dúvida sobre o Cristianismo, o que é muito falso e impossível, é verdade que, seja qual for o homem, ele pode verdadeiramente acreditar que sempre faz melhor ao se unir à parte que é a melhor, a mais amável em si mesma, que traz mais bem e perfeição ao homem. E ao contrário, aquele que não aceita esta religião, ou que aceita outra, que não é a verdadeira, dificilmente pode esperar escapar da repreensão de Deus, mas será muito provável que seja punido por escolher o pior.

Respostas às objeções que são propostas contra a substância da religião Cristã - Após a pessoa, vem a doutrina. Contra a qual, a substância da religião Cristã, se opõe a extrema estranheza do totalmente incrível, repulsivo para todo o senso comum, toda aparência de desrazão e verdadeira semelhança, principalmente nos pontos teóricos dos artigos de fé: que são todas coisas terríveis, enormes, contrárias à natureza e ao discurso da razão. Em primeiro lugar, responde-se que é um enobrecimento, um aumento de honra e dignidade para o espírito humano, acreditar e receber em si coisas que ele não pode compreender e que ultrapassam completamente sua capacidade, sua suficiência; a alma se eleva, se enobrece por meio dessa crença. Se ela apenas recebesse o que é capaz, o que pode apreender e compreender por sua força natural, ela se ocuparia bem e se aplicaria, mas não se enriqueceria, não se emendaria em nada; ela não avança, não se eleva em honra, como aquela que se casa com um Senhor de uma fortuna muito mais alta que a dela. Portanto, é uma grande honra que a religião Cristã traz ao homem, fazendo-o acreditar e receber coisas que ultrapassam infinitamente toda a sua capacidade e, assim, enobrecem sua condição. Por outro lado, vê-se a baixeza e a vileza das outras religiões, que são recebidas e compreendidas pelo homem por meio de suas ferramentas naturais ordinárias, de sua inteligência, de sua superioridade, e, portanto, são menores, inferiores ao homem, já que ele as alcança por sua própria força; ele as recebe e compreende dentro do cercado delimitado de sua inteligência: pois o que está contido é menor do que aquele que o contém. Este é, portanto, o primeiro ponto de nossa resposta. Que a acusação que os adversários levantam contra o Cristianismo é, na verdade, o ponto mais alto de sua honra. Pois aqui está em que o Cristão se glorifica, que ele acredita no que não entende, no que não pode entender; pois se ele pudesse entender, ele se mostraria maior do que aquilo em que ele acredita e do que sua religião: daí não poderia ele de forma alguma ser corrigido. Mas eles dizem, repreendem, que é uma grande leveza, loucura, acreditar, sem saber o que é, aderir e sustentar com firmeza as coisas que ninguém pode entender, nem conhecer as causas, os motivos, os meios; é se deixar levar

demais, precipitar-se no perigo de ser enganado facilmente, de agarrar o falso como o verdadeiro: porque é andar pior do que às apalpadelas, como se diz. O sábio sempre consulta a razão ou o sentido, a experiência, toma-os como garantia em todas as coisas, não se move do curso natural ordinário, a menos que seja forçado por alguma prova ou argumento pelo menos equivalente. O Cristão acredita no que sua própria razão, toda a ordem das coisas, o desaconselham de acreditar, e que a natureza não pode suportar; toda a sua criação religiosa é monstruosa; o que ele acredita, no que ele espera, no que ele confia, ele não sabe absolutamente o que é, exceto que ele sabe que são todas coisas em si mesmas e segundo a natureza da razão, não críveis, não esperáveis, não confiáveis. É preciso responder a isso um pouco mais detalhadamente. É primeiro muito mal argumentado pressupor isto: pois não há um modo mais fraco, mais perigoso, mais enganoso de assegurar uma coisa do que a razão e a experiência; pois em todas as coisas, alguém não pode apresentar tantas razões e dar tantas aparências de um lado, que ele não possa igualmente dar para o outro. Portanto, o filósofo Epicteto dizia que todas as coisas têm duas faces; e esta é a opinião dos mais excelentes e célebres filósofos antigos. Que me chamem uma opinião que tenha sido entendida desde o começo do mundo até agora, pacificamente recebida por todos; tomem todas as artes e ciências cultivadas desde Adão. Não estão de acordo nem no que diz respeito às estrelas, muito menos no que diz respeito aos céus, seus movimentos, cursos, influências, ou no cálculo dos anos. Há quem refute todos os fundamentos da medicina e diga que ela nunca foi corretamente praticada. Quantos livros de disputas, de opiniões contrárias na ciência das leis, das políticas? Toda coisa tão defeituosa, deformada e condenada num lugar, seja traição, roubo, incesto, parricídio, que não seja louvada, até legítima, em outro. Eu digo, portanto, ao contrário dos outros: é uma grande tolice pensar em resolver as coisas pela razão, trazer uma certeza, uma resolução final; há algo mais flexível, mais variável, mais duvidoso e inconstante do que o julgamento da razão humana? E a experiência e os exemplos, tão infinitamente diversos, que mal se pode encontrar dois iguais em todo lugar em dez séculos? Tomemos o partido contrário: quantas coisas mais importantes, mais certas, das quais não temos praticamente nenhum, selo, nem razão, nem experiência? Em todas as artes, ciências e profissões, teóricas, práticas, mecânicas, os princípios, os fundamentos são aceitos com reverência, acreditados, tidos como muito verdadeiros, sem terem prova, razão ou experiência. É por meio deles que se adquire o conhecimento das outras coisas; tanto que é preciso crer antes de entender, como diz o Profeta. **Fim do segundo livro.**

Livro 3 - terceira verdade: De todas as partes que compõem na Cristandade a Católica Romana é a melhor, contra todos os Hereges e Cismáticos.

PARA O REI. PARIS, Na casa de Pierre de l'Ave Maria, no monte; S. Hilário, na estrela coroada. M. XX. Ao rei HENRIQUE IV - É Vossa Majestade, que é Rei muito Cristão, primogênito da Igreja, a primeira flor dos soberanos Cristãos, protetor da casa e família de Deus Católica, que muito melhor e mais justamente pertence a esta terceira grande verdade Católica, que já o pequeno tratado da Igreja disse ao

Sereníssimo Rei de Navarra: E ainda mais justamente, pois caro fostes adquirido com tantas lágrimas fervorosas, tantos desejos ardentes e profundos suspiros de todos os bons Católicos não apenas franceses, mas do mundo universal, que há alguns anos colocaram em suas cabeças, os seus votos orações mais sérias a Deus, que Ele se dignasse favorecer tanto a querida esposa de seu filho único, quanto a reconquistar e devolvê-la a você. Eles o consideram duplamente seu rei, natural e adquirido, onde é necessário que os outros se contentem com um. Este pequeno livro assim chama seu autor aqueceu logo à entrada o Rei de Navarra, Príncipe de Béarn, a arruinar a Igreja Católica, sua mãe, que ele chamava de Reino do Anticristo, apoiado pelos povos e Reis da terra com o prognóstico de que apesar da dificuldade que havia, ele conseguiria: que o mais difícil já estava feito e que a vitória estava assegurada. Pois convulsões, sinais evidentes de sua morte iminente apareceram que era o caminho mais curto para eles estabelecerem sua grandeza. E esta verdade e mostra para o maior rei do mundo que a Igreja Católica é a antiga e universal fé de todos os fiéis Cristãos, o seio, o colo de todos os Reis Príncipes da terra, a casa de salvação, rainha invencível, vitoriosa e senhora de todos os Anticristos e todas as heresias. Contra a qual todas as potências e grandezas que a quiseram golpear, se envergonharam e foram quebradas: amaldiçoaram sua influência. E aqueles que tomaram seu partido elevaram seu nome até os céus e consolidaram, aumentaram seus estados com a benevolência de todos os povos: fizeram seu nome chegar à posteridade com bom odor, como vemos com vários reis seus antecessores desde Clóvis. Seria razão agora, segundo seu conselho, negar e condenar cinquenta e oito reis seguidos, e onze séculos em que esta Igreja floresceu pelos Éditos e Leis públicas do Reino, sem contar quatrocentos anos antes dela existir? Agora este livro, senhor, foi publicado para ecoar com o rumor de sua conversão, aqueles que eram da religião deste Príncipe, a quem este pequeno livro havia sido dedicado, e convidá-los a instruir-se e fazer o mesmo. E embora Vossa Majestade tenha tido outros instrutores melhores e mais vivos ainda assim espero que sob uma tão grande e soberana autoridade este livro cheio de verdade terá boa fortuna, pois sob uma menor autoridade encontrou tanta distorção da verdade. Grande Rei do mundo, toda a Cristandade, que teme seu estado, eleva até os céus sua valentia, constância, cuidado, vigilância incansável e grande habilidade militar, que nos salva a todos, reconhece que nunca foi tão oportuna, nem tão apropriada em um Rei, quanto desta vez em você: pois sem ela estaríamos todos perdidos e vendidos ao estrangeiro. Mas ela adora ainda mais sua clemência, bondade e incrível gentileza, virtudes muito mais reais, ao devolver tão docemente seus inimigos, quando os tem em mãos, receber seus súditos contumazes em sua graça, de uma maneira que nem uns nem outros jamais ousariam esperar ou acreditar, se tiverem juízo, eles ficarão todos atônitos. Mas eu não posso, sendo parisiense, não ser tomado de admiração e trocar as lágrimas de medo e temor por lágrimas de alegria e prazer por esta tão doce e graciosa, em todos os aspectos tão milagrosa redução desta grande cidade do mundo ao domínio de seu verdadeiro e natural Rei, para a tranquilidade de seu descanso. Portanto, para prestar a Vossa Majestade o mais humilde serviço que posso, devo, em minha profissão, como seu mais humilde súdito, dizer-lhe, se for do seu agrado, que assim como Deus lhe

devolveu sua herança, assim que você se declarou verdadeiro filho amado de sua esposa, e o mantém milagrosamente apesar de todos os planos malignos e infelizes: ele também requer de você um cuidado mais exato com sua casa, com o que pertence a ela, e o mantém obrigado a conquistar e trazer de volta os piores deste partido, pelo seu exemplo, persuasão, fazendo-os sentir vivamente o fruto e o repouso que Vossa Majestade recebe, o prazer que lhe darão ao segui-lo, em uma tão bela façanha: para que a alegria e serenidade que você trouxe ao céu e à terra com seu retorno, nunca desapareça, mas sim se fortaleça e atinja a perfeição através de uma tão bela sequência, tão gloriosa, tão doce conquista, para grande contentamento de todos os outros Príncipes, seus aliados e confederados. **Charron.**

PREFÁCIO - Contendo um geral e sumário exame da resposta feita a esta terceira Verdade e recentemente impressa em La Rochelle.

Quando esta segunda edição estava sendo preparada, surpreendi-me, pois a primeira veio a mim cheia de tantas diversões e distorções desde o início até o fim, ocupando um lugar tão grande que, se todas fossem removidas, Monsieur e nosso adversário repetiriam todas as passagens do meu livro, o resto seria muito pouco. Certamente, essas pessoas sempre demonstraram o seu bom julgamento, se desejam inflamar ainda mais a sua causa e torná-la mais suspeita, combatendo com as armas daqueles que falharam na verdadeira defesa, devemos deixá-los fazer isso. Se desejam ser persuadidos de outra forma, que não corresponde à natureza de sua religião ou ao espírito que os motiva, devemos deixá-los falar. Certamente, eles mostraram ter sido bem derrotados, bem feridos em seu orgulho, já que entram em tamanha raiva, tremem tanto e se agitam tanto. O respondente está certo ao dizer que este ataque é nada, que são apenas tolices frívolas e ridículas, teias de aranha: ele responde com grande desdém, como se fossem coisas sem importância. Por que então tanta veemência, tanta animosidade, tantos esforços de advertência para se proteger dos golpes deste Doutor astuto, não deixar esse sofista escapar, se proteger de seus chifres, pois ele os usa com frequência. O leão não ruge contra a mosca, o homem sábio, poderoso e corajoso não se incomoda com pouco. E não se pode dizer que, em compensação e para responder aos seus ataques, como se costuma dizer, pois em todo o meu livro, desde a primeira até esta edição presente, não há injúria ou animosidade, por menor que seja: avisei o Leitor desde o início que tomei o cuidado de evitar isso, embora os adversários sejam mais persistentes. Isso deveria torná-lo um pouco mais reservado, se fosse capaz. Ele reclama que levei muito tempo para responder ao livro, embora ele tenha começado bem. No entanto, nunca ouvi falar de qualquer oposição ao Anglo, que agarrou treze livros inteiros refutando tudo o que Lutero, Calvino e todos os outros que se separaram da Igreja Católica escreveram, especialmente a obra de *** em muitos lugares não viu Bellarmino, que o menciona na Prefácio, tantos outros livros surgiram desde o pequeno tratado de *** que respondem abundantemente a tudo o que ele e todos os outros de seu partido disseram, dizem ou pensarão sobre este assunto. Mas pessoas ímpias, que queriam beneficiar todas as nações e toda a Igreja, traduziram-no para a língua, que é a própria do país, mais facilmente compreensível na Igreja Católica.

Além disso, meus amigos queriam que, quando publicado, servisse mais à nobreza francesa do que aos outros que não entendem latim. Quanto ao tempo, porque o livro de *** apareceu no mundo sete anos antes do meu, o respondente quer fazer crer que passei todos esses sete anos refutando-o, mesmo que os católicos não tenham feito nada durante esse tempo além de comer e beber, mas estou muito surpreso que para a dignidade da tese eu não tenha empregado tanto tempo quanto ele diz; mas há muitas pessoas honoráveis que podem testemunhar que, se tivesse sido refutado, teria sido impresso, assim como Deus é minha testemunha. Embora tenha sido refutado, nunca foi visto. Embora o resultado dos frutos que trouxe para a edificação dos católicos contra as imposturas dos adversários tenha me feito reconhecer que estava enganado. Ele me acusa também de malícia por ter esperado um momento de tumultos e confusões para fazer imprimir meu livro, pois raramente é visto em tempos de paz, o que ele interpretou muito mal. Mesmo com a graça dele e de seus companheiros, o tempo foi pouco agitado, nem nos sete anos desde que o livro de *** foi impresso, nem nos sete anos anteriores; nunca houve tanta turbulência ou tamanha ansiedade quanto a que ele menciona, pois isso é pouco comparado ao furor causado pelo livro de *** dentro e fora do reino. E se um católico publicasse um livro contra a Igreja Católica, contra a fé católica, que tem sido continuada por mais de dois mil anos, contra os Éditos e as Leis, isso também seria uma resposta, para a Igreja e para a religião recebida e aprovada, para as Leis dos Magistrados obedecidas por todos. Mas, se ele tivesse pensado, teria percebido que a ocasião da publicação do meu livro, naquele tempo e não em outro, foi baseada na esperança, ou melhor, na certeza de que todas as pessoas de bem teriam a próxima conversão do grande Rei, para que ninguém pudesse atribuir isso a outra coisa senão à verdadeira causa. E o principal desta grande glória não é outra senão a força desta terceira Verdade que resplandece na Igreja Católica, Apostólica, Romana, apesar da grande confusão dos prognósticos de que ele derrubaria a Igreja Romana. Dificilmente me convencerão de que um homem desse tipo, que não está em conformidade com... [o texto não está completo] parece assim ter se proclamado muito facilmente com tantas contínuas maledicências. E então cessarei aqui, ele é demasiado ingênuo, leal e esquecido do que ele mesmo afirmou, declarou, protestou ao leitor na introdução de sua obra. Que ele não vive senão para a salvação do povo, rogando aos outros, que não o adornarão com bênçãos, para que respondam com sinceridade e doçura, buscando como prêmio a salvação do povo, e não a glória do mundo. Que sinceridade e doçura em tamanha obra de hipocrisia! Para que servem tantas ardentes palavras, se não para a salvação do povo? Por que ele não faz o que deseja para os outros? Ou ainda, por que ele não segue o exemplo deles? Assim, é mais fácil acreditar nele do que neles próprios. Eu o estimo demais para menosprezá-lo assim. E além disso, como ele teria coragem de falar tão vantajosamente de si mesmo e de seu livro, como fiz neste prefácio, e ainda assim se chamar de humilde? Não posso acreditar que ele não condene esta maneira, tão contrária ao estilo francês, no qual, quando se fala até do Príncipe, após a primeira vez, ninguém mais diz nada, além do dito Senhor. E ainda muito mais contrária à regra dos doutores de modéstia cristã. E ele mesmo nomeia às vezes os primeiros Doutores e Mártires da Igreja em todo o lugar. Agora,

permita-me dar um conselho neste prefácio e fazer uma crítica geral. As faltas mais notórias e frequentes cometidas por nosso correspondente não são apenas indicadas, mas também mencionadas, deixando-as para serem examinadas mais minuciosamente nas respostas que darei após cada capítulo separadamente, depois de cada uma das minhas, o que facilitará encontrar imediatamente, pois revisarei novamente, organizando-as por temas e páginas, sem abordar cada uma delas individualmente e, ao mesmo tempo, brevemente, como eu poderia, pois o impressor me pressiona e tem interesse na interrupção da impressão. Ouça, então, as falhas que notei nesta resposta. A primeira e mais constante irritação em todo este livro é ousar a cada passo insultos vilões não apenas contra mim e meu livro (o que é pouco, dada a sua importância tão grande), mas mais contra o público, especialmente a Igreja Católica, onde ele foi batizado, assumindo o nome de cristão, onde seus ancestrais nasceram e morreram. Ele faz isso de duas maneiras: uma delas é em inúmeras passagens secas e cruas, reunindo lama, resíduos e um grande oceano de todas as heresias, vilanias, fedor de carniça infame, adoração ao Anticristo governado pelo Diabo, e um espírito tirânico orgulhoso, etc. A outra é em zombarias, difamações satíricas, poéticas, profanas, muito picantes. Ele dedica às vezes uma página inteira a isso. E não há uma única página sem esta falha. No entanto, o pior que eu disse foi menos do que eu poderia dizer, sabendo dos nossos adversários os cismáticos... A segunda falha é sempre abordar com má fé as crenças, proposições da Igreja Católica e supô-las de outra forma, com alguma alteração, corrupção, ou mudando as palavras, ou adicionando uma palavra da sua parte, ou alegando-as fora de contexto, ou as preferindo excessivamente cruas, ásperas ou difíceis. Além disso, ele se aventura a interpretar o sentido do meu discurso de maneira diferente do que eu quis dizer, com estas palavras: "(entendendo, isto é)". Ele deduz falsamente consequências das minhas palavras contrárias à minha intenção. Perturba a ordem de relatar a diferença ou concordância dos lugares do meu livro, para torná-los contraditórios. Ele trata disso principalmente, com grande habilidade, quando quer impor, por vezes dizendo mentiras, às vezes falando a verdade, mas sempre de forma tão rude e grosseira que até crianças perceberiam. Após a primeira falha, que é dos insultos, a mais frequente, de que estou tão surpreso que mal acredito, tal é a sua audácia, que alguém que a lê imagina que está redundante, isto é, acha que não seria replicado ou examinado novamente, jamais admitindo seu erro, mas passando por cima dele assim, e que se acreditará naquilo em que ele crê; pensarão que ele me venceu. Observa cada palavra com pequenas e vãs sutilezas, mordendo a palavra, a maneira de falar. Não responde a muitas coisas, as esquiva, como se não houvesse nada no meu livro. Não menciona muitas coisas, que são importantes para mim e não o tocam, mas sim algumas das principais, que o preocupam muito, das quais ele está convencido de não ter resposta, mas em vez de responder, ele ri e zomba, o que faz duvidar se ele acredita no que diz, ou se é apenas para perturbar ou exercitar alguma habilidade. Quando se vê encurralado, sua prática é se afastar, girar, mudar de assunto, falsificar, torcer, desviar o ponto, assumir que se trata de uma pergunta, quando se trata de uma proposição. Isso é bastante comum. Quando trata do poder, autoridade e direitos da Igreja, ele sempre fala em termos gerais,

que pertencem à Igreja, até o sexto capítulo, sem negar, refutar ou confessar, ou ser categoricamente o que ele quer afirmar; ele se volta rapidamente para a Igreja Romana, como se fosse ela a única que possui tal poder e autoridade, embora ainda não tenha sido mencionada, pois isso é uma suposição.

De todas as partes que compõem a Cristandade, a Católica Romana é a melhor contra todos os hereges cismáticos.

1. Das divisões que existem na religião Cristã.
2. As causas eclesiásticas destas divisões, da vontade de Deus.
3. Os frutos destas divisões que voltam à Igreja.
4. O debate entre as partes da Cristandade.
5. O único remédio é reconhecer e manter firme a Igreja.

Pois não apenas os estrangeiros infiéis são seus inimigos, eles a têm objetado por reprovação e, como desculpa, por não se juntarem a ela. Mas até mesmo seus domésticos a scandalizaram, alguns de seus servos com seus maus desígnios. Aprendemos pelo livro dos Atos dos Apóstolos, em muitos lugares, por São Paulo, que desde o início da Cristandade e dos tempos dos Apóstolos, que é a Igreja primitiva, havia muitas divisões, não apenas na prática, mas também na doutrina. Logo depois, São Clemente de Alexandria, mestre de Orígenes, escreveria que os judeus gentios acusavam os cristãos de serem contrários entre si, de se acusarem, condenarem, e uns aos outros por erros e heresias. Por causa disso, eles precisavam acreditar em nada, exceto na verdade, evitando serem enganados e discordantes entre si. Depois, o Imperador Juliano, o Apóstata, encontrando divisões entre os cristãos (segundo o historiador Marcelino), estudou como nutri-las para que não pudessem se unir ou resistir contra ele. Depois dele, o Imperador Valente, e então, o Ariano (segundo a história da Igreja), para estabelecer a apostasia, citava as grandes diferenças, cismas e debates que havia entre os cristãos. Depois de todos esses, Santo Agostinho dizia que em seu tempo a Igreja de Jesus Cristo tinha atingido tanta altura e autoridade que todos os seus inimigos e detratores estavam confusos e silenciados, não tinham mais nada a dizer contra os cristãos, exceto que eles não estavam em acordo, que os gentios que restavam não tinham nada para objetar, exceto suas divisões. É verdade que é uma coisa estranha que a religião cristã, sendo a única verdadeira no mundo, a verdade revelada por Deus, deveria ser muito una e unida em si mesma, assim como há um só Deus e uma só verdade, mas é despedaçada em tantas partes, dividida em tantas opiniões e seitas contrárias, de tal forma que não há artigo de fé ou doutrina que não tenha sido debatido, discutido de várias maneiras, nem tenha havido heresias ou seitas contrárias. E o que torna isso ainda mais estranho é que nas outras religiões falsas e bastardas, gentílicas, pagãs, judaicas, maometanas, tais divisões, parcialidades não se encontram. Pois aquelas que existem, ou são em pequeno número, leves e não importantes, como no judaísmo e no islamismo, ou, se foram em número, como entre os gentios, entre os filósofos, pelo menos não produziram efeitos tão grandes e tão prejudiciais ao mundo e não são nada em comparação com as grandes e

perniciosas divisões que têm existido desde o início e sempre na Cristandade. É uma coisa terrível as divisões da Cristandade. Primeiro, no que diz respeito ao governo e ao estado, tem havido frequentemente alterações e subversões das repúblicas, dos reinos, das raças, divisões de impérios até a uma agitação universal do mundo, com atos cruéis, furiosos e mais do que sangrentos, um grande escândalo, vergonha e reprovação para a Cristandade, na qual, sob o título de zelo e afeto à religião, cada parte odeia mortalmente todas as outras e parece que lhe é permitido fazer todos os atos de hostilidade. Coisa que não se vê em outras religiões. É permitido apenas aos cristãos serem assassinos, perfídios, traidores, se esforçarem uns contra os outros por todas as espécies de desumanidade, contra os vivos e os mortos, a honra, a vida, a memória, os espíritos, os sepulcros e cinzas, pelo fogo, pela espada, por libelos mordazes, maldições, expulsões do céu e da terra, desenterramentos, queimas de ossos, monumentos, contanto que seja para a segurança ou avanço de seu partido, e recuo do outro, sem composição, com tal raiva que toda relação de parentesco, aliança, amizade, merecimento, obrigação é deixada para trás. E aquele que ontem era elevado em louvores até o céu, e proclamado grande, sábio, virtuoso, ao se colocar hoje em outro partido, é pregado, escrito, proclamado ignorante, malvado, infeliz. Aí se mostra o zelo e a ardência da religião; fora disso, em todos os outros lugares, na observância da religião, há frieza e gelo. Aqueles que se comportam moderadamente, retidos, são notados como suspeitos. Se olharmos para os efeitos que tiveram como homens de pouco zelo, é uma abominação fazer um bom rosto e tratamento amigável aos do partido contrário. De tudo isso, alguns ficam escandalizados como se a religião cristã ensinasse a odiar e perseguir, como se nos servisse de pretexto para nos ocupar e valorizar nossas paixões de ambição, avareza, vingança, ódio, despeito, crueldade, rebelião, sedição. Menos hostilidade ainda contra a pessoa: mas reprovação e discordância ou guerras de opiniões de crenças. Parece a alguns outros que isso não é feito sem alguma boa razão, que é, que os cristãos abraçam sua religião e a adotam como uma verdade dada pela mão de Deus, da qual são extremamente zelosos e cuidadosos: o que leva a que todos aqueles que tentam algo contra ela para perturbar, ofender, injuriar, eles se opõem e atacam mortalmente como inimigos jurados capitais de Deus, de sua salvação e de todo o seu restante, pois indo tão longe, não podem, nem devem, agir friamente e moderadamente sem trair a causa de Deus deles. E o que não se faz tanto em outras religiões é porque eles não consideram as outras religiões no mesmo nível, nem as colocam em tal estima: mas as consideram como coisas humanas, recebidas das mãos dos homens. Isso diz respeito à política e ao estado, mas quanto à alma e à consciência, surgem ainda outros efeitos piores, que são perturbações de consciência, interesse na religião em si, desordens nos costumes, na disciplina, de tal forma que, no final, muitos, cansados e aborrecidos com tantas divisões e contrastes, não sabendo como resolver ou manter-se firmes, abandonam tudo, permanecem em branco, e acabam desrespeitando e abandonando a religião. Pois nós sabemos muito bem que o ateísmo, a irreligião, são os produtos e os pequenos bastardos das heresias. Além disso, sabemos que as divisões que têm ocorrido na Cristandade no Oriente têm servido de ocasião, têm aberto a porta para Maomé e seu Alcorão. Antes de avançar

e investigar as causas dessas divisões, devemos sempre lembrar que todas as partes do mundo que se dizem cristãs não são iguais, nem em igual grau, direito ou vantagem. Pois há uma grande e poderosa, mais pura e importante, que sozinha supera todas as outras juntas: aquela que, como a primeira, mais antiga, como a grande raiz da Cristandade, ocupa um lugar muito alto, permanecendo e se espalhando sempre sobre todas as outras sem mudar ou se mover, assim como um colosso, estendendo-se e se espalhando por todo lugar, daí ser chamada Católica, ou seja, universal, que é o próprio nome, verdadeiro e antigo, da mãe nobre de Deus, e o sobrenome dos filhos, que nascem legitimamente. Todas as outras partes, em grande número entre si muito contrárias, são como pequenas peças rasgadas e pequenos pedaços arrancados desse grande corpo principal, do qual se desvincularam e se estranharam, depois se revoltaram contra ele e lhe fizeram guerra total: mas é assim que pequenos barcos de rio se comportam em torno de um grande e poderoso navio de guerra armado de todos os lados ou como pequenos cães latindo e choramingando ao redor de um leão nobre e generoso. Portanto, podemos considerar preliminarmente e dividir a Cristandade em duas grandes partes, uma chamada Católica Romana: a outra é toda aquela que se opõe a ela, que, por subdivisão, é de mil partes, e uma infinidade de divisões diversas, mas que todas podem ser incluídas sob o nome comum de cismática ou anti-católica. Pois, apesar de suas diferenças, todas concordam em se opor, guerrear e destruir, se possível, a mencionada Católica Romana; e não há ponto em que todas estejam tão universal e ardorosamente de acordo quanto neste. A queixa e a acusação de tantas divisões e parcialidades não afetam de forma alguma este grande corpo principal Católico, uma vez que, sem variar, ele permanece sempre o mesmo em si mesmo, e se mantém firme em seu lugar, enquanto todos os outros que saíram dele conspiram e se voltam contra ele, tanto de fora do grupo quanto entre si, e assim causam que a Cristandade esteja tão despedaçada, dividida e mal cheirada aos estrangeiros. Agora, para descobrir as causas e ocasiões de tantas divisões, visto que casos semelhantes acontecem e não são vistos em outras religiões, podemos dizer que, neste caso, há uma dupla consideração, humana e divina: a humana é diversa, vamos tocar no principal. A religião cristã combate completamente a natureza humana, contradiz tudo o que está no homem, e a alma e o corpo: o homem não é capaz de recebê-la e ser cristão, a menos que se despoje de tudo, renuncie a si mesmo, e mesmo que não force nem coloque de lado tudo o que é natural e humano. Isso é algo que lhe é doloroso e contrário de fazer, mesmo que o faça com prazer; então ele volta atrás e retorna à sua natureza. As coisas forçadas sempre tentam escapar e voltar ao seu estado natural. Entenderemos melhor isso por meio de uma distinção e explicação particulares. Tudo o que está na religião se refere a dois chefes, acreditar e fazer: a crença afeta o homem superior, enquanto o fazer afeta o inferior, pois a doutrina da crença cristã é estranha e hostil à parte principal mais elevada do homem, que é a razão e seu julgamento. É contrária a toda filosofia e discurso racional, como se vê em todos os artigos da fé, que não podem ser compreendidos nem entendidos pelo entendimento humano, pois parecem impossíveis e completamente estranhos a ele; assim, o homem, para crer neles, precisa subjugar e submeter sua razão, submetendo seu entendimento à

obediência da fé, como diz São Paulo: se ele cometer algum erro, deve consultar, ouvir a filosofia e medir as coisas pelo compasso da razão, ele abandonará tudo, zombará delas, como uma loucura; o que acontece com muita frequência, pois o homem se prende a uma crença que não é. Se você não acredita na Igreja, Agostinho, quem você vê te ensinará. Jesus Cristo, se não a Igreja, não lhe digo por si mesmo, seu irmão mais velho, santo Cipriano diz que não se pode ter Jesus Cristo como pai, se não se tem a Igreja como mãe, é uma ordem natural que deve ser seguida por meios visíveis e sensíveis, como os mais certos e mais aparentes, levar ao conhecimento dos insensíveis. Esta ordem é observada na religião. Por meio das criaturas visíveis (diz São Paulo em toda a Escritura, obtemos o conhecimento de Deus das coisas invisíveis. Também pela Igreja visível, sua palavra sensível, obtemos o conhecimento de Jesus Cristo, que nos é invisível e insensível. Seguindo esta ordem, ele nos dá os meios e instrumentos externos de nossa salvação. Os Sacramentos, que são sinais visíveis administrados pela Igreja visível, manifestam graças bem invisíveis, dadas por Ele invisível, ao invisível. É certo que Deus não está sem povo, sem sujeito, sem casa, sem família: mas há no mundo um rebanho, uma sociedade e uma colega de pessoas que servem a Deus e são especialmente assistidas e governadas por Ele. Deus revelou ao mundo os meios de salvação, e tanto quanto Ele quis segundo Sua vontade, para os homens saberem. Esta santa revelação Ele depositou em algum lugar e para alguns séculos, onde ela deve ser guardada inteira até o fim, onde deve ser compreendida e aprendida, que é sua Igreja, sua casa bem amada, seu santuário, o domicílio de suas graças e bênçãos, a escola da verdade, o reservatório de todo bem, o que é mais caro a Deus do que todo o resto do mundo, e tudo o mais é feito por causa dela. Assim como um pintor, que tem um desenho, e deseja mostrar por alguma bela obra o que ele sabe fazer, e adquirir honra ao ter preparado seu quadro, ele pinta no meio dele um retrato do que ele desejou, preenchendo o vazio com nuvens, paisagens grotescas, e outras fantasias prazerosas, que trazem algum brilho e beleza acessórios à obra, mas que não fazem nada pelo principal desígnio do Mestre. Da mesma forma, quando Deus, ao Seu bel-prazer, deseja se mostrar fora de Si mesmo, e como se saindo do abismo infinito de Sua Majestade, para se mostrar e trabalhar no mundo, Seu principal desígnio não foi fazer um Sol, uma Lua, um Mar que lhe servisse, ou que fosse importante, mas uma Igreja, ou seja, uma República ou sociedade grande de pessoas com fé verdadeira, e a quem Ele pudesse falar; que honrassem e lhe rendessem obediência, serviço, para que Ele estendesse Sua glória para fora, da qual Ele estava cheio por dentro de Si mesmo. O desígnio de Deus, portanto, Sua obra-prima, Sua empresa é a Igreja; todo o resto é apenas para servir essa, na qual Deus faz ver os principais traços mais ricos de Sua bondade, poder, sabedoria, que é a coroa de Suas obras. Portanto, no Símbolo da Fé, após todos os artigos sobre Deus o Pai Criador, o Filho Redentor, o Espírito Santo Santificador, o último, sem o qual não podemos tirar proveito de todos os precedentes, é o da Igreja, que fecha, firma e preserva os outros, e sem a qual todos os outros são inutilmente acreditados. Mas quem crê nisso lucra; ele crê necessária e proveitosamente em todos os outros. Pois é nela que Deus está, reside a salvação, a vida eterna. Fora dela não há salvação, mas apenas ignorância de Deus,

superstição, erro, condenação, como fora da Arca no mundo, fora da casa de Raabe em Jericó, em todo lugar era apenas morte, fora dela ninguém pode se dizer cristão ou membro de Jesus Cristo, diz santo Agostinho. Quem quer que seja, não é cristão, seja quem for, se não estiver na Igreja de Deus; Ninguém pode ter Jesus Cristo como seu chefe, se não for membro de seu corpo, que é a sua Igreja. Portanto, segue-se que o fundamento de toda certeza, de todo repouso, é viver e permanecer firme na Igreja. É o único abrigo e refúgio em tempos de tempestade; é preciso se abrigar lá e se manter firme, seguro, enfrentando o mundo com os seus, tanto quanto quiser. Agora, para se alinhar e se manter lá, é necessário conhecê-la bem e ter em mãos meios certos para distingui-la claramente, discerni-la de todas as outras falsas e errantes companhias. É disso que estamos tratando neste livro, cuja substância e método serão tal, reduzidos a este silogismo: A verdadeira, certa e soberana regra de nossas consciências, o juiz da doutrina cristã, não é a inspiração privada do Espírito Santo, nem a Escritura sozinha, mas a Igreja, a quem compete, para nosso olhar, explicar, interpretar e decidir sobre as outras inspirações escriturais. A qual Igreja não pode errar na substância da doutrina da fé. Esta proposição é tratada nos cinco primeiros capítulos; segue-se a confirmação no restante do livro. Ora, esta Igreja é a Católica Romana, e não outra.

Exame do primeiro capítulo da resposta fatal ao capítulo anterior figurado impresso em Rochelle - Antes de responder ao meu primeiro capítulo, ele faz um discurso geral, para mostrar que o costume dos Católicos, particularmente entre estes, é fazer passar as falsidades cobertas, e sob a escolta de algumas verdades. E para fazer isso, ele associa várias proposições que ele pensa serem contrárias e incompatíveis, sendo uma verdadeira e admitida por eles, e a outra falsa, inventada pelos Católicos. Além disso, tudo isso pertence à doutrina, da qual não tratamos aqui, como foi dito na Prefácio: Dizemos que todas essas proposições pensadas corretamente de acordo com a inteligência da Igreja e as distinções da Teologia das quais ele mesmo fala brevemente, exceto pela corrupção que ele traz, colocando-as de forma diferente do que é sabido, para torná-las duras e odiosas, são todas verdadeiras e muito harmoniosas. Além disso, ele comete aqui quase todos os erros que cometeu na Prefácio, como é verdadeiramente apropriado. Ele diz que ensinamos a adorar os homens: e nós não dizemos mortos, mas vivos, e mais vivos do que ele (quer dizer, felizes com Deus) e não dizemos adorar simplesmente, mas com explicação, sim, honrar e venerar amplamente. Também diz que damos companheiros a Jesus Cristo como queremos, até mesmo coisas cruces inanimadas, insensíveis, como a Cruz, que nós esperamos chamar de única esperança, tudo isso é falso: Pois não damos nenhum companheiro a Jesus Cristo, que consideramos o único redentor único mediador supremo entre Deus e os homens, tanto santos quanto outros. E nós ao nos dirigirmos à Cruz, sempre entendemos o crucificado, como relativos e inseparáveis, assim como o sacrifício. Também diz que removemos o segundo mandamento da lei, o que é muito falso: Pois seja o segundo, como ele quer com os judeus, ou parte do primeiro, como quer Santo Agostinho, e a maioria dos santos Padres, isso não importa muito, e é problemático: Ainda é um mandamento. E o recebemos como o resto da lei, sem

removê-lo, como ele diz muito mal. Ele diz especialmente sobre mim, que eu considero companheiros em honra de Jesus Cristo os Santos. Porque são seus membros, frutos e efeitos de sua cruz. Eu disse claramente esses três últimos, mas companheiros eu não disse, nem queria dizer, pelo contrário. Pois membros, frutos, efeitos não significam companheiros, mas sim inferiores, sujeitos. Ele propõe várias coisas contra mim depois que ele as provará. No entanto, sem pensar, ele se enreda por inveja que deseja desdizer, falando sobre os sinais que a Igreja se apropria. Ele diz que são semelhantes aos que os pagãos alegavam, para a defesa de sua Idolatria. E ele não vê que esses sinais são tirados do Símbolo dos Apóstolos do primeiro Concílio de Nicéia, ambos aceitos por eles. Sabendo disso, segundo nossa resposta, os sinais da Igreja dados pelos Apóstolos, pelo Concílio de Nicéia são pagãos. O que pode ser dito mais absurdo? Mas aquele que está cego pela paixão, não sabe o que está dizendo, quem se afoga não olha para o que está bebendo. Ele também impõe que eu digo que o Papa é um verme que rói uma maçã. Porque eu não disse nem Papa, nem rói. São apenas insultos bravatas. Contra meu primeiro capítulo, ele começa a responder tentando encontrar em meu primeiro artigo a contradição com meu capítulo 11. Mas ele não faz isso em lugar nenhum, não faz nada além de perturbar a água para que não fique clara. E então ele se refere ao capítulo 11 para falar mais amplamente sobre isso. Sem esperar tanto para satisfazer a todos, quero aqui representar meu ponto de vista. Eu disse, e digo neste capítulo mesmo, que antigamente os estrangeiros descrentes da Cristandade acusavam os Cristãos das divisões que havia na Cristandade. E no Parágrafo 1, eu disse que tal acusação se aplicava sobre aqueles que saíram e se separaram da Igreja Católica Romana e depois se separaram entre si. E no cap. 11, esta mesma acusação dos gentios, eu a faço em nome da Igreja Católica, todos os Cismáticos, que são a causa de os estrangeiros a considerarem toda a Cristandade, louvando a unidade e união Católica. Que ele julgue agora se há contradição. No entanto, é falso o que ele diz, que os Pagãos podiam alegar como prova de sua Idolatria a mesma uniformidade e consenso universal que os Papistas têm. Porque eles estavam tão divididos, de tal forma que para tantas cidades e vilas (como Santo Agostinho diz, após os próprios Doutores da utilidade.Varón) tantos deuses, tantas religiões, tantas opiniões diferentes sobre o soberano bem, e tantas seitas de filósofos. Além disso, mesmo que fosse verdade, isso não levaria a uma conclusão correta.

O uso comum e até mesmo a necessidade nos ensinam que em todos os debates e disputas onde há argumentos de ambos os lados, para chegar a uma resolução final é necessário uma regra de autoridade soberana, à qual todas as partes concordam e obedecem. Cada parte que pleiteia pode e deve, para a defesa de sua causa, apresentar argumentos, testemunhos e evidências. Mas ao apresentar muitos argumentos, os assuntos não são resolvidos, tornam-se mais duvidosos, as partes não chegam a um acordo e se aquecem ainda mais no processo. Após tudo isso, é necessário acima de tudo uma autoridade viva que examine todos esses argumentos e evidências, e então pronuncie a sentença final, encerrando toda disputa, como fazem os juízes soberanos, os árbitros. Se isso é verdade para os

assuntos e debates humanos temporais, é ainda mais verdadeiro para os assuntos religiosos, onde as disputas são mais tediosas, mais importantes e mais perigosas, e o acordo é ainda mais necessário. Portanto, é necessária uma regra e autoridade certa e infalível, caso contrário, haverá mais confusão do que na Babilônia. Na religião cristã, há muitas partes e grandes divergências de opiniões e seitas, mais do que em qualquer outra religião, até mesmo do que em todas juntas, como já foi dito. É, portanto, necessário ter meios para resolver e garantir, uma regra certa para discernir facilmente e com segurança o verdadeiro do falso, e saber no que confiar. Ao buscar esta regra, é necessário primeiro saber qual deve ser, quais são suas qualidades e condições. Há muitas, mas especialmente três principais são necessárias: deve ser autêntica, para que todos a respeitem, concordem e obedeçam; também deve ser certa e infalível, não apenas em si mesma, mas também não pode ser distorcida, corrompida ou alterada por outros, e ninguém pode ser enganado por ela, para que sem escrúpulos ou dúvidas possamos confiar e descansar nela. Terceiro, deve ser pública, notória, fácil, exposta a todos, para que até os mais simples e ignorantes possam se dirigir a ela e facilmente aprender o que devem crer e manter. É certo que Deus nos providenciou tal regra, caso contrário, pareceria que ele não nos teria fornecido adequadamente a segurança de nossa salvação, para a qual ele nos enviou seu próprio filho, se não nos tivesse providenciado contra as falsidades, mentiras e erros. Agora, procuramos e sabemos onde e como essa regra pode ser encontrada, quais são suas qualidades. Certamente nunca foi pretendido ou alegado mais do que três: a Igreja, a Escritura e a inspiração secreta do Espírito Santo. Não se falou ainda de uma quarta. E para saber que não pode haver outra, é preciso lembrar que essa regra, para ser o que foi dito, não deve ser humana. Pois o que vem das mãos dos homens, não pode ser autêntico o suficiente para servir de regra para todos os homens, ainda menos certo e infalível, tendo como autor um homem, mentiroso, sujeito à vaidade, ao erro. O que há de mais belo e melhor no homem é a razão, que os filósofos e sábios do mundo usaram como uma regra em todas as coisas. No entanto, a razão é uma ferramenta oscilante, uma régua de chumbo, flexível, mutável, insegura. Não se pode apresentar mais argumentos de um lado do que se encontra do outro; e quanto mais argumentos houver, mais dúvidas surgirão. Além disso, a religião, que está acima de toda razão, pois é uma revelação de Deus, não pode nem deve ser julgada pela razão. Portanto, a regra que buscamos deve ser de Deus, que é a única verdade imutável, impassível, inflexível. De Deus, só pode ser uma dessas três. Pois Deus se revela ou secretamente, e isso é a inspiração privada do Espírito Santo, ou publicamente, seja por escrito, e isso é a Escritura, ou por voz viva e palavra proclamada, e isso é pela sua Igreja. Destas três maneiras pelas quais Deus se revela e se comunica, a questão é qual delas é a última e soberana regra, à qual se deve recorrer, que tem essas três marcas e condições que foram mencionadas, que é autêntica, certa e infalível, notória, exposta aos olhos de todos. Vamos examinar isso e saber qual delas pode ser a regra, quais são suas qualidades. Certamente nunca foi pretendido ou alegado mais do que três - a Igreja, a Escritura, a inspiração secreta do Espírito Santo. Não se falou ainda de uma quarta. E para saber que não pode haver outra, é preciso lembrar que essa regra, para ser o que foi

dito, não deve ser humana. Pois o que vem das mãos dos homens, não pode ser autêntico o suficiente para servir de regra para todos os homens, ainda menos certo e infalível, tendo como autor um homem, mentiroso, sujeito à vaidade, ao erro. O que há de mais belo e melhor no homem é a razão, que os filósofos e sábios do mundo usaram como uma regra em todas as coisas. Ordem: A ordem estabelecida por Deus no mundo para a orientação de seus seguidores é totalmente diferente. Nunca foi a forma pela qual Deus instruiu e governou os homens, usando inspirações, mas pelo testemunho da voz viva e pública de certas pessoas comissionadas e designadas. Jesus Cristo, fundador da religião cristã, confiou esta tarefa aos seus apóstolos para proclamá-la pelo mundo. Eles também se apresentaram ao mundo como testemunhas, não podendo ocultar o que sabiam, viram, ouviram e experimentaram.

Dizemos que somente a Escritura ou a Igreja, não pode ser regra própria, nem juiz soberano para julgar e determinar sobre a doutrina dos assuntos da religião, mas que esta regra de julgamento é a Igreja, a qual tem propriamente esta autoridade e poder, que ela usa para exercer, servindo-se, ordinariamente, da Escritura ao interpretá-la e aplicá-la como necessário. Isso pertence apenas a ela. Vamos demonstrar que isso é verdadeiro e, em seguida, veremos o que nos é objetado. Primeiro, essa regra que tanto buscamos deve estar à vista e ao alcance de todos, pois todos têm ou podem ter acesso a ela (é uma de suas qualidades essenciais), para que todos, até os menores, tenham fácil acesso, estejam sem desculpas e não duvidem de sua salvação. A bondade de Deus, que deseja a salvação de todos, que não falha assim como a natureza que Ele criou não falha no que é necessário, parece requerer isso. Ora, a Igreja está muito mais à vista, notória e de fácil acesso do que a Escritura, e tão notória que não há cristão, nem muçulmano, que não a conheça, embora uma infinidade de cristãos nem sequer conheçam a Escritura, assim como em uma cidade todos conhecem o Magistrado, o local onde o tribunal se reúne, sendo fácil para eles se dirigirem a ele, o que não acontece com a lei. E, certamente, a obrigação e necessidade de acreditar, conhecer e obedecer à Igreja são muito maiores do que a de acreditar, conhecer e obedecer à Escritura. Quem não crê, não conhece e não obedece à Igreja não é fiel nem cristão. Porque, no Símbolo da Fé, é dito expressamente para crer na Igreja Católica, o que não é dito da Escritura. O Apóstolo diz que a fé vem pelo ouvir; portanto, é necessária uma voz viva, alguém que fale. Quem senão a Igreja? Ou, como diz o Apóstolo, o pregador enviado pela Igreja? Portanto, a fé, que é necessária para a salvação, vem da Igreja falante e não da Escritura lida. E a descrição essencial da fé é crer em Deus, que se revela pela Igreja. Jesus Cristo declara que quem não ouve nem obedece à Igreja é um gentio incrédulo, o que não é dito expressamente sobre a Escritura. Dessas três coisas, é claro que é de absoluta necessidade acreditar, conhecer e obedecer expressamente à Igreja. Isso não está escrito nem é verdadeiro na Escritura, sem a qual conhecer, acreditar ou obedecer expressamente é vão. Milhões e milhões de pessoas são testemunhas disso, que receberam toda a sua crença, religião, salvação, imediatamente das mãos da Igreja, sem nunca terem visto, lido, provado, ouvido a Escritura, ou mesmo sabendo o que era a Escritura.

Em resumo, pode-se ser um bom cristão, um cristão salvo sem a Escritura, mas não sem a Igreja, pois é ela que nos dá a fé, que nos instrui por sua voz sobre nossa salvação. Tantos pequenos filhos, morrendo logo após o batismo, são salvos, tantos adultos, que participaram da salvação pela Igreja e não pela Escritura, tantas nações e séculos salvos antes da Escritura. Em segundo lugar, essa regra deve ser não apenas patente e acessível, mas também clara, fácil de entender para todos, para que, depois de encontrada, possamos desfrutá-la e tirar o proveito e a satisfação que desejamos dela; caso contrário, seria inútil. Ora, a Escritura não é assim, é muitas vezes difícil e obscura. Ela mesma reconhece sua obscuridade e dificuldade; diz que nem mesmo os Apóstolos, hebreus de nação, puderam entender a ressurreição, ensinada por seu Mestre Jesus, a quem estavam acostumados. O eunuco etíope, uma pessoa importante e instruída, não conseguiu entendê-la, apesar de todos os esforços. Além disso, há outras dificuldades nos escritos de São Paulo, que muitos têm encontrado. Todos os antigos Padres e Doutores reconheceram e pregaram essa obscuridade e dificuldade, mesmo depois de um estudo assíduo e diligente, aprendendo todos os dias algo novo e ignorando muito mais do que sabiam. Portanto, os simples também devem ter dificuldades, assim como a vontade de Deus, para que não seja desprezível, para reprimir o louvor do espírito humano e sujeitá-lo à obediência, reverência, esforço e estudo. Em terceiro lugar, essa regra deve ser não apenas verdadeira, certa e infalível em si mesma, mas também inflexível, firme, não sujeita à mudança, à variação, para que não possa ser abusada. Essa é outra de suas qualidades essenciais. Uma vez que deve ser um remédio adequado para todos os escrúpulos e dúvidas, se fosse flexível e pudesse ser dobrada ou torcida ao ser aplicada, como poderia proporcionar certeza, firmeza e resolução? O que traz alguma qualidade para os outros, deve ter ainda mais, dizem os clérigos, os princípios e os meios de aprender e se assegurar devem ser muito mais certos do que a conclusão e do que se deseja saber. O texto continua discutindo a autoridade e a função da Igreja em interpretar e aplicar a Escritura, argumentando que é a Igreja, e não a Escritura, que possui a autoridade suprema e a capacidade de julgar questões de doutrina religiosa. Aqui estão as principais razões que nos levam a afirmar e manter que não é a escritura, mas sim a Igreja, a última e soberana juíza de todas as dúvidas sobre assuntos religiosos. A escritura por si só não pode decidir as diferenças, pois está sujeita à interpretação dos homens, podendo ser interpretada de diversas maneiras, tanto para o mal quanto para o bem. Portanto, é necessário recorrer e confiar na autoridade da Igreja para não vacilar. Para demonstrar a força desta verdade e refutar aqueles que a contestam, recorreremos a várias razões e, como conclusão, citamos mesmo eles próprios. No quarto capítulo, na quarta página, diz o seguinte: "A partir de uma lei na Igreja primitiva da antiga Judéia, os profetas foram expositores; Deus quer que o povo julgue da mesma forma, se é Cristo ou o nome do Juiz do mundo, que prefere tanto a lei que, por esta mesma lei, ele faz o mundo julgar se é falso ou verdadeiro." E na página 6: "Os registros do Reino Celestial (isto é, os livros do Novo Testamento) foram comparados pelo cuidado comum das igrejas que os guardavam, as quais testemunharam que esta palavra era protegida pelos Apóstolos e selaram com seu selo. E para estabelecer o fundamento dos hereges, as igrejas compilaram

um livro que chamaram de 'Cânone'. A Igreja sobre as Escrituras Canônicas e logo depois, com esta palavra limitada aos livros do Cânone, a igreja primitiva rejeitou inúmeras tradições que os hereges tentavam fazer passar sob o nome dos Apóstolos, não aprovando nada além do que encontraram contido nesses livros. Assim, ela cala a boca dos hereges, que nascem de má interpretação dela. Embora haja coisas a serem contestadas aqui, como as palavras 'limitadas aos livros do Cânone', porque frequentemente a igreja, pela única tradição costumeira antiga comum, rejeitou e condenou os hereges (exemplo de São Paulo, que depois de discutir longamente, finalmente disse: 'Se alguém ainda quiser discutir, nós não temos este costume, nem a Igreja de Deus, no entanto, disfarçadamente, pegando-os ao pé da letra, nós vencemos, pois, como a igreja é guardiã, ela testifica e selou com seu selo as Escrituras, que procedem de Deus, rege-as como canônicas, separando-as de todas as outras, ela conhece, portanto, e julga qual é a verdadeira Escritura e qual não é; autoriza para o nosso benefício que a recebamos de sua mão e de sua autoridade. Desde que ela fecha a boca das heresias, é ela, portanto, quem conhece e julga a doutrina. Mas, dizem eles, por esta palavra 'limitada aos livros do Cânone', queremos dizer, portanto, é a igreja que maneja, explica, aplica esta palavra, esta escritura. Também, uma vez que a igreja conhece o que conheceu não é dos Apóstolos, embora levasse o nome deles, é, portanto, ela quem conhece e julga o que é dos Apóstolos, o que não é, o que é verdadeiro e o que é falso e suposto. Assim, é ela quem cataloga, autoriza e recebe a Escritura. Também, uma vez que ela fecha a boca das heresias nascidas de más interpretações da Escritura, é ela quem conhece e julga as interpretações da Escritura, que declara e pronuncia o que é bom e verdadeiro, o que é falso e mau, que julga tudo o que se segue. Chega de falar sobre a verdade e a doutrina católica contra todos os seus adversários; vejamos agora o que eles dizem contra nós e qual é o seu argumento. Eles reúnem várias coisas, todas verdadeiras, que ninguém nega, nem nós. Que não cabe aos homens ensinar como servir a Deus, mas a Deus mesmo. Que Deus é o verdadeiro e único Legislador de seu povo. Que Deus quer ser servido de acordo com sua vontade, seus mandamentos, e não os dos homens; quer obediência e não sacrifício. Que os profetas sempre trouxeram o povo de volta à lei e criticaram severamente aqueles que o desviaram da lei para invenções humanas. Que o filho de Deus, ao vir a este mundo, restabeleceu tudo à lei. Ele revelou tudo o que é salutar, o que foi escrito autenticamente pelos Apóstolos e Evangelistas: a isso devemos nos ater sem adicionar ou diminuir nada. Então, eles citam os Padres antigos, que dizem a mesma coisa, que louvaram e recomendaram fortemente a Escritura, a empregaram em todas as decisões doutrinárias e condenações de heresias, sempre apelando para ela; chamam os escritos dos particulares, quaisquer que sejam, de assuntos não canônicos, como ela. Qual é o propósito de tudo isso? O que podemos tirar e concluir disso que vá contra nossa proposição? Eles rejeitam as invenções humanas para se apegar à Escritura, como a única verdade revelada por Deus. Quem nega isso, ou duvida? Mas, em primeiro lugar, não se trata aqui dos homens ou de suas invenções que suspeitamos. É em relação à Escritura, vento, vaidade, mas à Igreja de Deus não suspeita, que devemos acreditar, ouvir, obedecer, não ao vento ou à vaidade, mas à esposa de Jesus, casa de Deus, sustentáculo da verdade

que é guiada pelo Espírito de Deus. Em um ardor que honra mais alto a Escritura do que nós, que a reconhecemos como a sacrosanta revelação, o oráculo e a palavra de Deus, a mais certa verdade no mundo, palavra de vida. Mas é necessário compreendê-la bem e santamente. Nós confessamos com todo o prazer, como dissemos no artigo anterior, que a Escritura é a regra, o esquadro, o compasso, o toque de toda doutrina, mas quem a manuseará, quem a explicará, por meio de qual olhar, julgamento, se é verdadeiro Messias ou não? Quem a aplicará? Portanto, não se trata aqui da verdade, da dignidade, da autoridade da Escritura, mas de sua interpretação e inteligência, que estão nas mãos de todos indiferentemente. Cada um a interpretaria conforme sua fantasia. E isso não é honrar a Escritura, como eles insinuam, abandoná-la para cada um interpretar conforme seu entendimento. Isso não seria nem razoável, nem adequado, nem seguro. Pois muitos a interpretariam para sua própria destruição, como disse São Pedro já em seu tempo ter acontecido. Mas o dever é ser instruído e aprendido pela autoridade pública estabelecida por Deus e conduzida por esse mesmo Espírito que fez a Escritura, que é a Igreja, a qual, como acabamos de mostrar por sua própria confissão, é aquela que raspa e cala a boca às heresias nascidas das más interpretações dela. Quanto ao que diz dos Pais, falaremos sobre isso no capítulo 4, onde responderemos ao seu quinto, que volta a falar dos Pais Doutores. Em seguida, eles nos objetam e nos acusam de difamar a Escritura, de maltratá-la; e como razões para tais acusações, nos fazem dizer que a Escritura é imperfeita, obscura, duvidosa, ambígua e dupla. Para respondermos a isso, dizemos primeiramente que não recusamos, e muito menos difamamos, a Escritura, como o *** nos acusa logo no início de seu capítulo. Como mostramos claramente, a usamos contra eles, dizemos que ela é nossa, isto é, como Cipriano, que pertence à Igreja; que eles, todos os Cismáticos, não têm nenhum direito sobre ela, mas são usurpadores e corruptores dela. Quanto às particularidades que nos atribuem, mesmo que as apresentem de forma distorcida e diferente daquilo que dizemos para nos tornar odiosos, primeiro que dizemos que a Escritura é imperfeita: ao contrário, nós acreditamos, confessamos e pregamos que é perfeita, plena, inteira, totalmente suficiente, como obra de Deus, do qual nada sai que não seja assim. Por isso, tudo o que o *** diz, ou seja, que ela é imperfeita, suficiente para a salvação, que Jesus, seu autor, é a perfeição, é em vão. Pois isso foi ensinado por nós antes dele, nunca foi dito pelos Católicos ao contrário. Certamente dizemos, o que de forma alguma contradiz isso, que o que a Escritura ensina em geral a Igreja explica e aplica detalhadamente, conforme a exigência dos casos, o que a Escritura propõe em enigmas de forma breve e clara, a Igreja declara de forma completa, adaptando-se à nossa fraqueza. E isso é de acordo com sua incumbência e autoridade, quando buscamos instrução e informação dela; mas são eles que a tornam imperfeita, diminuindo-a ao retirar e rejeitar várias partes dela, até com injúrias: Lutero, a Epístola de São Tiago, que ele chama de Epístola de Palha, a Epístola de São Judas, a Segunda Epístola de São Pedro, a de São João; os Anabatistas Trinitários da Polônia, o Saltério de Davi, o Livro de Jó, que eles chamam de Tragicomédia, o Cântico dos Cânticos, que chamam de canção de amor; os Calvinistas, os Macabeus, Tobias, Judite. Será muito difícil entender, ela está tomada e utilizada

por todos indiferentemente bons e maus, em defesa de todas as opiniões, a ruína de muitos. A primeira dificuldade é provada pelo exemplo do Etíope/Eunuco, Atos 8. dos Apóstolos, Lucas capítulo 14. A segunda, que é a aplicação perigosa e má, pelo santo Paulo, Coríntios, e ainda melhor os dois juntos pelo santo Pedro, 2 Pedro 3. E pela experiência perpétua das heresias, cismas, erros, questões problemáticas, disputas comuns entre aqueles do mesmo partido, a pluralidade de interpretações dos mesmos passagens, a multidão de comentários que os mesmos que o pregam tão claramente, fazem todos os dias o que não fazem coisas claras. Tudo isso não responde nada, nem menciona, exceto o lugar de *** Pierre, ao qual ele responde muito mal, dizendo que já que o santo Pedro não reclama, mas de alguns lugares difíceis de santo Paulo, que ele foge para o contrário, que a Escritura não é obscura, pois é mal argumentado por alguns ao todo. Além disso, é mal argumentado por ele, já que afirmar um não é negar o outro, ao dizer que um lugar difícil mal entendido não é dizer que os outros não são igualmente ou mais difíceis. É maravilhoso que o ***, desde que ele quer restringir tanto a obscuridade da Escritura e das Epístolas de santo Paulo a muito poucos lugares, não tenha considerado praticado melhor para sua causa, as palavras de santo Pedro que não dizem simplesmente que há lugares obscuros dentro das Epístolas de santo Paulo, porque ao dizer isso, alguém poderia pensar que esses lugares obscuros são em grande número, mas ele diz que em um certo assunto tratado dentro de suas Epístolas há algumas coisas difíceis, o que é demonstrado pelo relativo que não pode se referir a algo do feminino; Assim, deixando de lado essas sutilezas, falemos de boa fé. ***, mal ele querer restringir tão rapidamente a dificuldade das escrituras, e ler *** Pierre, tentando apenas de alguns lugares de santo Paulo: porque *** Pierre expressamente após a cláusula particular, ele adiciona a geral, dizendo como as outras escrituras compreendendo indiferentemente indefinidamente toda a Escritura santa. E não se pode se salvar, dizendo que quando santo Pedro adiciona esta cláusula geral, ele fala designadamente dos desafortunados que torcem a Escritura para a sua ruína. E quantos são os ignorantes mal-afortunados, senão todos, quase todos? E por que eles torcem as Escrituras para sua ruína, senão porque não as entendem, porque são difíceis? Certamente santo Pedro junta tudo, alega um como causa e razão do outro. Além disso, mesmo que toda a Escritura universalmente ligada seja difícil ou sujeita a ser mal interpretada, que santo Pedro fala de todas, é bastante para provar o que dissemos, que muitos lugares o são, pois quem os escolherá para marcá-los. Agora, além dos testemunhos mencionados, temos outros. Os Saduceus queriam estabelecer suas heresias pela Escritura, como mostra Josefo, a quem nosso Salvador disse: vocês erram em não entender as Escrituras nem o poder de Deus, isto é, o sentido oculto. Os fariseus queriam provar pela Escritura que Jesus não era o verdadeiro Messias, pois segundo a Escritura, o Messias não seria da Galileia, o que eles objetavam a Nicodemos: ou ser digno de morte, nós temos uma lei, e segundo ela ele deve morrer. E até hoje querem mostrar pela Escritura que o Messias não veio. No tempo dos Apóstolos, São Paulo escreveu que não se podia enfraquecer, porque ele lhes tinha escrito. Não se sabe bem que isso é perpétuo para os hereges usarem a Escritura para o estabelecimento de suas opiniões? Isto fez até mesmo Lutero confessar que a Escritura era o livro dos hereges. E não sem razão,

pois o mal nunca se apresenta de frente, todos o rejeitariam, mas pintado, coberto com um belo manto plausível, que é a Escritura, da qual todos eles se vangloriam universalmente, e com tanta habilidade que gritam não querer empregar outras armas, nem outra garantia nem outro juiz senão a Escritura. Nosso Salvador advertiu para se guardarem dos falsos profetas, que vêm em roupas de ovelhas, isto é, a Escritura na boca em parada: pois como disse santo Agostinho, os hereges combatem a Lei, pelas palavras da Lei, construindo a fúria das palavras da Lei para tornar recomendável a perversidade de seu espírito pela autoridade da Lei. E em outro lugar, Nada mais fazem os hereges, senão que entendendo mal as Escrituras, eles defendem obstinadamente suas opiniões. E santo Hilário diz que a heresia nasce do sentido e da interpretação, onde a Escritura é: que do sentido e não das palavras procede o erro e crime. E, portanto, é em vão que *** clama que a Escritura é clara, que é nosso Sol, nossa luz procedente do Pai das luzes, sendo chamada aliança testamentária, que são duas coisas que se tornam claras para não serem cercadas, e para evitar processos. Tudo isso é verdade, é nosso Sol, mas que cega aqueles que de sua própria força pensam poder contemplar. É nossa luz, mas que as trevas não podem compreender. É nossa aliança, o testamento de nosso Pai: mas assim como as alianças do mundo com os testamentos, onde há dúvida sobre a vontade do testador, e as convenções de sua aliança com seu povo não são os palácios e as disputas famosas, escritas e desejadas, como é a Igreja.

Ele começa com calúnias, que não queremos que a Escritura seja a juíza, nem sozinha compartilhada pela Igreja, mas sim amarrada às interpretações da Igreja. Parece-me o contrário porque eu disse isso. A verdade é que queremos ambos juntos, como a lei é juíza, e não queremos separá-los. Eles só querem a Escritura, não querem a lei como juíza, mas eles mesmos querem ser juizes, manusear e entender a lei como desejarem, se gabando desta palavra, que eles têm o Espírito Santo. Vamos examinar agora essas afirmações, cheias de erros. Ele impõe dizendo que para provar que a Igreja está mais em vista do que a Escritura, ele alega que é dito no Símbolo: "Eu creio na Igreja" não "Eu creio na Escritura". Pois minha citação do Símbolo não é para esses fins, mas para provar a obrigação absoluta e explícita de conhecer a Igreja, o que não se lê na Escritura. Ele alega duas razões para provar que a Igreja não deve ser vista. Portanto, a Igreja que acredita, não é vista. Isso é respondido expressamente em meu capítulo 57, respondendo à sua primeira objeção, onde é discutido se a Igreja é visível ou não. Mas eu direi aqui mesmo que muitas coisas são acreditadas que são visíveis, o próprio Cristo na terra foi visto, o santo Tomé o viu, o tocou, e acreditou; e seu mestre lhe disse: "Você acreditou, porque viu". Assim a Igreja e os Sacramentos são vistos e acreditados: porque em todas essas coisas, que são vistas e acreditadas, há algo mais, além do que é visto, que está escondido aos olhos, razão pela qual acreditamos neles. Sua outra razão é filosófica, que as coisas Católicas, isto é, universais, não são vistas, exceto pela compreensão. Portanto, a Igreja Católica não é visível aos olhos da carne. Respondo como anteriormente, que as coisas universais são vistas, o Sol é o iluminador universal do mundo, Jesus Cristo é o Salvador universal do mundo, a Bíblia é o livro da verdade e a doutrina universal do mundo, todas essas coisas são

vistas aos olhos da carne. Ele mesmo sabe bem o poder que está nessas duas razões, mas não se importa, desde que fale, e acredite que encontrará algum leitor que pense que ele disse algo bom, bem pertinente. Ele diz que provou pelo Símbolo que é necessário crer na Escritura antes do Símbolo na Igreja. E daí examinando seu folheto mostramos que isso não é verdade. Porque ele não provou isso de forma alguma, nós provamos o contrário, o que eu digo de São Paulo que a fé vem da audição, não da leitura, ele responde, que eu omito o que o Apóstolo diz, que eles ouvem da parede, que é apenas a Escritura. Mas essa frase "que está apenas na Escritura" não está em São Paulo. Assim, é falso dizer que a palavra de Deus está apenas na Escritura: mas sobre isso, no meu capítulo 4, artigo 5. amplamente: E São Paulo, desde que escreveu isso aos Romanos, ele pregava apenas o que estava na Escritura, ele então não teria pregado nada exceto o que estava no Velho Testamento.

Aquele que está sendo processado na justiça por não pagar o que deve ou por não cumprir suas obrigações, não pode alegar boa fé e se defender. Ele usa várias artimanhas e adia a audiência. Primeiro, ele exige que lhe mostrem provas, como um contrato, testamento ou estatuto, achando que sua parte talvez não consiga produzi-las. Se lhe mostram provas, ele tenta a segunda artimanha: examina os documentos em busca de falhas, argumentando que são falsos, não estão em boa forma, não são autênticos ou são deficientes de alguma forma. Se isso não funciona, ele recorre à terceira artimanha, que é a interpretação dos documentos. Ele faz um grande esforço para distorcer o significado das provas, não aceitando a interpretação de terceiros, da igreja ou de concílios antigos. Assim agem os cismáticos, que nunca estão satisfeitos, pois, quando são cobrados por suas obrigações, imediatamente pedem provas da Palavra de Deus para evitar cumprir o que é exigido deles. Eles se consideram inocentes até que lhes seja mostrado por escrito. E se isso acontece, eles buscam interpretar a Escritura de acordo com suas próprias conveniências, evitando aceitá-la completamente. Essa abordagem é injusta e injustificada, pois é impossível que a Escritura fale claramente sobre tudo o que é exigido. Nem mesmo os cismáticos seguem estritamente a Escritura em todas as áreas de suas vidas, como no caso da observância do domingo, do batismo e do casamento. Além disso, é falacioso afirmar que toda a verdade está contida na Escritura, pois esta abrange apenas uma pequena parte da verdade revelada. Muitos livros e ensinamentos foram perdidos ao longo dos séculos, e mesmo se todos os escritos sagrados estivessem disponíveis, a Bíblia seria muito maior do que é. Portanto, não se pode exigir prova da Escritura para tudo, pois isso é impossível e baseado em premissas falsas. Além disso, é desonroso e desonesto para um cristão exigir prova por escrito antes de acreditar em algo. É como se um mau pagador exigisse um contrato antes de pagar uma dívida. Se os livros da Bíblia se perdessem, os cismáticos deixariam de ser cristãos simplesmente porque não haveria provas escritas para eles. A verdadeira fé cristã não se baseia apenas na leitura da Bíblia, mas na tradição da igreja e na autoridade dos líderes religiosos. Devemos obedecer à igreja e confiar em sua interpretação das Escrituras, pois foi ela que nos transmitiu a fé que recebemos. Os hereges sempre foram inimigos da

tradição da igreja, pois esta os impede de distorcer a Escritura conforme desejam. Enquanto a Escritura pode ser interpretada de diferentes maneiras, a tradição da igreja fornece uma orientação clara e firme. Portanto, devemos confiar na igreja e em sua tradição, em vez de exigir provas escritas para tudo. Esta é a verdadeira fé cristã, baseada na autoridade da igreja e na interpretação dos líderes espirituais." "É necessário, em primeiro lugar, perceber de uma vez por todas, e para não confundir com a maneira comum dos cismáticos sobre a Igreja, a Tradição Escriturística judaica que não estamos discutindo aqui, mas sim a Tradição Escriturística da Igreja, chamada de Cristã, Evangélica ou Apostólica. Pois é a mesma coisa para essas três. Entendam, com todos os católicos que já existiram, que esta é a Igreja feita por Jesus Cristo, pela palavra, verdade e doutrina. Por esta Tradição, a doutrina, palavra que não foi ensinada, deixada por Jesus Cristo, seus Apóstolos e os setenta e dois Discípulos, apenas de boca: e por esta Escritura, a doutrina palavra que foi escrita por seis Apóstolos e dois Discípulos apenas. Isso pressupõe, sem dúvida, que assim como a doutrina verdadeira evangélica não foi de forma alguma reduzida a escrito por Jesus Cristo, mas apenas pregada, confiada e consignada por voz viva aos corações dos Apóstolos, Discípulos e primeiros Cristãos, ou seja, deixada em tradição. Assim, Ele não lhes ordenou escrever, mas apenas pregá-la e deixá-la de voz viva e em tradição, da mesma forma que lhes deu, dizendo: 'Ide, pregai; o que vos tenho dito ao ouvido, dizei-o sobre os telhados; o que vos foi revelado em segredo, dizei-o publicamente.' Ele nunca disse: 'Escrevei.' Assim, todos os Apóstolos pregaram e pregam e declararam aos ouvidos: 'Não pregues senão a tradição evangélica.' Falamos e anunciamos o que vimos, ouvimos e sabemos de Cristo, pregando sob pena de condenação, ou seja, por comando (ai de mim se não pregasse, diz São Paulo). E quantos dos Apóstolos escreveram, não se lembra? Que o fizeram por ordem dos Apóstolos? Há apenas 7; dos Discípulos, há apenas 72, não mais. E todos o fizeram com declaração ou proclamação onde se faz menção à tradição evangélica, ou seja, à doutrina pregada. Agora, todo o Escritor Evangélico não foi feito de uma só vez, nem ao mesmo tempo, nem pelo mesmo autor, nem da mesma maneira, mas por diferentes, em diferentes lugares e tempos e em partes. São Mateus começou no ano 40 depois do nascimento de nosso Senhor e terminou, segundo Eusébio, que é seguido de perto por Jerônimo. E São João terminou o Evangelho no ano 100. Pois se sabe que ele escreveu o Apocalipse no ano 97 e que escreveu o Evangelho e suas Epístolas depois, como tirado de São Ireneu, de Atanásio, Epifânio, Eusébio, Orígenes, e outros, dizendo que ele escreveu o Evangelho em Éfeso após seu retorno da ilha de Patmos. E se pelo termo Escritura Evangélica entendemos o conjunto do Novo Testamento, é evidente que este não foi completo até o ano 99 de nosso Senhor, é claro que a Igreja, a fé Cristã, esteve sem Escritura Evangélica durante 99 anos. E se desde o ano 60 ela esteve com alguma Escritura Evangélica, ou seja, com alguma parte deste livro que chamamos de Novo Testamento, não esteve, no entanto, todo este tempo com a Escritura Evangélica, ou seja, com este todo completo e inteiro, nem com todo este livro. E se o que foi escrito no ano 97 ou 99 por São João é uma parte da palavra de Deus evangélica, que só foi pregada anteriormente por São Pedro, São Paulo e outros Apóstolos, que morreram antes deste ano 99, é evidente que esta parte da palavra de Deus era

apenas tradição, antes do ano 99, quando, na morte de São Pedro, São Paulo e outros Apóstolos, ainda havia na Igreja a palavra de Deus não escrita, ou seja, a tradição evangélica sobre a qual a fé estava fundada, de outra forma seria necessário dizer que o que São João escreveu era apenas uma escrita redundante pelos outros Apóstolos, assim não necessária, ou então que não era palavra de Deus. E se for verdade, como não se pode negar sem impudência, que a Igreja, a fé Cristã, estava estabelecida e perfeita antes, e ainda que até então a Igreja, a fé, não poderia ser nem estabelecida nem fundada a não ser na verdadeira doutrina evangélica não escrita, ou seja, na tradição, não se segue necessariamente, e desta única verdadeira e irrefutável história evangélica, que a tradição, sempre entendida como evangélica, é mais antiga que a Escritura, entendida também como evangélica, e que a Igreja, a fé Cristã, esteve 99 anos sem Escritura Evangélica, pelo menos completa, perfeita, inteira, suficiente, e 41 anos sem nenhuma Escritura Evangélica. Que a verdade, a doutrina, a palavra evangélica, desde a sua origem, em sua verdadeira natureza primeira, é apenas tradição, não Escritura, da qual São Paulo chama a palavra de Deus, em outro lugar, a audição de Deus, porque a fé vem desta palavra ouvida, e não da leitura dela. Em países onde a maioria dos Apóstolos e Discípulos pregaram sem escrever, vemos que nesses lugares, e entre essas Igrejas, não havia Escritura Evangélica, nem completa, nem começada, nem de todo, nem em parte, então era necessário que a fé Cristã fosse regida e governada apenas pela tradição evangélica, não pela Escritura. Assim como a Escritura, começada e depois completada, permaneceu por muito tempo sem ser completamente aceita em toda parte; e quanto às Igrejas que não a receberam de todo ou em parte, era como se ela não existisse no mundo. Primeiramente, o que está escrito deve ser bem compreendido, e, portanto, a interpretação é necessária, pois a interpretação é tradicional. A Escritura nem sempre se interpreta por si só, além disso, é necessário obter da Escritura a inteligência da Escritura (isso será tratado em breve, se eles não a aceitam) e saber da Igreja, da Tradição. E é assim em parte como se deve entender esta proposição, que eu disse anteriormente: que os hereges foram antigos e sempre devem ser mais convencidos pela Tradição do que pela escritura. Pois além de que a Igreja às vezes, por pura Tradição, inventa, autoriza ou ordena palavras, como Trindade, Consustancialidade etc., declara dogmas, como aqueles que eu mencionei anteriormente; ela condena as heresias principalmente pela interpretação e pelo sentido que ela dá às palavras da Escritura. Os arianos e outros antigos hereges não foram tão convencidos pelas palavras expressas e formais da Escritura (que eles contradiziam por outras palavras) quanto pela interpretação e sentido que a Igreja dava a essas palavras. Mas disso já é o suficiente para o ponto principal deste capítulo, que é a interpretação da Escritura. Por todo este discurso, aprendemos claramente que a Tradição que está na alma e na ciência da Igreja, na instrução verbal do Salvador, de seus Apóstolos e Discípulos, e aquela que é influenciada por ela, sugerida pelo Espírito Santo, é a verdadeira palavra de Deus, anterior à Escritura; não é menos de Deus antes ou depois de ter sido escrita, e não é melhor por ter sido escrita; e é ela que, como a primeira e mais autêntica, aprovada, autorizada, interpretada, conduz e faz valer a força da Escritura de Cristo. É igualmente sacrilégio e

impiedade rejeitar ou remover uma do que a outra; é igual obrigação recebê-las ambas. Os santos Padres assim combateram os hereges de seu tempo, que não queriam receber nada além da palavra escrita, como fazem nossos Cismáticos do tempo presente. Muitos deles acumularam suas autoridades, onde se pode recorrer. Eis o primeiro ponto de nossa argumentação neste capítulo concluído. Passemos ao segundo ponto, que é a qual autoridade de canonização da Escritura depende da Igreja. O costume de todos os hereges e cismáticos é não receber toda a Escritura e da mão da Igreja. Eles a mostram e a retiram conforme lhes agrada, alguns uma peça, outros outra. Portanto, trataremos disso agora; é o primeiro dos dois pontos discutidos no final do capítulo anterior, a primeira chave e supremacia da Igreja sobre a Escritura. Em nosso ponto de vista, dizemos que é necessariamente requerido, saber com toda certeza qual é a Escritura, que isso nos serve infinitamente na religião, e é uma pertença da fé. E esta ciência assegurada não pode ser de outra forma senão pelo testemunho e declaração da Igreja. Além disso, não há no mundo nenhuma autoridade mais, nem tão certa nem tão poderosa para nos assegurar e eliminar todo escrúpulo de consciência do que a Igreja, pelo próprio testemunho da Escritura. Após o exemplo da Sinagoga no Velho Testamento, os livros sagrados e canônicos eram eles mesmos, que a Igreja judaica recebia, declarava como tais: ela era a governante neste assunto, os Escribas eram superintendentes neste assunto. Além disso, quem pode garantir e ser fiador em uma grande questão, pode ser em uma menor. Ora, a Igreja te fez cristão, te entregou a regra, os artigos da Fé, que chamamos de Símbolo dos Apóstolos: ela pode, portanto, bem te certificar da Escritura, que não te importa tanto, pois podes ser falso sem isso, não sem aquilo. Isso é o que Santo Agostinho quer dizer: "Por que não acreditamos na Igreja que certifica a Escritura, assim como acreditamos nela nos ensinando Jesus Cristo, nossa salvação, e quando ela nos excomunga ou nos absolve?". E então, se houver algum remédio para a escrita da Escritura, que não seja a autoridade da Igreja, seria a própria Escritura, isso é o que nossos adversários querem ver. Ora, ela não pode: a Escritura não pode ser provada nem autorizada por si só, nem de todo, nem em parte. Nem mesmo totalmente, pois quem a nega completamente, como os pagãos e os ateus, qual meio terão para provar por ela mesma a antiguidade? Será um infinito sempre recomeçar. Nem em parte, negando o Novo Testamento, como fazem os judeus, como se provará pela Escritura? Quem negará o Apocalipse? Quem ordenou o vazio? Quem fez acreditar nisso, senão a Igreja? Que declarou o que é verdadeiro, o que é falso, e suponhamos que alguns verdadeiros são recebidos no Cânone, outros não. Por que o Apocalipse e as Epístolas aos Hebreus levaram mais de trezentos anos antes de serem geralmente recebidos em todos os lugares, se sempre foram a palavra de Deus e a Escritura, tanto antes quanto depois da recepção? Porque a Igreja ainda não os havia declarado como tal! Por que todos os escritos dos Apóstolos não são canonizados e recebidos, como os que mencionamos no quarto lugar, se a Igreja não os ordenou assim? O mesmo acontece com os livros das Escrituras, assim como com a doutrina e os dogmas. Em vários pontos da doutrina, embora sempre tenham sido verdadeiros, nem sempre foram mantidos e acreditados por todas as Igrejas, como o Espírito Santo procedendo do Filho, as almas sendo criadas de novo

a cada corpo quando são infundidas, o batismo de crianças pequenas e o dos hereges não sendo repetível, e mil outros. Contentemo-nos com estas cinco razões para provar o que dissemos, simplesmente adicionaremos ao dizer das epístolas tão celebradas de Santo Agostinho, "Eles se desesperam com esta sentença, que é tão clara, mas em vão, tudo o que dizem é tolo. Calvino, Musculus e outros dizem que Santo Agostinho fala em nome dos infiéis ainda não cristãos, mas é o contrário, por todo o discurso daquele santo doutor por razões evidentes." 1. A autoridade da Igreja, pois a Igreja não tem crédito para convencer um incrédulo, mas sim o consentimento universal de tantas nações. 2. A Igreja como Católica tem ainda menos: apenas o Católico reconhece a autoridade da Igreja Católica, não o incrédulo, que não sabe o que é católico, nem mesmo o herege. Santo Agostinho menciona a autoridade da Igreja Católica. 3. Além disso, diz-se que ele obedeceu, acreditou nos pregadores, dizendo que acreditava no Evangelho e em outras proposições que não podem competir com o incrédulo. Para terminar este assunto sobre a autorização e a consagração das Escrituras como suficientemente provadas, vejamos se eles dizem algo contra. Eles dizem que se a Escritura é autorizada e canonizada pela Igreja, isso significaria que a Igreja estaria acima da Escritura, o que é absurdo. No entanto, por este meio queremos nos submeter aos homens, à Escritura, à nossa salvação, ao próprio Deus. A resposta: Primeiro, o julgamento e a declaração que a Igreja faz da Escritura não a tornam superior, pois tal declaração não é feita em relação à Escritura, que não precisa disso, mas sim em relação a nós, para fazê-la ser aceita por nós. Segundo, a voz da Igreja não é humana, mas divina e infalível. São Paulo diz que Cristo ordenou pastores e doutores em sua Igreja para que possamos alcançar a perfeição dos santos e não sejamos levados de um lado para outro por todo vento de doutrina. Jesus Cristo disse: "Quem vos ouve, a mim ouve." Mas por que eles acham problemático e inconveniente que a Escritura seja autorizada e publicada pela Igreja, que venha ao conhecimento do mundo e seja recebida por ela, quando Deus mesmo, Jesus Cristo, os mistérios de nossa salvação nos são revelados e ensinados pela Igreja, todas as partes e pertencas de nossa fé nos são entregues e ensinadas pela boca da Igreja, e a Escritura é uma delas? Por que eles se queixam disso em vez de outras coisas? Deus, que está acima da Escritura, nos é manifestado pelas obras da natureza, que são menores do que a Igreja. Jesus Cristo foi declarado e pregado por São João, enviado especificamente para testemunhá-lo e fazê-lo ser aceito por todos. Por que a Igreja, que é maior do que São João, não poderia fazer o mesmo pela Escritura, que é menor do que Jesus Cristo? Para testificar, publicar, declarar, não há grandeza. Os Apóstolos testificam de Jesus Cristo e, por isso, não são maiores; Jesus Cristo, de Deus, seu Pai. Assim, a Igreja testemunha da Escritura, não sendo superior a ela, mas nós, que a declaramos e estabelecemos. Além disso, a própria Escritura foi escrita por homens, então por que não poderia ser recomendada e autorizada pelos homens, pelo mesmo Espírito que falou pelos homens, pelo qual isso poderia ser autorizado e declarado? Mas passemos ao terceiro ponto de nossa defesa, a segunda chave da preeminência da Igreja sobre a Escritura para o nosso olhar, que é interpretar e pronunciar o sentido dela, o que, pelas razões acima expostas, parece verdadeiro. Pois, se ela é autorizada a

consagrar a Escritura, como foi mostrado, então ela é a mais capaz de entendê-la do que qualquer outra, pois não pode fazer isso sem fazer isso. Mas há várias outras razões, que vamos expor depois de observar que, quando dizemos que a autoridade, poder de interpretar, determinar, fixar o sentido da Escritura pertence à Igreja, não estamos falando de todo o sentido, mas apenas do literal, verdadeiro, natural, não do místico, que também é de diferentes tipos. Há uma grande diferença entre os dois: o literal e o natural dizem respeito à fé, o místico serve para contemplação, moralidade ou alguma especulação sutil. O primeiro é simples, necessário; o segundo é engenhoso, semelhante à verdade; o primeiro é único, constante, católico universal; o segundo é mais livre, diverso, específico; o primeiro serve para ensinar, resolver dúvidas doutrinárias, estabelecer a fé, os dogmas, refutar, condenar 1. "Está confirmado por diversos lugares diferentes. Lutero, para a realidade, com o pão, o confere com estropiado. Os outros, para a figura, veem Cristo; os outros, para a virtude, com o uso da vida." - Esta parte discute as diferentes interpretações da Eucaristia por Lutero e outros líderes religiosos. 2. "E então quem julgará, quem é a passagem, quem se refere a ele melhor, não será tão certo, se uma passagem for bem comparada com outra." - Aqui, questiona-se quem tem autoridade para interpretar corretamente as passagens bíblicas. 3. "E então quantos lugares únicos existem, que não podem ser confrontados ou explicados por outros." - Este trecho destaca a complexidade da interpretação das Escrituras devido à presença de lugares únicos que não podem ser confrontados por outros. 4. "Ordinariamente, os nomes próprios das coisas, como árvores, ervas, rios e outros, são ambíguos, incertos e nunca se pode concordar." - Aqui, menciona-se a ambiguidade e incerteza na interpretação de nomes próprios de coisas, o que pode dificultar a compreensão das Escrituras. 5. "A interpretação dos vocábulos, sobre o que cada um pode impor seu sentido e julgamento, que encontra melhor uma significação, que o outro." - Esta parte destaca a variedade de interpretações que podem surgir devido à diversidade na interpretação dos termos utilizados nas Escrituras. 6. "Quanto aos três meios que eles dão, quanto menos eles têm; tanto mais dificuldade existirá." - Aqui, discute-se os três meios propostos para resolver os diferentes de interpretação das Escrituras e como cada um deles apresenta desafios.

Ele tenta justificar e colorir os três reproches que seus companheiros fazem, dizendo que não agem sem aparência de justiça: ele propõe três outros contra nós, que ele chama de militares e depois tirânicos. Quanto aos meus três, eles são verdadeiramente justificáveis em dois casos. Um quando se duvida que recusar é uma ocasião justa para gastar o que não deve ser pedido: o outro quando não é para pleitear, e menos ainda para recusar ou contestar, mas para se instruir, se assegurar mais claramente, pacificamente pedindo para ver fora desses dois casos, é o feito de um reclamante malicioso, como os cismáticos, que não podem duvidar que tenham sido batizados e cristianizados na Igreja Católica Romana, na qual prestaram juramento, sabendo bem que devem obedecer à Igreja, sem discutir ou resistir a ela: que devem manter o juramento de que esta Igreja é a antiga, a verdadeira, ou que não houve outra no mundo: que não pode haver causa ou

ocasião suficientemente justa ou santa para sair dela: Que se há coisas que lhes causam escrúpulos, dúvidas, podem esclarecer ficando dentro, e não pleiteando fora, guerreando excessivamente, ocasionando assim a combustão, o que nunca pode ser encontrado como bom: que é se carregar com um reproche no julgamento de Deus, do qual nunca se pode escapar. Quanto aos três reproches deles, são as queixas ordinárias dos maus e refratários súditos contra os superiores que os pressionam a cumprir com seu dever, dizendo que quando são forçados, são tiranizados, são prejudicados. Contra o que eu disse, que a Escritura não contém todas as coisas, e que eles próprios creem e recebem várias coisas que não estão na Escritura, das quais faço uma grande questão, ele diz de dois pontos (deixando todos os outros): que se eles provam pela Escritura, a saber, a virgindade perpétua da mãe de Deus, dizendo que Epifânio provou bem pela Escritura. Eu lhe digo que nem ele nem outro pode provar. E contra ele digo que é preciso crer para ser cristão. E isso não é contrário a São Basílio, que diz que não é necessário debater muito curiosamente: pois não é necessário em outros artigos de fé. E esta palavra de São Basílio mostra que é necessário crer por simples obediência à tradição da Igreja, não pela força da razão, e menos ainda pela Escritura. Quanto ao batismo de crianças pequenas, ele deveria ter vergonha de dizer que foi suficientemente provado por eles pela Escritura, pois nem foi, nem pode ser. Se disser verdade, eu não teria dito nada. Mostrei acima no exame de seu capítulo 1, folha 30, instância 1, a futilidade de suas maiores provas. E Calvino ele mesmo discutindo contra Semer, diz que o salvífico é dado às crianças pequenas, assim como a Ceia é dada às mulheres, embora a palavra escrita não o ordene. Quanto a outros pontos, que chamo ali, ele não diz uma palavra sobre o cânone das escrituras, que o pressiona ainda mais do que qualquer outro, pois se for verdade (como dizem) que é necessário seguir totalmente e apenas a Escritura e não a Igreja, seria um crime enorme comê-lo, pois os Apóstolos expressamente o proibiram e desde então não se lê na Escritura nenhuma revogação ou mudança dessa ordenança; então é necessário ou que a dita ordenança ainda exista ou confessar que foi feita pela Igreja, que explicou a Escritura, a intenção dos Apóstolos. E por que ele disse: "Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou?" E por que o Evangelho é chamado de Novo Testamento. Em segundo lugar, dos Apóstolos, que não alegam ter lido, mas ter ouvido e visto. Ainda que grande parte de sua doutrina fosse radicalmente contida na proposição geral do Velho Testamento, mas em sua aplicação particular, eles usaram puramente a Tradição de seu testemunho verbal, dizendo: "Nós vimos, ouvimos, tocamos, nossas mãos manusearam." Eis aqui as próprias palavras do fundador: "A Escritura disse em geral: O Messias virá em tal tempo, de tal maneira, dirá, fará, sofrerá, eis a proposição; mas que aquele que era seu mestre, que havia sido crucificado, fosse esse, tenha dito, feito isso, como eles poderiam provar pela Escritura o que era puramente um fato, como poderiam provar isso pela expressão mais antiga, que era mais verdadeira, quando o fato aconteceu, e eles não poderiam vê-lo nem saber do fato quando aconteceu? Como os Apóstolos poderiam provar pela Escritura que Jesus ressuscitou, no que concerne a como eles falam? Como nós o vimos, tocamos, comemos com ele, e assim por diante. E aqui está toda a tradição, assim desprezadamente, de nosso oponente

cai, etc. Não vi melhor meio de estabelecer a Tradição do que seu discurso. Outro argumento que ele propõe é este: Se os livros proféticos são chamados de Velho Testamento, e seus escritos Apostólicos são chamados de Novo Testamento, o Testamento declara perfeitamente a vontade de Deus, então não é necessário adicionar a eles. Isto é, ilógico em relação a muitas coisas. 1. Que ele equivoca-se muito sobre esta palavra Testamento, pois embora esta palavra signifique várias coisas nas Escrituras, como pacto, aliança (no qual sentido eles próprios a tomam ordinariamente), mandamento, promessa, vontade final, doutrina do Evangelho, etc., mas nunca se encontra nas Escrituras que os livros Apostólicos sejam chamados de Testamento. 2. Ele cita muito mal este lugar de Gálatas 3 para provar que não se deve acrescentar nada aos livros do Velho ou Novo Testamento, pois não há uma palavra sequer aí; e assim era o sentido de São Paulo, como ele quer que nada seja tomado como doutrina do Novo Testamento que não tenha sido escrito até aquele momento em que ele escreveu esta epístola aos Gálatas, seguir-se-ia que todas as suas outras epístolas escritas depois deveriam ser rejeitadas, e todos os livros de São João, que sem dúvida foram escritos mais de trinta anos depois. 3. Ele impõe maliciosamente, fazendo-me dizer que devemos receber com mais deferência às tradições apostólicas do que as Escrituras. 4. Ao dizer que então seria necessário atribuir tanta autoridade aos Pais quanto aos Profetas e Apóstolos, ele mostra não ter sentido, porque, como ele não acredita, ele não sabe que tal Escritura é Apostólica, nem que os vinte e sete livros compõem o volume do Novo Testamento, senão pelo testemunho dos Pais, que neste caso atestam a fé da Igreja. Portanto, não se pode saber que tal tradição (como a dos sete Sacramentos) seja Apostólica, senão por eles mesmos, como testemunhas do que a Igreja manteve em seu tempo. E mesmo assim não se lhes atribui mais do que isso, e não se pode dizer que se lhes atribua a mesma autoridade que à Escritura. E como os livros da Bíblia não são considerados santos e piedosos, porque os Pais o dizem, assim é com a tradição, que não recebe sua autoridade principal senão de Deus, e de que ela é a palavra de Deus tanto quanto aquela que é escrita. Mundo até a declaração da Igreja. Diz-se que se a autorização da Escritura depende da Igreja, então em alguns séculos não haveria um cânon certo. Digo que este cânon sempre foi certo, desde os primeiros Cristãos; e as igrejas mais antigas o receberam dos Apóstolos, mas porque alguns duvidaram em diferentes séculos, a Igreja testemunhou, relatou de boa fé o que havia recebido e acreditado desde o início. Mas onde está o julgamento da Igreja, pelo qual ela autoriza a Escritura? A resposta está na própria Igreja, pois é Tradição, é a crença geral pública da Igreja. Mas com qual autoridade a Igreja se reuniu para fazer este cânon? Com qual autoridade a Igreja deve se reunir senão com a sua própria, aquela que o Filho de Deus lhe deu com a promessa de assistência perpétua de seu Espírito Santo, como ela mesma afirma. De que autoridade você diz isso? É necessário ainda acrescentar acima dessas três Igrejas, Espírito, Escritura, um juiz que decida quando esses três concordam ou não. O que é isso? Eu entendo bem, é o seu espírito familiar, ou melhor, sua fantasia que você prefere. E então, você não pode nomear outro. Respondendo à minha segunda razão, ele diz: Note que ele atribui a inteligência da Escritura à nossa salvação. E em outro lugar, ele diz que milhões serão salvos sem a Escritura. E eu digo, note a

diferença entre a fé dos particulares, que é simplesmente crente e não necessariamente conhecedora, a fé pública da Igreja, crente e conhecedora – que discuti acima, no exame de seu tolo. Lá está a solução. Ele se queixa do fato de que duas ou três vezes que eu passei sem dizer uma palavra sobre o que chamo de fé adquirida apenas pela leitura da Escritura humana, adquirida não como Cristã. E ainda assim, ele não mostra a falha nisso. O que eu disse sobre isso é verdade, mas como eu disse, o leitor pode ver. É no quarto artigo deste meu terceiro capítulo. Ele não diz nada além de nos remeter sempre ao seu Espírito Santo, dizendo que sem ele todos os outros meios são inúteis. Isso é verdade, se ele se refere ao espírito que inspira unanimemente e conformemente a comunidade dos Cristãos e cada Cristão, mas ele se refere ao seu pequeno espírito familiar. Uma vez por todas, quero rejeitar o argumento de que tudo é vaidade, até impostura, querendo fazer tudo passar sob a aprovação e nome do Espírito Santo. Certamente, este termo se aplica a eles, pois em todas as coisas, quando não podem mais dizer nada e não querem reconhecer a Igreja, e para se dispensarem de seu dever, eles recorrem e se cobrem com o manto do Espírito Santo. Mas sobre isso, no meu capítulo um. Ele faz bem em se embarçar em entender como entendo o que digo. Que todos os meios de entender a Escritura, dados pelos cismáticos, estão nas mãos dos incrédulos. Ele dá dois significados. Ele aprova um, condena o outro, que ele diz ser meu, tudo isso é apenas confusão. Pois meu sentido é muito claro em minhas palavras, que são as seguintes: Os incrédulos têm em mãos todos esses meios de entender a Escritura dados pelos cismáticos. E ainda assim, eles não entendem bem a Escritura. A conclusão é fácil de fazer. E assim, esses meios dados pelos cismáticos não são bons, verdadeiros, certos, suficientes. Até aqui. Contra meus Artigos 1 e 2. Ele não diz nada além de injúrias em tudo isso, ele se apegando a certas pequenas palavras que eu digo, mas sobre as coisas, as razões, ele passa sem fazer parecer que não percebe nada. Não vou me deter mais aqui. Ele se vangloria de que estão fazendo a obra de Deus, segundo a grande opinião que têm de si mesmos: sua situação sempre caminha para a decadência, mas a vaidade é o fardo dessas pessoas. Ele diz que não prova os quatro mentirosos (mas há cinco) que eu reprovoo no ***. Ele não vê nem sente nada. Quanto ao primeiro, eu remeto ao meu primeiro e terceiro capítulos; quanto ao segundo e terceiro, eu remeto ao meu terceiro, aos quais ele não respondeu absolutamente nada. O quinto é referido ao meu próximo capítulo 5. E assim, tudo está mostrado. Ele chama de argumento fraco uma pequena palavra que eu digo casualmente no fim do meu artigo 16. E ainda assim, ele não pode evitá-lo. Ele acha ruim que eu queira acreditar nos Padres no que é direito, no que é controverso, embora eu tenha dito isso com muita moderação. Quando eu disse que os Padres são adequados para serem juizes, não são suspeitos, ele diz duas coisas: uma é que os Apóstolos são ainda menos suspeitos, ele admite isso, mas é começar a não dizer nada; pois a questão é explicar, entender os próprios Apóstolos. Para fazer isso, não há melhor maneira do que acreditar naqueles que vieram depois, seus contemporâneos que testemunham de boa fé tê-los recebido assim deles. O outro é que ler e entender os Padres é ainda mais difícil do que os outros meios que eles deram para entender as Escrituras, e que os ignorantes terão ainda mais dificuldade. Além do fato de que eu nego completamente a eles, eu digo

que não dou aos ignorantes esse meio de entender a Escritura. Pois eu lhes dou apenas a voz da Igreja, a pregação e a instrução viva de seus oficiais: o que é muito fácil. A leitura dos Padres é para os pastores e doutores sábios que então instruem os simples.

Coisas que fazem a fé, não podem de maneira alguma ser obscurecidas: assim como o julgamento, a autoridade da sentença, a determinação da Igreja é verdadeiro meio religioso. Muito certamente, uma regra infalível da fé. Demonstramos a verdade desta proposição por razões, por testemunhos expressos das Escrituras. Não há no mundo outro meio público, comum e externo para socorrer a fraqueza e ignorância humana, nas coisas que concernem à fé e à salvação, além da autoridade e da sentença da Igreja. Portanto, ela deve ser certa e infalível, caso contrário, em vez de guiar, ela imporia; em vez de ajudar, ela abusaria e perderia. Deus quis nos ensinar e falar conosco pela voz da Igreja, por ela nos revelar toda verdade externa: testificar e instruir sobre Sua vontade: Ele ordenou que a ouçamos, a obedeçamos, a creiamos, que nos guiemos por ela. Portanto, essa voz e autoridade da Igreja devem ser totalmente certas e infalíveis. Aqueles que não concordam com isso, efetivamente dizem ou que Deus nos engana, nos entregando nas mãos daqueles que podem falhar, ou que Ele mesmo se enganou, sendo incapaz de executar pelo julgamento o que deliberou e declarou querer fazer, que é nos guiar na fé e no conhecimento verdadeiro, e nos manter neles. Essa certeza e infalibilidade da Igreja são ainda melhor demonstradas pelo princípio e meio pelos quais ela nos ensina. Sabemos que a ação depende do agente, o efeito da causa, a conclusão e o fim dos princípios e meios. Portanto, se a Igreja ensina por um agente, um princípio, um meio interno que seja infalível, sua doutrina será certa e infalível. Ora, esse princípio e meio interno não é outro senão Deus, Jesus Cristo, Seu Espírito, o Espírito da verdade, pois também não pode ser outro, uma vez que a fé, que supera toda razão e natureza humana, só se baseia na revelação e testemunho de Deus. A Escritura nos instrui claramente sobre isso, em todo lugar onde se fala da provisão, missão e ordenação que Jesus Cristo fez de oficiais em Sua Igreja, também é expressa a promessa que Ele fez de Sua presença e assistência perpétuas por meio de Seu Santo Espírito. Em São Mateus, depois de dizer 'Ide, ensinais todas as nações', Ele imediatamente acrescenta: 'E eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo'. E em São João, por várias vezes, Ele promete enviar 'outro Consolador', o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, pois Ele permanece convosco e estará em vós. E novamente: 'O Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito'. E ainda ora ao Pai por sua santificação, dizendo: 'Pai, santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade'. Finalmente, no capítulo 10, depois de dizer como o Pai o enviou, Ele soprou sobre eles e lhes deu o Espírito Santo. Essa certeza e infalibilidade da Igreja em sua doutrina se mostra ainda mais claramente pelo único objetivo dessa doutrina. Qual é a causa final, o efeito para o qual o poder e o

ministério foram dados por Deus, estabelecidos na Igreja? A Escritura expressa isso em muitos lugares. São Paulo diz longamente que foram dados pastores e doutores 'para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo; para que não sejamos mais como meninos, agitados de um lado para o outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela astúcia dos homens, pela fraude, mas seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo'. E nosso Salvador diz: 'Vós sois a luz do mundo, vós sois o sal da terra; e eu vos coloquei em São João, a fim de que possais ir e dar fruto, e que o vosso fruto permaneça'. E é claro que nada disso pode ser feito sem a certeza da fé, que é o fundamento da salvação. Consequentemente, segue-se necessariamente que deve haver infalibilidade doutrinal na Igreja e uma regra certa de verdade, pois visto que a natureza e Deus não fazem nada em vão, sem propósito, se esse poder tão necessário e excelente estabelecido na terra não fosse sempre conduzido perpetuamente pelo Espírito Santo, que age por meio dela, e portanto infalível, Deus o teria ordenado não apenas em vão, mas também prejudicialmente à nossa alma e ruína. Mas eu lhe pergunto, se a Igreja pode errar e falhar, que vergonha e desonra para Jesus Cristo, seu esposo, seu patrono, seu chefe e guia, e como o sol do Plesá? Que acontecerá com Suas promessas de assistência contínua até o fim? Que reprovação à Sua poder, bondade, sabedoria, por não poder, querer ou saber mantê-la e protegê-la? Se a Igreja pode falhar, que remédio me restará para encontrar e aprender a verdade, e me dirigir a Deus? Encontrar a salvação, ouvir falar de Jesus Cristo. Qual é o meio de reconhecer o herege e o cismático, saber em que acreditar, de quem se afastar para buscar conselho, para seguir e se assegurar em tempos de dificuldade? Em resumo, se essa grande corda romper uma vez, haverá algo mais seguro neste mundo, na religião, nos sacramentos, nos concílios, na Palavra de Deus? Mas veja melhor como a Escritura, que essas pessoas tanto pregam querer acreditar e receber como regra de sua fé, fala sobre isso, a que respeito ela honra a Igreja, quais promessas ela faz, qual é sua firmeza e infalibilidade. É terrível - o ensino geral de toda pessoa sobre a magnitude de sua própria queda é requerida da inteligência da resposta da verdadeira humildade e responsabilidade de se responsabilizar? A semelhança da razão em um homem, à qual a obediência se manifesta à sua própria vontade, não é própria, mas estranha. É, de outra forma, a semelhança de Jesus Cristo e do seu Espírito, que é instruído pela razão, não está na simplicidade da vontade e da verdade do Espírito Santo de si mesmo ou do que Ele é. obedecer é livre, mas a religião é obedecer ao espírito de Deus como o corpo ao ser. Assim, ela é chamada de seu corpo e do seu espírito, e tira aí a sua vida fazendo suas funções naturais por necessidade, e não por escolha ou vontade própria. Quanto ao espírito, ele faz ao corpo o que ele quer. Aqueles que blasfemam ao querer descrever a plenitude do Espírito Santo, e dizem que seu espírito não é outro, reduzindo-o à memória das coisas antigas ou expressando-as até que ele as entendesse. Eles reduzem em memória; então ele parece ter duas justiças do Espírito Santo. E como o Espírito Santo aconselha, ele comete pecados e erros, e reduz à memória. E então Jesus Cristo disse claramente em São João, que Ele julgará o mundo, ou seja, que não são

capazes senão da sua justiça e da verdade, que dizem ser verdadeira, então ele os ensinará e fará entender, de acordo com o Espírito Santo, as coisas que Ele ditou por Sua boca. E se isso acontece, é falso dizer que a Igreja não deveria dizer nada, nem que o homem ou o Espírito Santo lhe digam nada além do que está escrito ou do que é absolutamente necessário; pois muitas coisas foram feitas e ditas sobre Jesus Cristo que não foram escritas, como mostramos amplamente acima no capítulo quatro, etc. Em segundo lugar, eles tentam evitar nossas provas torcendo e corrompendo os ditos lugares das suas Escrituras, que contêm as promessas do auxílio e da infalibilidade do Espírito Santo à Igreja. Eles fazem isso de várias maneiras, tão diferentes que se contradizem umas às outras. Eles afirmam que tais promessas do Espírito Santo se dirigem e se aplicam apenas aos apóstolos, não aos seus sucessores, nem para sempre e perpetuamente. Além disso, afirmam que se referem não à igreja pública e eclesiástica, mas à revelação particular, secreta e imediata, e à consolação pela qual Deus confirma e assiste a todos os Seus em suas angústias, o que Ele também chama de Consolador. Também afirmam que essas promessas de infalibilidade se aplicam à igreja invisível dos santos e eleitos, não à visível e universal, que frequentemente falhou e seguiu miseravelmente. A primeira afirmação, que limita as promessas aos apóstolos, é ridícula e inepta de várias maneiras. E até Calvino a rejeita. Primeiro, essas promessas são de uma assistência contínua e perpétua, permanecendo para sempre, e em todos os lugares, até a consumação dos séculos. Pois eles permaneceram no mundo todos os dias, nem deixaram de estar presentes até o fim dos tempos. Por razões evidentes, os sucessores dos apóstolos, que são pastores e doutores, têm a mesma assistência do Espírito Santo nas questões de fé que seus antecessores, dos quais são chamados ministros de Cristo. Isso é comprovado pelo fim e objetivo do ministério, que é, como diz São Paulo, a proclamação da doutrina da verdade, a edificação do corpo de Cristo, a confirmação e firmeza dos fiéis, a conservação da verdade, etc. O objetivo é perpétuo e sempre o mesmo, até o fim do mundo, então eles têm a mesma e perpétua assistência do Espírito Santo. Da mesma forma, os apóstolos entregaram e transmitiram à igreja seus sucessores, que eles ordenaram, toda a sua carga, poder e comissão. Em segundo lugar, é absurdo afirmar que se cada pessoa individualmente tem o Espírito Santo, ninguém cometerá erro, todos dirão a verdade. Além disso, não haverá necessidade de mestres e doutores na igreja, sendo cada um instruído pelo Espírito Santo, que é o oposto dos Anabatistas. Em terceiro lugar, sendo verdadeira tanto quanto é falsa, nós não ganhamos nada; pois se o espírito é dado a todos individualmente, será mais eficaz em todos juntos. Assim, a igreja em corpo na terra é sempre uma só, mas em muitos, em que alguns tentam desviá-la de sua unidade e certeza, a exortam a todos a se unirem em sua fé, em seus corações, para sua justiça e salvação. Considerando que as Escrituras são tão claras e expressas, como poderiam ser torcidas para aplicar-se à igreja invisível de tal maneira que aqueles que as torcem sejam os que estão vivos, enquanto aqueles que estão mortos permanecem. Isso parece uma doutrina de fantoches, onde o Espírito Santo é usado como um mero instrumento para dizer o que querem, nem mais nem menos. Até onde consigo lembrar, há algum tempo, falei sobre isso de maneira um pouco diferente. É difícil encontrar as palavras

certas para expressar esses pensamentos de forma clara e compreensível. Lembro-me de ter mencionado algo sobre isso em uma conversa anterior. Foi quando discutimos a importância da verdade e da integridade em nossas ações. Mas deixe-me tentar resumir. É sobre como nossas ações e escolhas afetam não apenas a nós mesmos, mas também aqueles ao nosso redor. É sobre responsabilidade e honestidade em nossas interações com os outros. Você entende agora o que estou tentando dizer? É importante refletir sobre nossas ações e as consequências delas, não apenas para nós mesmos, mas também para aqueles que nos rodeiam. Isso é o que significa ter consciência. A Igreja, conforme os Católicos mesmos dogmatizam, é representada por um Concílio geral. Agora, os Concílios gerais podem errar, e frequentemente erraram, então a Igreja pode errar. Deixo, e até concordo com a proposição, embora exija entendimento, pois nem sempre é verdadeira em todos os sentidos, mas sim com certas condições, que, no entanto, se relacionam todas com isso, que seja legitimamente reunido, celebrado, concluído e validado: a assunção ainda precisa ser provada por eles contra nós. *** embora diga tudo o que pode, no final não provou nada disso. Ele trata deste assunto em 16 capítulos, dizendo as mesmas coisas em todos, repetindo-as em outros lugares de seu livro. Estes são certos pequenos lugares comuns, que eles têm preenchido, que eles usam para todas as discussões, como para deter os Católicos, mas todos são falsos e muitos são prisioneiros de suas próprias artimanhas. Ele diz que os Concílios são contraditórios entre si, então alguns devem errar, pois a verdade não é dupla, sendo que uns são corrigidos pelos outros, correção pressupõe erro: e sobre isso ele cita Santo Agostinho. E para demonstrar isso com exemplos, ele confronta os Concílios particulares juntos, ou um particular com um geral, ou concílios suspeitos com concílios reprovados. Um geral legítimo, assim, de forma totalmente impertinente. No meio disso, ele força erros na história e é preciso dar atenção. Nós anotaremos alguns deles a seguir. Mas para responder a tudo isso de forma resumida, há três pontos a serem observados neste assunto dos Concílios para entender adequadamente a tese e a proposição da infalibilidade da Igreja. O primeiro é que se trata apenas dos Concílios gerais: pois apenas eles representam a Igreja Católica, não os particulares, que podem errar; nesse caso, eles são corrigidos e reformados pelos Concílios gerais, como diz Santo Agostinho. Pois o particular está sujeito a falhar e se desviar. *** cita em dois capítulos Santo Agostinho, e todo o livro sobre a unidade da Igreja, capítulo 5 e 16, para provar que os Concílios gerais podem falhar, são corrigidos uns pelos outros. Pois em nenhum desses lugares o Santo Doutor fala uma palavra sobre os Concílios gerais. E por que ele diria que até então houve apenas dois Concílios gerais, a saber, os primeiros de Nicéia e de Constantinopla, que não erraram nem foram corrigidos, não apenas pelo próprio santo Doutor dos Católicos, mas também pelos da parte adversa. O segundo ponto é que a proposição da infalibilidade da Igreja e dos Concílios gerais, que a representam, se aplica apenas às coisas que dizem respeito à substância da fé, que não podem receber contrariedade, diversidade ou mudança, já que nenhuma correção, reforma ou emenda pode ser feita em algo sempre imutável, irreformável, como diz Tertuliano. Para coisas relacionadas a costumes, polícia e disciplina, cerimônias, culto externo, em suma, ao direito positivo e ao regime da vida

humana, pode haver, até mesmo necessariamente, diversidade e mudança, devido à consideração dos tempos e lugares e às exigências dos casos, pois o que é bom, conveniente e útil em um lugar e em uma época é prejudicial, inconveniente em outro. Portanto, não há erro ou contradição aqui, e é por isso que encontramos diversidade nos próprios Concílios gerais, e nesse sentido, Santo Agostinho diz que os Concílios anteriores são corrigidos pelos seguintes, o que os próprios atos mostram claramente. Portanto, quando diz que a experiência das coisas nos revela o que estava oculto, e então aprendemos o que estava escondido; pois a experiência dessas coisas não pode pertencer à fé e à crença, mas às ações externas, às leis reais e às maneiras de viver. Não pretendo me deter ou me preocupar com isso, se ele fala dos gerais ou dos particulares, pois essa palavra 'plenária' é usada pelo próprio Doutor para ambos. Para os particulares, é usada em seu *Retract*, livro 1, capítulo 6, Concílio de Cartago, capítulo 3, onde ele se refere. Pois até os gerais nesse assunto da fé variável podem variar e estabelecer coisas contrárias, mas isso não os torna contrários ou errados, assim como Deus ameaçou a Nínive com destruição em quarenta dias e depois não fez nada. O terceiro ponto é que essa infalibilidade na fé se entende não na discussão, deliberação e argumentação da doutrina, que são os assuntos dos sermões, doutores nos Concílios, quando eles argumentam e raciocinam (pois até então é possível haver erros), mas sim na conclusão, decisão e determinação do Concílio, pois é então que a Igreja fala. Por que nossos adversários se confundem de duas maneiras: uma, para mostrar que um Concílio tem um erro e, conseqüentemente, a Igreja, eles produzem alguns argumentos e passagens para refutar os Decretos e as conclusões dos Concílios, não as provas e argumentos, não porque houve falta deles, mas porque a conclusão não foi feita pela força ou virtude dos argumentos, mas pela sugestão e instrução do Espírito Santo, pois a Igreja ordena e ensina não pela arte persuasiva, usando o instrumento da razão (isso pode ser feito particularmente pelos doutores teólogos), mas como o Príncipe, pela autoridade pastoral recebida e estabelecida por Deus, da qual é uma escola de fé, não de ciência. Seus oficiais são juizes, não advogados, retificadores. Grande pluralidade de vozes, que nem sempre é a mais forte. Portanto, ela nunca é feita por todo o Concílio. E mesmo que fosse por todo o Concílio, ainda assim não seria de toda a Igreja. Em resposta a isso, primeiro que a conclusão sempre é feita não pela maioria, mas pelo consenso total, unânime e universal. Pois, embora nem todos concordem na deliberação, todos se unem na definição. E mesmo que a conclusão não possa ser alcançada pela total unanimidade que se esperava, o que poderia ser melhor do que seguir a maioria? Por que a minoria? Pela igualdade de vozes, nada é decidido pela mais forte, você dirá, mas é o início que será julgado para determinar se será seguido pela maioria ou pela minoria. Agora, não estamos nesse ponto, pois todos concordam e assinam a conclusão. Em segundo lugar, dizemos que em um Concílio geral todos participam, todos concordam, aqueles que têm poder para julgar a doutrina, que são os pastores da Igreja, sucessores dos Apóstolos e discípulos, estabelecidos para confirmar as doutrinas, edificar o povo e ministrar a palavra, conforme Efésios 4. A eles é dada a autoridade de pastorear o rebanho, conforme 1 Pedro 5, de cuidar, vigiar e governar a Igreja de Deus, Atos 20, Hebreus 13, ensinar e instruir o povo,

reconciliá-lo com Deus, a quem Deus ouve, conforme Lucas 10. Todos os outros, quem quer que sejam, são ovelhas sujeitas aos pastores, a quem é ordenado obedecer aos seus superiores, conforme Hebreus 13, fazer tudo o que lhes é dito pelos que estão no púlpito, conforme Mateus 23. Todos estes, digo eu, de todos os lugares do mundo, assistem ou podem assistir, são chamados, têm opinião e voz na deliberação e decisão, e a maioria está presente, pois não é estritamente necessário que todas as províncias estejam presentes, caso contrário, nunca haveria um Concílio geral. Uma ou duas províncias poderiam expressamente não estar presentes para evitar que não fosse geral e competente, mas é suficiente que de cada província pelo menos um ou a maioria das províncias e as mais célebres estejam presentes, desde que todos sejam notificados e chamados. Isso é dito contra o erro daqueles que geralmente querem que todos os fiéis, pelo menos os príncipes e magistrados seculares, participem dos Concílios, tenham voz deliberativa e lugar para julgar, o que é tolo e ridículo, não sendo possível, razoável ou praticado. É contra a instrução de Jesus Cristo, que, como acabamos de mostrar, distribuiu suas graças e cargos: não a todos, mas a alguns apóstolos, profetas, pastores, doutores. Ele ordenou que uns governassem, ensinassem e liderassem como pastores superiores, e os outros obedecessem como ovelhas e súditos. O príncipe e o magistrado seculares, qualquer que sejam, estão no nível das ovelhas, não dos pastores. Eles não têm ordenação ou imposição de mãos. Eles não têm o poder de ensinar, muito menos o de deliberar, julgar a doutrina da fé; seu poder não é espiritual ou eclesiástico, mas corporal e da criação humana, como diz São Pedro. Isso vai contra a constituição perpétua da Igreja e contra toda a ordem natural e policial. Se essa doutrina fosse aceita, que os príncipes tivessem autoridade para julgar a fé, a doutrina, ordenar a religião, querendo cada um deles ser acreditado, haveria infinitos inconvenientes, tudo entraria em confusão, divisão entre príncipes e reinos, a doutrina variaria até mesmo dentro de um reino, o capricho de um novo príncipe mudaria a religião, como foi visto na Inglaterra, onde ela foi feita cismática pelo Rei Henrique VIII, então Luterana sob Eduardo, depois Calvinista sob Maria, voltando a ser Católica sob Elizabeth, mas infectada por várias seitas novas, nunca antes ouvidas no mundo. Isso não pode acontecer assim com as igrejas que não são reconhecidas nem sucedem umas às outras, a menos que de alguma forma sejam recebidas e sucedam a doutrina (o que não é praticado pelos príncipes), não são consideradas como pastores, a menos que concordem e comuniquem a doutrina com todos os outros pastores do mundo. Os príncipes não têm tal entendimento nem comunicação entre si, e se acontecesse de um pastor se desviar da fé e da doutrina comum recebida, sem sangue e sem violência, pela autoridade sinodal dos outros pastores, ele seria obrigado a voltar, ou seria deposto, expulso, o que não é tão fácil com os príncipes. Portanto, além de ser irracional, é também muito prejudicial que os príncipes se atrevam a julgar, ordenar, prescrever a fé e a doutrina, e ainda mais os particulares. É permitido para as congregações de fiéis apresentar, propor por si mesmas, ou hoje organizadas, por escrito ou de outra forma, o que acharem ser útil para a Igreja de Deus. É permitido, até mesmo muito útil, que os príncipes assistam, como fez Constantino no Concílio de Niceia, ou Marciano no de Calcedônia. Sua presença

mantêm os negócios mais pacíficos; eles fazem cumprir com melhor vontade as ordenanças e decisões do Concílio quando participam deles. Em suma, tudo vai melhor, mas planejar, deliberar, julgar, outros não podem fazer, apenas os pastores, ungidos e consagrados superiores da Igreja. Isso foi bem reconhecido e confessado pelos antigos bons imperadores, príncipes cristãos, Constantino, Graciano, os Valentinus, Teodósio, Justiniano, Marciano e outros. Sim, ouvi dizer que no início, o que é dito, que o casamento foi permitido aos sacerdotes no primeiro Concílio de Niceia, de acordo com a sabedoria da primitiva Igreja, foi defendido nos Concílios de Neocesareia, o segundo de Cartago e o de Mainz: que sem dúvida o Concílio de Niceia teria errado ao proibir o casamento, item que eles aceitam voluntariamente o mencionado Concílio de Niceia, o primeiro em que a palavra de Deus presidiu. Pois além de toda essa história de Pafnucio ao Concílio de Niceia ser duvidosa e não aceita por todos, tanto porque não se encontra uma palavra sobre isso nos atos do dito Concílio, quanto porque os autores contemporâneos desse tempo, como Basílio e Epifânio, dizem o contrário, que os dois historiadores que a narram, Sócrates e Sozomeno, são suspeitos para muitos, além de também ser incerto, ainda que verdadeiro, pois não nos diz nada concreto: pois esse ponto do casamento ou celibato dos sacerdotes é mais uma questão de disciplina do que de substância da fé. Além disso, tudo o que eles tiram e dizem é uma falsa compreensão. Pois nem o mencionado Concílio de Niceia permitiu o casamento aos sacerdotes, nem a Igreja primitiva tampouco o proibiu, da mesma forma que os outros três Concílios não o proibiram, nem mesmo o de Neocesareia poderia fazer oposição ao mencionado Concílio de Niceia, pois este o precedeu: nem Pafnucio foi a causa da permissão. E tanto quanto eles aceitam e seguem o mencionado Concílio, eles não seguem nada dele, pelo contrário, eles vão diretamente contra tudo o que ele ordenou. Em resumo, tanto pela falta de palavras, como pelos erros e falsidades, caso deste, que do início ao fim, o mencionado é tão tolo, como se vê no capítulo quatro, quinto, duas vezes no sexto, pois é uma oposição formada, a maior contra os Concílios: é razão saber verdadeiramente como foi. Uma boa parte dos oficiais da Igreja naquela época estavam casados: casados antes de serem chamados para o ministério, como acontecerá a seguir: a necessidade era a causa, pois só havia provisão para pessoas mais velhas; e era difícil encontrar solteiros. O que então mudaram eles da primitiva Igreja em relação a suas esposas em irmãs, ou seja, abstiveram-se do uso da companhia carnal com suas esposas. Essa continência tinha sido relaxada em muitos lugares ao longo do tempo, a ponto de muitos usarem suas esposas. Alguns zeladores dessa continência quiseram trazê-la de volta neste Concílio. Pafnucio levantou objeções, mostrando que isso daria tanto aos homens quanto às mulheres ocasião de ruína, até mesmo ao sexo mais frágil; que seria suficiente, conforme a antiga tradição da Igreja, que os não casados não se casassem, mas que os casados permanecessem em sua liberdade de fazer ou deixar de fazer, e assim o Concílio parou, deixando as coisas como estavam, sem mudança ou inovação. Aqui está brevemente o fato como aconteceu, conforme os historiadores relatam, por parte adversa, por onde fica claro que nem o Concílio, nem Pafnucio pensaram em proibir ou permitir o casamento como pensam as partes adversas, pois entre eles

mesmos dizem que, quando primeiro foi falado sobre proibir, os outros dizem que então foi permitido: nada disso, um ou outro. Para entender melhor e descobrir os erros da parte adversa, há dois pontos a serem observados de acordo com as duas partes do decreto do mencionado Concílio citado pelos historiadores, as duas categorias de sacerdotes oficiais da igreja naquele tempo, ou seja, casados e não casados. Um é que nunca foi permitido, visto ou ouvido na igreja, depois de serem recebidos no sagrado ministério, que se casassem. Isso tem sido uma prática perpétua, tradição apostólica, observada na Igreja Cristã desde o seu início até hoje, guardada em todos os lugares, em todos os tempos, por toda a Cristandade Oriental, Ocidental, Grega, Latina, não sendo permitido casar-se depois de ser ordenado aos sagrados ordens, que começam com o diaconato; nisso todos os concílios, gerais e particulares, concordam unanimemente. E o Concílio de Niceia, como narram os referidos historiadores, diz que isso é da antiga tradição da Igreja, e deseja que seja guardado, antes dele, o de Neocesareia; eis metade do referido decreto niceno, nosso primeiro ponto, é sobre os sacerdotes não casados, seja porque nunca o foram, seja porque se tornaram viúvos, sobre os quais nunca houve qualquer divergência. Isso por si só convence todos esses erros da parte adversa: o primeiro, que o Concílio de Niceia permitiu o casamento aos sacerdotes, pois diz claramente o contrário. O segundo, que permitiu conforme o costume da primitiva igreja, pois ao contrário, ordena que segundo a antiga tradição da igreja, eles não se casarão. Aqui estão as palavras precisas da história conforme a própria versão da parte adversa, ou seja, de Musculus, líder entre os cismáticos, sobre os eclesiásticos que contraíram matrimônio antes da ordenação sacerdotal, não acederam mais ao matrimônio conforme a antiga tradição da igreja, e depois disso não mais se casaram. O terceiro, que os Concílios de Neocesareia, o segundo de Cartago e o de Mainz, são contrários a isso, contrariamente ao de Niceia: pois ao contrário, eles dizem a mesma coisa. Deitada a primeira, que não diz respeito ao casamento, mas ao uso do mesmo, que não alterou nada, mas deixou as coisas como estavam. Agora, até aqui, a primeira parte da primeira proposição do nosso discurso parece estar suficientemente provada e estabelecida, que diz respeito a um julgamento certo e infalível final, de tudo o que concerne à doutrina da religião cristã, que é a Igreja. Agora é necessário passar para a segunda, que é a assunção de nosso argumento ainda mais disputada pelos adversários, que afirmam que esta Igreja de Deus e da Verdadeira Fé Cristã é verdadeiramente reconhecida pela conclusão; porque uma vez que encontramos a verdade, estamos em busca de algo mais, buscamos a mentira. Quero começar minha resposta, na verdade Como Prefácio: Assim, o que quero fazer é, primeiro, mostrar suas falsidades, depois, advertir o Leitor sobre alguns pontos, sendo o primeiro evitar brincadeiras indignas, quando se trata de religião; tratar de assuntos sérios em seguida. Então ele reclama do meu procedimento, dizendo que busquei nas trevas a confusão. Depois ele faz um discurso que visa a orientar a mente do Leitor para a Igreja invisível, afastando-o da visível. Ele define a Igreja como a companhia dos Eleitos, estejam eles no Céu ou na terra: distingue entre a visível e a invisível, mas, falando corretamente, a Igreja Católica é apenas dos Eleitos invisíveis, pois é somente dela que se ouvem todos os louvores que a Escritura dá à Igreja: Portanto, todas as

provas que apresento neste capítulo para a infalibilidade da Igreja devem ser referidas à invisível, não à visível, como eu quero. Eu respondo a tudo isso: Primeiramente, para rebater o argumento que ele me faz, ele deve ser advertido de que a astúcia dos hereges, especialmente os modernos, quando se encontram pressionados e sobrecarregados por razões Católicas para garantir sua segurança, porque não podem suportar a luz, é se esconder rapidamente em algum abismo sombrio e se esconder lá, como se tornar invisíveis: Que seja assim, aqui estão suas duas retiradas habituais: Uma é, como tantas vezes vimos, o Espírito Santo, pois quando se fala com eles sobre Igreja, sobre Escritura, sobre recepção e compreensão da mesma, a resposta e o refrão são sempre o Espírito Santo, não o da Igreja, mas o deles próprios. Quem os tiver, aí não há som nem rio. A outra retirada, irmã daquela, é propô-los a falar sobre a Igreja, a invisível, para que não se comprometam, e para que se tenha tão pouco cuidado como se não existisse, conforme dizem os Sábios. "Não aparecer não ser recebido é a mesma coisa. Veja as duas invisibilidades, uma do Espírito, e a outra da Igreja. Agora, no mundo, nada é mais obscuro e sombrio do que a invisibilidade. Ao alegar isso contra mim, a Igreja se torna visível, na qual o Espírito nunca falhou, como a alma no corpo, a Escritura é guiada por esta Igreja visível. Isso não é buscar as trevas. E ele quer derreter tudo isso em invisibilidade. Deve-se notar que, ao tentar entrar neste capítulo no abismo sombrio da invisibilidade, ao me acusar de me apegar à visibilidade, ao que aparece, ele está se dirigindo mal, me objetando que eu busco as trevas: Não é justo, como o cortador de bolsas que grita primeiro para afastar a suspeita de tê-la cortado, ou como a mulher louca que, temendo ser chamada pelo nome, começa primeiro a apedrejar a mulher de bem, com a pedra com a qual deve ser atingida? Agora, para me salvar do meu Capítulo 1, que afirma que a Igreja não pode errar, ele tenta mostrar que a Igreja, propriamente falando, é invisível: para provar isso, ele diz que ela é apenas dos Santos e Eleitos, que não são conhecidos, concordando que, neste sentido, a Igreja não pode errar. Ele abraça a opinião dos Anabatistas, que dizem que a Igreja é apenas dos justos e santos, refutada por Calvino, e aquela de Calvino, que diz que a Igreja é apenas dos Eleitos. Todas essas opiniões foram tão refutadas como monstruosas, que o respondente deveria ter vergonha de mencioná-las. Mas acredito que ele nunca tenha visto o que foi escrito contra essas quimeras. No entanto, ele não é apenas Calvinista, mas, fazendo grande injustiça a Calvino, ele abraça a opinião dos Anabatistas, que Calvino rejeitou com firmeza: e os quais o próprio respondente condena frequentemente, como hereges monstruosos. Ora, Calvino, autor ou promotor dessa opinião de que a Igreja é dos Eleitos, nunca a provou, e frequentemente a refuta, e faz tudo de uma vez, que os maus hipócritas fazem na Igreja não o são. E nosso respondente não o aprova de forma alguma, ele começa bem o seu argumento assim. Os Antigos entenderam pela Igreja Católica toda a companhia dos Eleitos. Agora, nunca nenhum Católico definiu assim a Igreja. Para provar isso, ele alega São Agostinho dizendo assim: A Igreja é o povo de Deus de todas as nações, compreendendo todos os Santos que viveram. Onde São Agostinho diz nisso que a Igreja é a companhia dos Eleitos? Pode ser que o respondente, com essas palavras, Povo de Deus, Santos, entenda os Eleitos. Que ignorância grosseira! Os Israelitas são chamados povo de Deus. É

dizer, são Santos? São Paulo escrevendo aos Romanos, Efésios, Coríntios os chama Santos, de fato, aparece em vários lugares do Novo Testamento e dos primeiros Padres, que esse nome era comum a todos os que professavam o Cristianismo. É dizer, dos Eleitos? Como se entende isso? Logo será dito. Além disso, São Agostinho não diz que a Igreja só compreende os Santos justos, que é invisível: Pois ele defende precisamente o contrário em lugares diferentes, entre outros, na Epístola de São João, o que mais direi (ele diz) senão que aqueles estão bem cegos, que não veem uma grande montanha (falando da Igreja) que fecham os olhos à luz, que está posta sobre o candelabro. E se a Igreja fosse apenas dos justos e eleitos, ela seria desconhecida, incerta, invisível: pois a eleição é o segredo de Deus. Mas a Igreja é conhecida, certa, visível. Mas é ridículo quando (fol.74.pag i.) ele diz que parece pelos Padres, que ele menciona, que o que ele diz é verdadeiro, os ditos Padres não dizem nada. É muito fácil ver como nosso interlocutor está confuso com o que diz: ele faz a Igreja invisível e apenas dos eleitos, e depois a faz visível, mas isso não é precisamente o que ele diz. Ele não sabe o que fazer com sua amada semelhança com o barril de vinho. Ele diz aqui (como se isso fosse necessário para o assunto que estamos tratando) que a Igreja Católica universal se estende ao céu e à terra. Quem não sabe disso? Os católicos dizem em seu jargão que a Igreja triunfante dos bem-aventurados no céu, a militante dos viajantes neste mundo, mas para que isso? Não vemos que em todo este livro da terceira Verdade, só se fala da militante neste mundo? O título do livro e todas as questões mostram isso claramente. Para que serve fazer discursos e digressões fora de propósito, como ele faz, e depois reclamar que não o deixei? Ele quer que a Igreja Católica seja toda a Igreja, ou seja, militante e triunfante. Eu quero, mas isso não impede que a militante, da qual estamos falando aqui, que é apenas uma parte de toda a Igreja, também seja católica, e seja assim chamada por todo o mundo, por todos os antigos. Na verdade, geralmente pela Igreja Católica, entende-se apenas a militante, sem a triunfante. E quando se fala das pessoas, das assembleias, dos Concílios, das opiniões Católicas, isso só pode ser entendido como sendo da militante. O que fazer então? Se eu sempre me refiro à militante, é como fazer um coelho se passar por uma mula, falar agora da triunfante dos justos ou dos eleitos apenas, ou torná-la invisível, é uma tolice inventada astutamente para fugir e se esconder de todos os argumentos, condenada por toda a Escritura e por toda a antiguidade. Mostraremos em breve a absurdidade disso no meu nono capítulo; aqui mostro sua falsidade: Dizemos que a Igreja (a militante Católica, entenda-se sempre) é a companhia dos fiéis, isto é, daqueles que se consideram membros de Cristo, não pela justiça, como querem os Anabatistas, ou pela eleição, como querem Calvino, e o respondente quer ambos; mas pela fé, e não pela fé justificadora, isso seria voltar à mesma coisa que justiça e eleição: mas pela confissão pública externa da fé e pela profissão do verdadeiro cristianismo, que se mostra por palavras e por atos externos visíveis, à vista e conhecimento de uns e de outros. E assim, nosso interlocutor mente ao dizer que os fiéis são visíveis não porque são fiéis, mas porque são humanos: pois eles são tão visíveis como fiéis quanto como humanos, uma vez que o ato do batismo, o uso dos sacramentos, a confissão de fé e outros inúmeros atos de fidelidade ao cristianismo não são menos visíveis que os atos humanos de humanidade. Agora, esses fiéis, por

causa deste batismo, pertencem à Igreja Católica, são membros de Jesus Cristo, não por causa da eleição. E nesta companhia de fiéis, há bons e maus, eleitos e reprovados. Quem são estes e aqueles, somente Deus sabe, que permite que vivam juntos aqui nesta miséria; no último dia, ele os separará para sempre. Isso não é tudo. Quero, para descobrir mais a deformidade, falsidade e confusão desta doutrina, destacar por artigos em seu discurso, um grande número de erros, contradições e absurdos que são então tão repetidos em seu Capítulo 5, e até mesmo em todo o seu livro. 1. Ele diz que não há duas Igrejas, mas apenas uma Católica: então ele diz que há duas distintas, visível e invisível. 2. Ele diz que a Igreja é invisível, porque é dos eleitos, que são invisíveis. E em sua fol. 82. Em outro lugar, ele diz que os eleitos são visíveis, que estão na Igreja visível. 3. Ele faz a Igreja Católica universal invisível: ele também faz todas as Igrejas particulares visíveis. Mas por sua própria declaração, a Igreja Católica universal é composta por todas as particulares, pois ele admite que a Católica consiste em todas as particulares que existem no mundo. Portanto, (ou trai sua condição manifesta) a Católica deve ser visível, não pode haver uma Igreja invisível no mundo. 4. Ele admite que as Igrejas particulares geralmente têm bons e maus, eleitos e reprovados. A Católica não é nem subsiste, senão de todas as particulares por sua própria confissão, como acabei de dizer. Portanto, a Católica é composta por bons e maus, eleitos e reprovados, misturados juntos, e não apenas dos eleitos, como ele quer. Ele admite que os antigos atribuíram este termo Católico às Igrejas particulares, que chamaram de Igreja visível invisível pelo nome Católico. Ele, portanto, erra ao opor a Igreja visível particular à Católica. Pois não apenas as Igrejas particulares, mas as pessoas que se consideram unidas à Igreja Católica, são chamadas de Católicas. Encerrada escondida dentro do visível. Será necessário então que o visível seja mais católico do que o invisível, porque o continente é maior que seu conteúdo, e o todo é maior que a parte. E contudo ele diz que o Católico é invisível, e o particular visível, assim unindo mais a parte do todo que o todo. Ele diz que a Igreja verdadeira, de fato, é invisível em todo lugar, ele diz que os sinais da verdadeira Igreja são a pregação da palavra de Deus, a administração dos sacramentos, que são coisas visíveis. E Bez en í confissão adiciona esses dois à polícia externa, que é ainda mais visível. Será então necessário que a verdadeira Igreja seja visível, não importa se ela está em si mesma ou apenas em seus sinais, desde que seja visível. Ele diz que o Símbolo e as Escrituras não falam da Igreja visível, mas da invisível, dos Santos e Eleitos. Primeiro, eu o desafio a provar isso: pois ele nunca poderia fazê-lo. Mas eu pergunto a ele, já que as Escrituras não falam da Igreja visível, de onde ele tira isso? E a ele, que só se refere às Escrituras, por que ele acredita e estabelece uma Igreja visível? Sobre isso, eu lhe pergunto novamente, se a Igreja visível é parte membro da Católica invisível, da qual as Escrituras falam, ou não? Se ela é parte, então não está separada. E assim o que for dito da Católica invisível será comum também à visível. Pois o que pertence ao gênero é comum também às espécies. Se ela não é parte, é outra Igreja separada: se é outra separada, então não é considerável nem recebível, porque se deve acreditar e receber apenas uma Igreja. Em suma, ela não é de modo algum. Se a Igreja é invisível porque é dos Eleitos, como ele diz, então se seguirá que a Igreja visível é

dos réprobos apenas. Mas de que pessoas seria então, já que não é dos Eleitos que pertencem ao invisível? E como pode haver uma Igreja de réprobos? Os réprobos são tão invisíveis quanto os Eleitos. A reprovação não é mais notória nem menos secreta do que a eleição. Portanto, a Igreja dos réprobos também será invisível. Segundo ele, haverá duas Igrejas: uma dos Eleitos e outra dos réprobos, mas ambas invisíveis. E assim não haverá nenhuma visível. Ele faz uma Igreja visível, na qual se encontram os Eleitos e os réprobos juntos, então onde estará o invisível dos Eleitos apenas? Deve-se contar duas Igrejas: uma dos Eleitos apenas e outra dos Eleitos e réprobos juntos. Portanto, haverá duas espécies de Eleitos, mas apenas uma de réprobos. E os Eleitos serão distintos, separados em duas Igrejas. De onde vem essa distinção, separação dos Eleitos, não há nenhuma dos réprobos. Por que ele defende essa doutrina? Mas como ou onde a Igreja, onde estão os Eleitos e réprobos juntos, será mais visível do que a outra, que é apenas dos Eleitos? Pois os réprobos são tão invisíveis quanto os Eleitos. E assim, estando todos invisíveis e não tendo nenhuma marca certa de sua eleição ou reprovação, é necessário que a Igreja seja totalmente invisível, e não haverá nenhuma visível. Ele se engana, pois a verdade Católica é muito mais clara, evidente, direta. Há apenas uma Igreja, a Católica visível, na qual todos os fiéis estão, tanto Eleitos quanto réprobos, que são invisíveis porque são Eleitos ou réprobos, mas todos visíveis porque são fiéis, ou que se declaram ser fiéis por atos ou marcas visíveis. A Igreja é a companhia de todos eles, como fiéis visíveis, não como Eleitos ou réprobos, que são ambos invisíveis. No entanto, deve-se observar que o respondente está confuso e emaranhado em sua doutrina, como acabamos de mostrar, pois ele continua neste capítulo confundindo sem parar suas respostas de uma Igreja para outra, do invisível para o visível, da dos Eleitos para a dos réprobos, da Católica para as particulares, para a Romana, para a de Antioquia, etc. E sempre mistura de qual estou falando. Não se deve perguntar de qual estou falando, já que não aceito nem creio em nenhuma outra que não seja a Católica, visível, Santa, Apostólica Romana, não entendendo a Romana como uma particular, como ele quer, mas a Católica, como explicarei mais adiante. Bem, digo que tal Igreja nunca erra na fé. Isso é o que eu provei no meu capítulo I. Vejamos como ele responde: certamente, miseravelmente. Contra seu primeiro artigo, a primeira razão, ele não responde nada de certo. Ele ignora a proposição, como se lamentasse, dizendo que a assunção não é clara o suficiente, não especifica suficientemente de qual Igreja estou falando, Romana, Antioquiana, etc. Ele está com muita vontade de confundir as águas claras. Por fim, ele responde por mim o que deveria ter dito desde o começo, sem perder tempo, o que ele diz. É que eu entendo a Católica em vez de responder pertinente a esta palavra, ele faz perguntas. Onde encontraremos esta Igreja? Onde ela se reunirá? Isso mostra bem que ele não tem nada a dizer a esse respeito. Ele diz que o deficiente, ignorante, tolo, sem ir mais longe, se dirigirá à Igreja particular, que é uma parte membro da Igreja Católica. Em resumo, ele encontrará na pessoa de seu pároco pastor a Igreja Católica, isto é, a crença, a fé, o credo da Igreja Católica, como quem segura, bate na mão, no pé, sente e bate em todo homem. Ele menciona no seu livro, no capítulo 10, parágrafo 8, da Cidade de Deus. Na primeira vez, ele anota na margem, e na segunda vez, no texto. No

entanto, neste ponto, Santo Agostinho não fala sobre esse assunto. Se alguém argumentar que ele ou o impressor cometeu um erro ao anotar, o que é difícil de acreditar, pois duas vezes ele afirma isso, cabe ao oponente mostrar em algum lugar onde Santo Agostinho tenha dito isso, ou seja, que a Igreja Católica é apenas invisível, como eu explico nos lugares onde falo sobre a infalibilidade da Igreja. Pois suas palavras sugerem isso. Aqui está meu primeiro argumento, com seis provas completas que permanecem sem resposta. Antes de responder, ele refresca nossa memória com suas heresias, dizendo que a Igreja Católica é sempre invisível, o que ele demonstra aqui. Ambos são totalmente falsos e ele acrescenta que ninguém jamais disse que a Igreja Católica fosse invisível. Pode-se ter dito que há algo na Igreja Católica, como a mais bela, a melhor e a mais importante parte dela, que é invisível. Mas afirmar que a Igreja Católica é, e sempre foi, invisível, como o oponente afirma, nunca foi considerado pelos cristãos. Ele diz que estou confundindo a Igreja Católica, que é sempre invisível, com a visível. Isso é uma forma de falar inédita. Ele faz da Igreja Católica e invisível a mesma coisa: chama de Católica porque é invisível e invisível porque é Católica. Ele diz que já demonstrou isso acima, mas isso é totalmente invisível. Ele diz que eu não mostro que a Igreja Romana seja superior às outras, que Jesus Cristo seja seu chefe supremo, mais do que das outras. Antes, ele continuou com essas vaidades, como se houvesse várias Igrejas de Deus diferentes, como se houvesse uma Igreja de Deus que não fosse completamente Católica. Se a Igreja Romana não fosse Católica, se entendêssemos a Igreja Romana como alguma igreja particular, com suas palavras, ele estaria sugerindo várias coisas que não são e nunca foram pensadas. Depois disso, ele faz falsas declarações em favor do seu partido e muitas injúrias contra nós. Tudo isso é apenas vento. Ele responde mal ao que eu disse para refutar o argumento do Plef, pois ele não aborda metade das coisas que eu disse. Entre outras coisas, o que eu mostro é a grande falta de sentido do argumento do Plef, e o que ele aborda, ele aborda mal. Eu disse, entre outras coisas, que as promessas condicionadas de Deus se dirigem aos indivíduos, não à igreja. Para refutar-me, ele deveria citar apenas uma (eu ficaria satisfeito com apenas uma) promessa condicionada de Deus dirigida a toda a igreja. O que ele não faz, e nem poderia fazer. Portanto, tudo o que ele diz não serve para nada. Ele diz que Moisés e os profetas falavam em suas exortações para toda a assembleia. E daí? Estamos falando das promessas de Deus, não das exortações de Moisés e dos profetas. E mesmo que fossem para toda a assembleia, eram para os indivíduos que estavam reunidos. Ele diz que Tertuliano afirma uma obrigação recíproca. Também que a igreja é obrigada a obedecer a Deus, etc. Tudo isso é verdade, mas nada disso é relevante. Por isso, ele não aprova o que deveria. Quando eu digo que Jesus Cristo governa a igreja como a alma governa o corpo, ele tenta encontrar alguma absurdo nisso, dizendo que, então, os maus que estão na igreja são membros conduzidos por Jesus Cristo. Eu digo que todos os fiéis (eu já disse acima, na Prefácio deste capítulo, o que se entende por fiéis) bons ou maus, são membros de Jesus Cristo, conduzidos por ele, mas não igualmente ou da mesma maneira que a alma vegetativa e sensitiva do corpo comunica a vida e alimentação a todas as partes do corpo, mas de maneira diferente, de maneira muito menos aos cabelos e unhas do que aos

olhos e mãos: assim, Jesus Cristo é para todos os fiéis cristãos, mas de maneira muito menos aos fiéis que não têm nada de bom além da profissão de fé, e de maneira muito mais aos fiéis justos. Depois, ele repete o que já havia dito antes (página 16), que eu tinha errado por brevidade, como se não fosse importante, que os hereges costumavam usar este lugar de São João 14 (o Espírito Santo vos ensinará e vos recordará). E bem, eu o uso sempre para mostrar que os hereges usam as Escrituras para valorizar suas falsas opiniões. E porque os hereges usaram este lugar para introduzir suas falsas tradições como apostólicas, não se segue que não possamos usá-lo para confirmar as tradições verdadeiramente apostólicas, como aquelas que toda a Igreja atesta serem tais. Ele chama de sutilidade a diferença que faço entre ensinar e relembrar. Jesus Cristo disse aos seus Apóstolos que lhes declararia tudo o que ouviu de seu pai. Esses lugares são fáceis de conciliar; é que Jesus Cristo revela tudo aos seus Apóstolos, mas é pela fé ou pelo seu Espírito. Ele diz que repete aqui o que disse sobre São João e São Lucas. Essa repetição não está mais presente, foi eliminada nesta segunda edição, e direciono o leitor para onde é necessário. Mas ele repete aqui uma mentira, que é que todos os discursos de Jesus, em quarenta dias, estão contidos nos últimos capítulos dos Evangelhos. Eu mostrei essa falsidade anteriormente, no exame de seu panfleto. Ele ainda acrescenta aqui outra mentira, dizendo que no Evangelho de João 20, é visto que Jesus se ausentou de seus discípulos pelo espaço de oito dias. Embora São João tenha narrado o que aconteceu no primeiro dos quarenta dias aos dez Apóstolos, ele pula para o que aconteceu oito dias depois devido à semelhança dos dois eventos, à repetição das mesmas palavras, que foram reditas por causa de São Tomé. Isso não significa que ele não apareceu várias vezes aos dez Apóstolos durante esses oito dias. Em relação ao meu artigo: 1. Na primeira parte, ele responde com modificações, confessando assim que tive razão em me queixar de ele falar de forma muito crua e ríspida. Se ele tivesse se contentado com isso, eu não teria dito mais nada, mas como falou demais, também devo dizer que ele não sabe o que está dizendo ao afirmar que quero atribuir a prerrogativa de não errar, comum aos Padres de aldeia, a ele como bispo. Tudo isso é falso; mas digo claramente contra ele que a Igreja tem essa mesma prerrogativa que os Apóstolos, de não poderem errar, e que as promessas de assistência perpétua do Espírito Santo não foram dadas aos Apóstolos, mas sim à Igreja, ou seja, não foram dadas a eles por causa deles mesmos, nem por causa de sua própria causa, mas por amor à Igreja. E qual seria o propósito de guardar e assistir à Igreja durante a vida dos Apóstolos, apenas para deixá-la cair depois deles? Dizer que os Apóstolos, por si mesmos, fora da causa comum pública da Igreja, não podiam errar, onde ele encontrará isso? Como ele provará isso? É muito simplista ser sofista desse jeito. Porque eu disse que o que ele disse sobre o Pleroma é falso, absurdo e blasfemo, e mesmo que fosse verdade, não é contra o meu argumento. Ele quer ser sutil, dizendo que eu disse corretamente que o que é falso, absurdo e blasfemo não é contra mim. Ao tentar ser inteligente, ele se envergonha. Pois, tendo dito que mesmo que fosse verdade, não seria contra mim, sendo verdade, então não é mais falso e absurdo. Depois, quem impede que uma afirmação possa ser falsa, má e blasfema e ainda assim não contradizer outra afirmação verdadeira e boa,

simplesmente porque não é proposta nem se confronta com essa outra afirmação? Eu poderia ter errado nisso, mas ele repete, de fato. Além disso, como ele não pode refutar nada do que eu disse, ele falsifica meu argumento inteiro, fazendo-me dizer o que não pensei sobre isso e se diverte. Minha afirmação é que o Espírito Santo foi prometido aos Apóstolos como pessoas públicas, para cumprir seu cargo, e em consideração à Igreja. Ele diz que estou argumentando assim: o Espírito foi prometido aos Apóstolos para seu cargo, etc., e está ligado a Roma, de onde não pode sair. Não são essas imposturas descaradas demais, insuportáveis demais? E, no entanto, isso é comum para ele. O que ele diz depois, que todos os eleitos têm o Espírito Santo, não é relevante. Minha afirmação é que as promessas de assistência perpétua do Espírito Santo não são, como Calvino quer, dirigidas aos indivíduos, sejam eles eleitos ou não, mas à Igreja. Os eleitos têm o Espírito Santo, mas não sempre, nem continuamente, nem irrevogavelmente, como testemunham a negação de São Pedro e a perseguição de São Paulo: eles não são infalíveis, eles pecam frequentemente, eles caem e se levantam. A Igreja não é assim, ela é todos os dias, a todo momento, e sem interrupção, assistida pelo Espírito Santo, e, portanto, infalível. Além disso, os eleitos, como eleitos, têm o Espírito Santo para sua salvação pessoal, não um eleito para o outro. Mas a Igreja, como corpo, tem o Espírito Santo para todos os indivíduos, para orientá-los em geral. Ele responde ao que eu digo que todas as promessas de infalibilidade são dirigidas à Igreja Católica visível, e prova isso por textos muito explícitos. Ele diz, para escapar, que os eleitos também são visíveis e que são eles a quem essas promessas pertencem, etc. Isso tem muitos erros. No prefácio deste capítulo, é dito que eles são invisíveis e que por causa deles a Igreja era invisível. Ele tinha bem dito no preâmbulo que os fiéis maus são invisíveis, como fiéis: os eleitos devem ser ainda mais, pois a eleição é totalmente secreta, mas a confissão protestante da fé não é secreta, pois é pública e externa. Os eleitos são particulares. As promessas de infalibilidade não se dirigem aos particulares, como foi dito, mas ao grande e ao corpo de toda a Igreja. Não é nada dito quando ele diz "Os louvores da coluna sustentáculo da verdade, outros não podem convir aos maus e hipócritas que estão na Igreja, então é para os bons fiéis: porque eu digo que esses louvores e grandes promessas não se dirigem nem aos uns nem aos outros que são todos particulares enganadores, mas sim a todo o corpo da Igreja conhecida visível, na qual os particulares estão incluídos. Isso é completamente falso, que todas essas promessas se referem aos eleitos. Pois nelas está dito, tudo o que ligardes desligareis. Mas para os eleitos não há nada para ligar ou desligar por conta própria, pois eles têm o Espírito Santo, ele diz. Isso também está mal dito, que eu falo especificamente da Igreja ou das Igrejas, nas quais Timóteo conversou, pois eu não falo mais disso do que das outras: mas apenas provo que São Paulo fala neste lugar da Igreja visível, antes de usar a palavra "conversar na Igreja", que não pode convir à Igreja invisível. Ele se deleita em latir ao vento, dizendo que eu faço uma grande incongruência ao opor a Igreja visível à Igreja dos eleitos. Pois, diz ele, os eleitos são a Igreja visível. É fácil ver o contrário, pois tenho sempre dito e sustentado contra ele que a Igreja é visível, composta por eleitos e reprovados misturados todos juntos, mas é ele quem faz duas Igrejas visível e invisível, as separa, opõe uma à outra e depois se confunde.

Pois, por um lado, ele diz que o invisível é dos eleitos, por outro, diz que os eleitos estão na visível, também diz que os eleitos são visíveis e invisíveis, tudo isso é apenas confusão: Isso é muito mais claro (repetindo, não há senão uma Igreja Católica, visível, na qual estão todos os eleitos e não eleitos, mas quem são os eleitos só Deus sabe. Sobre a grande diferença que faço ainda entre a Igreja judaica e cristã, da antiga lei e da nova graça, ele fica muito animado para encontrar absurdos monstruosos e não menciona a verdade sozinho, mas faz perguntas pelas quais ele pensa me pegar desprevenido. Mas para tudo isso a resposta mais simples bastaria. Ele faz dez perguntas uma após a outra, que eu quero todas responder, propondo o que é necessário acreditar e manter sobre este assunto: Se em algum ponto do meu discurso eu não responder, notarei a pergunta, à qual responderei e então falarei a ele. Eu digo que há apenas uma Igreja, que começou com Adão ou Abel (é para a primeira pergunta), não tendo senão um mesmo chefe autor principal eterno - Jesus Cristo para a segunda pergunta -, estendendo sua virtude influente, iluminando e vivificando todos os seus membros do primeiro ao último (portanto, é a mesma pergunta, na qual todas as belas promessas de assistência e manutenção estão contidas), que são perpetuamente verdadeiras, então a sexta pergunta é da mesma substância, a qual nunca falhou, desfaleceu ou adulterou ou falsificou sua fé - sétima, mesmo que algum particular ou alguma parte dela tenha tropeçado e se desviado de seu dever (nona pergunta). Isso responde às suas perguntas. Mas aqui está o que eu adiciono para esclarecer as dúvidas e dificuldades que os simples podem encontrar em meu discurso, no seu. Esta Igreja, tal como eu disse, foi movida e conduzida em duas formas e por dois Estados muito diferentes: um sob a lei de Moisés, onde ela foi tratada como serva, mantida sujeita com medo, limitada em um pequeno lugar, pequeno povo judaico, com promessas de que ela sairia no final deste estado, que viria a falhar, ser abolido, para dar lugar a outro melhor. O filho do pano foi criado, tens nenhuma restrição, limitação, ou modificação de países ou povos, dos quais ela é chamada Católica com segurança, que este tratamento lhe foi nunca retirado. Estes são os dois estados diferentes. No entanto, é apenas uma Igreja, assim como um homem sábio sendo criança permanece sob a vara, fazendo força na juventude, torna-se grande em honra liberdade, mais firmemente resolvido. A Igreja nunca falhou, nem falhará: mas o primeiro estado Judaico falhou e falhará, de acordo com o que foi prometido. Eu venho nosso correspondente, que diz na quarta pergunta, que as mesmas promessas foram dadas à Judaica, como à Cristã. E para provar isso, ele alega dois do Velho Testamento, que ele compara com dois do novo. Mas é ignorância dele não ver que aqueles que estão no Velho Testamento pertencem à Cristã, figuras por, Jerusalém por Sião por tudo o que era na religião judaica. E quanto ao lugar de Levítico 16. que ele alega anteriormente, esses dois ele entende de um fato de negócio particular não fala de uma assistência geral para todas as coisas nunca. Ele pensa, porque eles estão escritos nos livros do Velho Testamento que não pertencem apenas ao judaico. E acima disso, para provar a infalibilidade da Igreja Católica, eu trouxe provas do Velho Testamento. Mas ele está enganado ainda mais pesadamente, dizendo em sua pergunta 6. 7. 9. que a Igreja tem falhado desde Abraão, Manassés, etc. Porque todas as maldades e abominações desses Reis

lá, não fizeram a Igreja falhar de forma alguma. E quando ela não teve seu exercício livre público em algum lugar por algum tempo, o que o respondente não conseguiu provar, não é dizer que ela tenha errado falhado. São duas coisas bem diferentes, ele ainda admite que ela gritou, o que é falso. implicitamente adiciona) foi tão implicitamente que só minha mente não ouviu. Quanto aos grandes gritos e repreensões que Elias faz contra todos os estados em seu capítulo 1. isso não prova nada. que a Igreja errou no que diz respeito à fé. ele clama contra os grandes abusos corrupções mas não fala de erro na fé: pelo contrário, ele diz que eles mantinham bem a religião, o sábado, etc. mas suas mãos estavam ensanguentadas, e suas vidas cheias de lágrimas. E então não se segue que todos compartilhem dessas abominações. Sobre o que eu disse, que du Plessis faz a Igreja toda errar na adoração do bezerro de ouro, do qual ele diz que em du Plessis não está em nenhum outro lugar essa palavra, Todo, não está lá, porque a Igreja não erra toda, por causa de alguns eleitos, que estão escondidos dentro, isso é apenas uma escapatória vã porque se a Igreja erra, ela erra toda, ela não pode ser dividida, ela é única, e como du Plessis mesmo disse, invisível. E se toda ela erra, ou toda ela não erra. Porque dizer que alguns estão escondidos, que não erram, esses são particulares, que sozinhos não são a Igreja. Ao contrário, dizemos que há alguns particulares na Igreja, que erram, no entanto, a Igreja não erra. Quando um colégio, capítulo, comunidade como um todo comete um erro, nós não dizemos que todo o corpo falhou, ainda que dois ou três não tenham cometido o erro. Depois, por que ele vai perguntar se a Igreja não falhou na adoração do bezerro de ouro, então que eu lhe disse provei em meu livro que não falhou? Além disso, embora os levitas ainda não fossem consagrados, eles eram ainda destinados, isto é, os membros principais como mostra o texto que faz nomeação expressa, dizendo que os filhos de Levi, etc., não nomeando as outras tribos! Mas ele é bastante irrelevante para provar, que essa palavra Se você ensinar o que eu te mandei está na Escritura; porque eu o acuso de que não está lá. Ele alega essa palavra (você são meus amigos se você fizer o que eu mandei) é uma falta de bom senso, porque essas duas palavras são muito diferentes. A que ele deve provar, diz: Se você ensinar o outro que ele alega diz: Se você fizer. Ele muda de um para o outro. Da mesma forma, aquele que ele deve provar, deve ter Você não errará, aquele que ele alega diz: Vocês são meus amigos. Estas são coisas diferentes. Não é dizer que o universo católico erre. Isso está bem claro. Em vez de responder ou combater, ele faz uma demanda indigna de uma criança. Se todas as igrejas particulares errarem, o que acontecerá com a Católica? É como dizer que se as estrelas do céu caírem, o que acontecerá com o mundo? De uma hipótese absurda e ridícula, a consequência é a mesma: mas ele diz que todas as igrejas particulares podem falhar porque não há uma que tenha prometido não falhar. Eu digo que é impossível que todas falhem de uma vez e ao mesmo tempo, de forma que não reste nenhuma que falhe o corpo místico da Igreja. Isso vai contra a honra das promessas de Jesus Cristo. Mas eu admitirei bem que cada uma particular pode errar, e que nenhuma delas tem a promessa certa de infalibilidade. É apenas a única universal Católica que tem essa promessa, e as particulares que se mantêm unidas a essa Católica também não falham; se elas se desunirem, falharão. Ele pergunta se os apóstolos, duvidando da ressurreição de

seu mestre, não falharam; quem duvida que eles falharam? Mas eles ainda não eram a Igreja; o tempo de não falhar ainda não tinha chegado. A Igreja Cristã Evangélica só foi perfeitamente formada no dia de Pentecostes, dia da consagração e dedicação. Aqui ele argumenta bem: se a Igreja Romana, diz ele, é a Católica, o Anticristo está na Católica. Portanto, o Anticristo será Roma. É um silogismo monstruoso com quatro termos. Ele deveria dizer, portanto, o Anticristo estará na Igreja Romana. Isso concordamos com ele; mas não por causa de Roma, mas em Jerusalém, como será deduzido em meu último capítulo. Ele diz depois que, já que o Anticristo vexará e atormentará a Igreja, será mais forte que ela. Falta de sentido. É preciso ser mais forte para vencer, mas não para vexar. Os tiranos, os hereges, como sempre, têm trabalhado para perseguir a Igreja, mas não foram mais fortes. Pois está prometido que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Depois de apresentar meus três pontos, que tratei dos Concílios, respondendo ao primeiro, que é que a infalibilidade dos Concílios se refere apenas aos gerais, ele diz que a infalibilidade também deve ser aplicada aos particulares pela virtude dessa palavra. Onde houver dois ou três reunidos em meu nome, estou no meio deles. Ele diz isso apenas para zombar, porque se ele concorda que os Concílios particulares são infalíveis, então ganhei ainda mais minha causa contra ele, que a Igreja é infalível. Além disso, nestas palavras Jesus promete sim uma assistência, mas não infalibilidade, que é prometida apenas à Igreja universal, que é a Igreja, e não a nenhum particular, nem mesmo aos apóstolos, se não for por causa da Igreja, toda assistência prometida não inclui infalibilidade. Deus assiste aos seus mesmo quando tropeçam, até mesmo quando caem, para que não se machuquem até a morte, mas é diferente, em outras palavras, estabelecer a promessa da assistência e infalibilidade da Igreja, como mostrei em meu capítulo. Ele quer, apesar dos gerais, louvar os particulares, alegando o de Gangra, contra o qual ele diz que os outros Concílios, tanto gerais quanto particulares, determinaram. Mas isso é totalmente falso: se a Igreja sempre condenou juntamente com o Concílio, São Paulo condena absolutamente aqueles que reprovam o casamento e certos alimentos. E ainda mais falso que a Igreja Romana mantém os erros condenados por Gangra: pois quanto à Quaresma, nem quanto aos sacerdotes, homens de religião, a Igreja não condena nem alimentos nem casamento. Isso é fácil de ver, sem entrar nesta disputa que nos levaria longe demais. E os comentários de Quintin sobre os Concílios são suficientes para mostrar a impostura do oponente, que cita este Concílio no ano 314, mas estou errado em apontar um pequeno erro entre tantos grandes. Respondendo ao ponto, que é que a infalibilidade dos Concílios está na substância da fé, ele cita São Pedro de forma inadequada: pois ele não fala dos Concílios, nem da Igreja, mas apenas dos hereges ou de seus ministros. Mas para mostrar claramente que há contradição e erro nos Concílios, ele faz uma pergunta e forma um argumento que ele pensa ser invencível, suficiente para derrubar toda a Igreja Romana, silenciar todos os doutores papistas. Ele o propõe expressamente por três vezes diferentes, como aqui, e depois na página 91, e depois na página 96, com tantas palavras de bravata que parece insano, dizendo que é uma astúcia, tão astuta. Que toda a habilidade dos mais astutos jesuítas não pode esconder é que é uma flauta, quanto mais se toca, mais se desfigura, e assim aprendemos, por favor,

a instabilidade huguenote. A questão e o argumento tocam na primazia do Papa, se o Papa não é superior a todos os Bispos e a todos os Concílios, se não é outro artigo de fé necessário para a salvação crer assim. Sobre isso, ele diz que o Concílio de Niceia não faz isso, faz o Papa igual aos outros patriarcas. Os Concílios de Basileia e Constança são inferiores aos Concílios de Trento. Ao contrário, o torna superior aos Concílios, diz que é um artigo de fé necessário para a salvação. Portanto, se o Concílio de Trento estiver correto, o Concílio de Niceia errou, assim como os Concílios de Basileia e Constança. Este é o seu argumento ao qual ele exige uma resposta clara e pertinente. Sem fazer longos discursos aqui, vejamos se não será respondido clara e pertinente em três ou quatro palavras. Primeiro, ele nega os fatos, subscreve uma mentira. Porque é falso que o Concílio de Trento tenha dito algo assim, que o Papa esteja acima do Concílio, e ainda mais falso que tenha dito que é outro artigo de fé necessário para a salvação. Deveria citar o cânon, a sessão, mas não o faz. Ele se atreve a impor isso tão ousadamente. E isso deveria ser suficiente para resolver todo o argumento: pois aqui está toda a alegada contradição levantada nos referidos concílios. Mas para mostrar que não há falta de resposta, dizemos mais: é tão falso quanto o Concílio de Niceia tenha feito os outros Patriarcas iguais ao Papa. Também não cita o cânon, nem o local onde isso está escrito, mas, sem esperar por isso, quero, não por amor a ele, mas por amor aos simples, dizer o que pode ser duvidoso aqui. No Cânon 6, diz-se que o Bispo de Alexandria deve ter poder semelhante sobre três Províncias, como o Bispo de Roma sobre as suas, e assim por diante em outras Províncias. É mal concluído que o Papa não seja nada mais, ou seja igual em todas as coisas aos outros Patriarcas, em relação a ele. Isso vem da ignorância da prática e do modo de vida do mundo. Há vários graus e assentos de autoridade, de jurisdição e poder na Igreja, a saber: Bispo, Arcebispo, Primaz, Patriarca, Papa, que podem ser separados e também podem estar juntos em um mesmo assunto, visto que o grau mais alto inclui os inferiores. No primeiro grau está o poder sobre uma Diocese apenas, e nisso todos os Bispos são iguais. No segundo grau estão os Arcebispos iguais, que têm autoridade sobre várias Dioceses, ou seja, sobre uma Província. No terceiro grau está o poder sobre várias Províncias, no qual todos os Primazes são iguais. No quarto grau está a autoridade sobre áreas ainda maiores de Províncias, e assim por diante, os Patriarcas são iguais. E nesses termos está o Cânon <>. Que não considera o Bispo de Roma, exceto como Patriarca; e no que diz respeito às Províncias que dependem do Patriarcado Romano, ele as faz iguais aos outros Patriarcas no que diz respeito ao poder de cada um sobre as Províncias, dioceses e distritos, mas não entre si, pois não nega nada do que o de Alexandria era o 2º, o de Antioquia o 3º, o de Jerusalém o 4º e o Romano o 1º. E fazendo assim os Patriarcas iguais, ele toma o exemplo da forma da Igreja Romana como a primeira perfeita para regular sobre ela a da Igreja de Alexandria e dos outros Patriarcas, como escreveu Bonifácio I por volta de 450. No último grau está o Papa, que está sobre todos os Patriarcas. Portanto, neste Cânon, o Papa é considerado, não como Papa, mas como Patriarca. E muito longe de ser como Papa, o Concílio de Niceia não o tornou igual aos outros, pelo contrário, o declara superior e o primeiro de todos os Bispos, Arcebispos, Primazes, Patriarcas, em suma, como fala o Imperador

Justiniano, de todos os Sacerdotes, pois assim o testemunha o próprio Justiniano, e é justo que os Concílios de Constantinopla, Éfeso e Calcedônia, isto é, todos os Concílios gerais de seu tempo, o tenham ordenado da mesma forma. E embora o Cânon do dito Concílio relatado pelo referido Justiniano não esteja entre os 10 que nos restam, não é menos verdadeiro, visto que é certo que muitos outros Cânones se perderam, como testemunham vários dos Padres. Quanto aos Concílios de Basileia e Constança, deve-se saber que todos os atos e sessões desses Concílios não são aprovados pela Igreja, mas apenas alguns certos, quais e por que não todos, isso não é da nossa alçada, e assim se for mal argumentado por eles, não é nos pontos aceitos e aprovados. Finalmente, quanto ao direito, esta questão não é um artigo de fé necessário para a salvação, e assim está fora dos termos de nossa tese, que afirma que a Igreja não pode errar na substância da fé. Jamais um cristão disse ou duvidou que o Papa estivesse acima de todos os Bispos, mas a questão é apenas se ele está acima do Concílio Geral ou de toda a Igreja Católica, tão bem em corpo. Isso ainda é incerto e mais uma questão de política do que de substância da fé. No ponto que é que a infalibilidade está na Igreja. Em nenhum ponto ele se restringe a isso, dizendo que é coisa absurda dizer que a conclusão pode ser boa após argumentações fracas e fúteis. Para mostrar o absurdo do meu argumento, ele deveria destruir as provas e razões que dou, que se referem apenas às argumentações, pois são os indivíduos que falam, é obra humana: mas a conclusão é de toda a Igreja em corpo, e obra do Espírito Santo. Explicando bem a opinião (porque outros companheiros falam de forma diferente) sobre a realização dos Concílios, ele quer duas coisas, uma que todos os presentes concordem com a palavra de Deus, e a outra que o Papa e sua banda não tenham autoridade, pois isso seria tirania. Quanto ao primeiro, eu lhe digo que isso é feito da mesma forma. Eles empregam a Escritura Sagrada em todos os lugares, e nada fazem sem ela: mas se o fazem ou não, quem julgará? O último recurso para os assuntos da religião são os Concílios gerais, após a definição dos quais não há outro remédio: e esses ainda querem se colocar acima, julgando se os Concílios procedem corretamente de acordo com as Escrituras ou não. E assim os indivíduos julgarão toda a Igreja, e os súditos farão o processo de seus superiores. Quanto ao segundo, quem deve presidir, opinar nos Concílios, senão os pastores e bispos? Aqueles que não têm nenhuma posição na Igreja? Vocês cismáticos, é razoável que os estranhos da casa opinem e disponham dos bens da casa? Os leigos, os indivíduos, as ovelhas, os súditos deliberam e julgam os assuntos públicos, fazem as leis e os regulamentos? Sobre isso, ele fica irritado, injurioso, pois eles não querem obedecer ou reconhecer os superiores, porque, diz ele, eles não são como deveriam ser, isso é o que os rebeldes refratários sempre dizem. É razoável que o súdito julgue seu Senhor e que a ovelha processe seu Pastor? Em vez de responder às minhas razões, pelas quais mostro que os Príncipes podem assistir aos Concílios gerais, mas não ter opinião ou voto deliberativo, ele se diverte zombando que os Príncipes serão então os ushers dos Papas, que os Papas terão um poder infinito, etc. Até o fim do capítulo. Ele diz que o Concílio erra assim que é reunido. Essa frase, "assim que é reunido", não serve para nada, pois não é um Concílio até a conclusão. Pode ser interrompido pela metade, disperso sem conclusões, então não será um Concílio. E

então eu disse que até a conclusão são apenas homens, indivíduos que falam, não a Igreja. Ele tenta fazer crer que o segundo Concílio de Niceia não foi legítimo, mas com quais boas razões e autoridade, é difícil julgar, pois tudo é baseado em suas palavras sem citar nada mais. Portanto, tudo isso é em vão, pois o dito Concílio foi universalmente aceito por toda a Igreja, não apenas Latina e Ocidental, mas também Grega Oriental. E é ridículo argumentar que um único homem é mais santo, sabendo que ele pode não ser, do que um Concílio, qualquer que seja esse Concílio. Eu poderia facilmente responder ao que ele alega de Epifânio e do Concílio de Elvira contra as imagens, mas como isso toca em um ponto controverso entre nós, que poderia nos causar problemas, eu remeto o leitor àqueles que expressaram e suficientemente. Quanto às opiniões de Doutores modernos, e não Pais ou Antigos, sobre o que eles diriam, não me comprometi a conciliar os Doutores e explicar todas as suas opiniões particulares, é suficiente para mim mostrar que não se encontrará nenhum Concílio geral contraditório na substância da fé. No restante de seu capítulo, ele se defende, mas não aborda um quarto dos reproches que lhe faço, e no que ele responde, nada justifica. Ele cita a história do Concílio de Niceia de acordo com um certo exemplar, mas sem mencionar o autor, e como algo não aprovado, aceito por todos, porque ele diz que está guardado na Itália e que ninguém o viu: essas palavras o tornam suspeito, então eu posso resistir a isso; mas mesmo que eu conceda isso como verdadeiro, não significa nada. Ele mostra que alguns queriam que os padres casados deixassem de viver com suas esposas, e que Pafnúcio argumentou contra isso, defendendo que as coisas permanecessem como estavam, na liberdade em que estavam. E eu, o que mais quero? Eu também digo isso. Assim narrado em meu livro. Qrildit concluiu sua história alegada, que por estas palavras se pode julgar se Paphnuce não foi contrário à permissão do casamento para os sacerdotes. Eu digo que não: pois não era de modo algum uma questão de permitir ou proibir o casamento para os sacerdotes, mas apenas se aqueles que estavam casados dormissem com suas esposas. Depois, ele disse que os sacerdotes casados na antiga Igreja, abstendo-se de suas esposas, não o faziam por voto. Isso não está proposto, não foi mencionado. Fol. 94, ele disse que não havia contradição nos Concílios. Ele não prova isso. E mesmo que fosse assim, não seria contra minha proposição, que considero que a fé, não a política, é relevante para a questão do casamento dos sacerdotes: mas em todo caso haveria apenas diversidade, não contradição, e diversidade legítima, considerando a diversidade das causas legítimas em um momento mais do que em outro. O discurso que ele faz sobre a lei da Igreja contra o casamento e a incontinência dos sacerdotes, baseado na pobreza de argumentos, não é mais do que uma fábula, sendo dito por ele sem autor ou fundamento. Ele cita contra mim o Concílio de Ancira, que permite aos diáconos se casarem após a ordenação diaconal, argumentando que eles o declaram ao receber a ordem. Respondo primeiro que isso é verdade, como eu frequentemente disse. Que esses cânones particulares podem errar, são corrigidos pelos cânones gerais, mas sem querer rejeitar o Cânone do referido Concílio particular, mas para explicá-lo, mostrando que ele age mais a meu favor do que contra, digo aqui várias coisas. 1. Que este cânone fala apenas dos diáconos, e não dos bispos e sacerdotes, para os quais

minha afirmação permanece bem confirmada. Que o diácono se casava depois de ter a licença do bispo, pois assim diz o referido cânone, e não porque estava na vontade do diácono, como o respondente quer argumentar, mas sim no julgamento e vontade do bispo em conceder ou não, conforme ele considerasse bom, útil ou necessário, não indiferentemente para todos. Esta licença era concedida antes do ministério, não depois. E não era permitido pedi-la ou concedê-la depois, e isso é o principal a ser dito. 4. Era como um contrato especial ou dispensa contra a lei pública, o direito comum que ordenava de outra forma. E antes do referido Concílio, ou seja, o 16º Cânone dos Apóstolos, toda a Igreja primitiva; logo depois, ou seja, o Concílio de Niceia. 1. Como mostrei em meu livro, citando a versão de Muscule, grande entre os cismáticos; e muito tempo depois, ou seja, o Cânone 6 do Concílio 6º Geral, ordenou o contrário. 5. Deve-se considerar que este Cânone e o Concílio de Ancira foram realizados durante as grandes perseguições de Diocleciano, e quando, com a ordenação diaconal, as pessoas que se casavam se expunham ao martírio, este medo de se casar foi o motivo que levou o Concílio a ser tão indulgente com os diáconos associados, com medo de que se tornassem inimigos dos cristãos. No entanto, todas essas considerações não têm mais relevância. Isso não nos prejudica ao dizer que Tertuliano era casado, pois ainda concordamos com ele, embora eu acrescente que cerca de cem anos após Tertuliano, não houvesse mais sacerdotes casados na Igreja. Ainda existem muitos deles na Grécia, mas eles se casavam antes de serem aceitos no ministério, esse é o ponto da disputa, o qual ele não aborda, a não ser para confirmar minha afirmação com argumentos que estão a meu favor, então ele é perspicaz. Além disso, ele finge não saber que o mencionado Tertuliano se separou da cama de sua esposa assim que se tornou sacerdote. Quanto ao que ele diz sobre os cânones, e assim por diante, que são atribuídos ao Concílio 6º Geral de Constantinopla, eu poderia com razão devolvê-lo ao que foi recentemente dito sobre o "habere librum", não dizer nada disso, porque com isso ele não prova nada contra minha tese: pois, por um lado, eu disse a ele que a questão do celibato não afeta a substância da fé, e por outro lado, não assumi a tarefa de conciliar os cânones quanto à política. Embora não seja difícil para mim, considerando a diversidade de tempos e circunstâncias, sustentar que nem os Papas nem seus aderentes poderiam encontrar contradição ou diversidade na fé; e o respondente deveria se ater aos termos da questão. No entanto, para que todos possam entender melhor sua boa vontade, pode-se dizer com verdade que há quase tantas mentiras em suas palavras quanto há palavras. Ele diz que no 11º Cânone o casamento é proibido para os sacerdotes. O que é falso, pois este Cânone não fala dos sacerdotes, mas apenas dos bispos, e não proíbe o casamento, isso é absurdo. Nunca se viu um bispo na Igreja Católica se casar, nunca se viu, mas proíbe aos bispos a coabitação carnal com suas esposas, as quais haviam espousado antes da ordenação. Ele apenas diz que no 11º Cânone o referido Cécile reprovava a Igreja Romana. Por que ela condena os casamentos contraídos após a ordenação: isso é falso, pois o referido Cânone nem todo o Cécile diz nada sobre isso; a leitura não pode ser confiável. E muito longe disso, que o Concílio aprova os casamentos contraídos após a ordenação, que eles os promulgaram solenemente em um Cânone 6, alegando a constituição dos Apóstolos. Este é o

ditado de Humbert & de SurnK. é uma pura impostura, assim como ele diz de Pighius Gòthùs. Tôrnensis. Porque, pelo contrário, o primeiro nega que todos os Cânones atribuídos a esse Concílio sejam autênticos; e os outros sustentam que este Câne foi corrompido pelos Gregos, como eles mostram ter corrompido os Concílios gerais, e nenhum deles sustenta que a questão do celibato seja de substância da Fé, como também a correspondência nunca o provará. Mas deixemos isso cobrir-se, como um hérisson de mentiras, pois a verdade lhe é tão inimiga, e conhecemos bem esse padrão de seu espírito, pela garra do leão.